

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GERONTOLOGIA

Clarita Souza Baroni Silveira

**A PESSOA IDOSA NO ENSINO SUPERIOR PÚBLICO: PERFIL,
MOTIVAÇÕES E EXPECTATIVAS**

Santa Maria, RS
2020

CLARITA SOUZA BARONI SILVEIRA

**A PESSOA IDOSA NO ENSINO SUPERIOR PÚBLICO: PERFIL, MOTIVAÇÕES E
EXPECTATIVAS**

Dissertação de mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Gerontologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestra em Gerontologia**.

Orientadora: Miriam Cabrera Corvelo Delboni
Coorientador: Marco Aurelio de Figueiredo Acosta

Santa Maria, RS
2020

Silveira, Clarita Souza Baroni
A pessoa idosa no ensino superior público: perfil,
motivações e expectativas. / Clarita Souza Baroni
Silveira.- 2020.
129 p.; 30 cm

Orientadora: Miriam Cabrera Corvelo Delboni
Coorientador: Marco Aurelio de Figueiredo Acosta
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências da Saúde, Programa de Pós
Graduação em Gerontologia, RS, 2020

1. Envelhecimento 2. Velhice 3. Pessoa Idosa 4.
Ensino Superior I. Delboni, Miriam Cabrera Corvelo II.
Acosta, Marco Aurelio de Figueiredo III. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

Declaro, CLARITA SOUZA BARONI SILVEIRA, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Dissertação) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

CLARITA SOUZA BARONI SILVEIRA

A PESSOA IDOSA NO ENSINO SUPERIOR PÚBLICO: PERFIL, MOTIVAÇÕES E EXPECTATIVAS

Dissertação de mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Gerontologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestra em Gerontologia**.

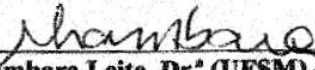
Aprovado em 11 de Agosto de 2020:



Miriam Cabrera Corvelo Delboni, Dr.^a (UFSM)
(Presidente/ Orientadora)



Sílvia Virginia Coutinho Areosa, Dr.^a (UNISC) - Parecer



Marinês Tambara Leite, Dr.^a (UFSM) - Parecer

Santa Maria, RS
2020

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho ao meu filho, Enzo, que me mostrou a força que havia em mim.
Força que nem sabia existir.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela oportunidade da existência e do aprendizado. Aprendizado também de vida.

Ao meu companheiro de vida, de caminhada e de crescimento, Cristiano, por ser incansável e por me ajudar a perceber o que realmente tem valor.

Agradeço ao professor Marco Acosta pela acolhida no Grupo de Estudos e Pesquisas em Gerontologia (GEPEG) e pelo desafio da coorientação.

Agradeço imensamente à professora Miriam Delboni por me acolher na orientação e pelas inúmeras e incansáveis contribuições a essa jornada.

Às professoras Silvia Areosa e Marinês Leite e ao professor Gustavo Duarte pelas contribuições, inquietações, reflexões e inspirações.

À Pró-reitoria de Assuntos Estudantes que me permitiu o afastamento das atividades laborais para que me dedicasse à pesquisa e ao aperfeiçoamento profissional.

– *Quem estará nas trincheiras ao teu lado?*
– *E isso importa?*
– *Mais do que a própria guerra.*

(Ernest Hemingway)

RESUMO

A PESSOA IDOSA NO ENSINO SUPERIOR PÚBLICO: PERFIL, MOTIVAÇÕES E EXPECTATIVAS

AUTORA: Clarita Souza Baroni Silveira
ORIENTADORA: Miriam Cabrera Corvelo Delboni
COORIENTADOR: Marco Aurelio de F. Acosta

O fenômeno do envelhecimento populacional, observado em países desenvolvidos e em desenvolvimento, como o Brasil, cada vez mais tem desafiado as políticas públicas no atendimento às demandas específicas desse novo ator social: a pessoa idosa. A gerontologia, enquanto área do conhecimento científico, que se ocupa da compreensão dos fatores multidimensionais que engendram o envelhecimento humano tem apontado cada vez mais para a necessidade de se compreender as determinações sociais desse processo. A escolaridade tem assumido centralidade das discussões na gerontologia como indicador de proteção na velhice. Contudo, em um cenário em que o analfabetismo assume estreita vinculação com o segmento etário envelhecido, se observa o discreto, porém gradativo aumento da população idosa no ensino superior. Desse modo, o presente estudo partiu da necessidade de ampliar a discussão sobre a inserção da pessoa idosa enquanto estudante no ensino superior. A partir de então, a intenção desta pesquisa se consistiu em caracterizar a situação das matrículas de estudantes idosos em cursos superiores em uma Instituição Federal de Ensino Superior; caracterizar o perfil sociodemográfico de estudantes idosos matriculados em cursos superiores em uma Instituição Federal de Ensino Superior; identificar as motivações, os desafios e as expectativas de estudantes idosos em seu ingresso no ensino superior, por meio de lexicografia básica. Por meio de uma abordagem quali-quantitativa buscou-se, na fase quantitativa do projeto, delinear a situação das matrículas dos estudantes idosos vinculados a uma Instituição Federal de Ensino Superior entre 2016 a 2019 (população = 57). A partir desse levantamento, os estudantes (amostra = 34) responderam ao questionário *Brazil Old Age Schedule* que possibilitou mensurar variáveis como: sexo, idade, estado civil, cidade de origem, composição familiar, renda familiar, situação de moradia, situação ocupacional e nível de escolaridade. Os dados foram armazenados em planilha do *Microsoft Excell*[®], analisados pelo *software* SPSS[®] e, posteriormente, apresentados em tabela com média, desvio padrão e mediana. Durante a segunda fase da pesquisa (qualitativa) realizou-se uma entrevista semiestruturada com alguns estudantes (n=9) que buscou compreender as motivações para o ingresso no ensino superior, os desafios enfrentados no contexto acadêmico e as expectativas em relação ao curso escolhido. Os dados das entrevistas foram analisados a partir do *software IRAMUTEQ*. Os resultados evidenciaram um perfil diferenciado dos estudantes que em sua maioria são homens, com idade média de 62 anos e ingressaram por meio de processo seletivo. Ainda, grande parte possuía outra graduação e referia satisfação com a vida de modo geral. Verificou-se que muitos estudantes voltaram à universidade após a aposentadoria, seja para realizar uma segunda graduação, seja para concluir cursos iniciados e interrompidos, vivenciando a experiência acadêmica na velhice de uma maneira diferenciada, buscando novos conhecimentos e ressignificando essa nova etapa de suas vidas.

Palavras-chave: Envelhecimento. Velhice. Pessoa Idosa. Ensino Superior.

ABSTRACT

THE ELDERLY PERSON IN PUBLIC COLLEGE EDUCATION: PROFILE, MOTIVATION AND EXPECTATION

AUTHOR: Clarita Souza Baroni Silveira
ADVISOR: Marco Aurelio de F. Acosta
ADVISOR: Miriam Cabrera Corvelo Delboni

The phenomenon of population aging observed in developed countries and also those in development, like Brazil, have defied more and more the public policies in attending the specific demands of his new social actor: the elderly person. Gerontology as an area of scientific knowledge busy with the comprehension of multidimensional factors that dream up human aging has pointed out the necessity of understanding the social determinations of this process even more. Schooling level has assumed the centrality of the discussions in gerontology as an indicator of protection to the elderly. However, in a scenario in which illiteracy takes on narrow bonds with the aging segment we notice discreet but gradual increasing of the aged population in college. Thus, the present study started from the necessity of enlarging the discussion about the entry of elderly people while college students. So, the purpose of this research was described the enrollment situation of elderly students in degree courses at a Federal Institution of Higher Education; to characterize the sociodemographic profile of elderly students enrolled in degree courses at a Federal Institution of Higher Education; identify the motivations, the challenges and the expectations of the elderly people that joins College, through basic lexicography. From a qualitative and quantitative approach we have searched for an outline of the situation of the enrollment of the elderly students linked to a federal institution from 2016 to 2019 (population=57). From this survey the students (sample=34) answered to Brazil Old Age Schedule that permitted measuring variables like sex, age, marital status, city of origin, family composure, family income, home situation occupation and scholar studies. The data were stored in a Microsoft Excell® spreadsheet and, later, analyzed by the SPSS® software and presented in a table with mean, standard deviation and median. During the second stage of the research (qualitative) a semi-structured interview was held with some students (n=9) to understand the motives that led to the entrance in college, the challenges faced in academic context and the expectations related to the course chosen. The data were analysed from Software IRAMUTEQ on. The results proved a different profile of the students that were mostly men, ages of 62 that entered by a selective process. Still, a great number had graduation and referred to having satisfaction in life in general. We verified that many students returned to university after retiring, mostly to have a second graduation or to conclude courses started and interrupted, living the academic experience in old ages in a different manner, looking for new knowledge and giving also a new meaning to this time of their lives.

Key words: Aging. Old Age. Elderly Person. Higher Education.

LISTA DE FIGURAS

METODOLOGIA

Figura 1 – Diagrama da fase quantitativa da pesquisa.48

Figura 2 – Diagrama da fase qualitativa da pesquisa49

ARTIGO 1

Figura 1 – Número de matrículas por ano de ingresso61

Figura 2 – Situação das matrículas62

ARTIGO 3

Figura 1 – Análise de texto IRAMUTEQ – nuvem de palavras..... 89

LISTA DE TABELAS

ARTIGO 1

Tabela 1 – Distribuição dos estudantes por área de concentração dos cursos 59

Tabela 2 – Distribuição dos estudantes pela forma de ingresso na instituição 60

Tabela 3 – Distribuição total dos estudantes por área de concentração dos cursos 61

ARTIGO 2

Tabela 1 – Distribuição da amostra segundo variáveis sociodemográficas..... 71

Tabela 2 – Avaliação das variáveis numéricas 72

Tabela 3 – Avaliação da renda dos entrevistados 73

Tabela 4 – Associação da variável contínua com o perfil sociodemográfico..... 75

Tabela 5 – Associação da variável “satisfação com a vida de modo geral” com as variáveis de perfil sociodemográfico. 76

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Resumo das terminologias e definições	37
Quadro 2 – Matrículas no ensino superior de estudantes com idade igual ou superior a 60 anos (2017).....	45

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BOAS	<i>Brazil Old Age Schedule</i>
CAAE	Certificado de Apresentação para Apreciação Ética
CEFD	Centro de Educação Física e Desportos
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
COVID-19	Doença de Coronavírus - 2019
CPD	Centro de Processamento de Dados
DERCA	Departamento de Registro Acadêmico
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
ESPIN	Emergência em Saúde Pública de Interesse Nacional
GAP	Gabinete de Projetos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IES	Instituições de Ensino Superior
IFES	Instituições Federais de Ensino Superior
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
IRAMUTEQ	<i>Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires</i>
NETI	Núcleo de Estudos da Terceira Idade
NIEATI	Núcleo Integrado de Estudos e Apoio à Terceira Idade
OMS	Organização Mundial da Saúde
PEA	População Economicamente Ativa
PROGRAD	Pró-reitoria de Graduação
SESC	Serviço Social do Comércio
SISU	Sistema de Seleção Unificada
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
U3I	Universidade da Terceira Idade
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	25
1.1	OBJETIVOS	27
1.1.1	Objetivo geral	27
1.1.2	Objetivos específicos	27
2	REVISÃO DE LITERATURA	29
2.1	A GERONTOLOGIA E O ENVELHECIMENTO HUMANO	29
2.2	A GERONTOLOGIA E EDUCAÇÃO	33
2.3	O ENVELHECIMENTO NO CONTEXTO BRASILEIRO E A GERONTOLOGIA EDUCACIONAL	38
2.4	GERONTOLOGIA EDUCACIONAL: ALGUNS APONTAMENTOS DA PESQUISA ACADÊMICA	42
2.5	NOTAS CONCLUSIVAS	45
3	METODOLOGIA	47
3.1	DESENHO DO ESTUDO.....	47
3.2	PROCEDIMENTOS TÉCNICOS	49
3.3	PARTICIPANTES	52
3.4	CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO	52
3.4.1	Critérios de inclusão	52
3.4.2	Critérios de exclusão	52
3.5	ANÁLISE DOS DADOS	52
3.6	ASPECTOS ÉTICOS	54
4	ARTIGO 1 – NUNCA É TARDE PARA APRENDER: UM RETRATO DA SITUAÇÃO DAS MATRÍCULAS DE IDOSOS EM UMA UNIVERSIDADE NO SUL DO BRASIL	55
5	ARTIGO 2 – ESTUDANTES IDOSOS NO ENSINO SUPERIOR: O PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO E A SATISFAÇÃO COM A VIDA	67
6	ARTIGO 3 – DOS DESAFIOS ÀS EXPECTATIVAS: O RELATO DE ESTUDANTES IDOSOS NO ENSINO SUPERIOR PÚBLICO	85
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
	REFERÊNCIAS	101
	APÊNDICE A – AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL DA PROGRAD	109
	APÊNDICE B – AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL DO DERCA	111
	APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO <i>BRAZIL OLD AGE SCHEDULE</i>	113
	APÊNDICE D - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	121
	APÊNDICE E – Termo de Confidencialidade	123
	APÊNDICE F – Emenda 1	125
	APÊNDICE G – Emenda 2	127
	ANEXO A – ROTEIRO DE ENTREVISTA ESTRUTURADA	129

1 INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional tem sido compreendido como um fenômeno complexo propiciado um quadro de declínio gradativo das taxas de fecundidade, acarretando a redução da proporção de crianças no total da população, além de uma diminuição dos óbitos nesta faixa etária reforçada pela redução das mortes causadas por doenças infectocontagiosas (CAMARANO; KANSO; FERNANDES, 2016).

Considerando que, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Brasil encontra-se em um acelerado envelhecimento demográfico, inúmeros são os desafios se impõem tanto para os indivíduos que envelhecem quanto para as famílias, para a sociedade e para as políticas públicas (IBGE, 2015). Esses desafios se intensificam ao verificar-se que o grupo formado por idosos é o único que se encontra em franco crescimento, cujas projeções estimam que em 2050 haja 68,1 milhões de pessoas com 60 anos ou mais (CAMARANO, 2014). Diante disso, nunca foi tão pertinente compreender as condições nas quais a velhice se desenvolve.

No que se refere à escolaridade, a velhice no Brasil ainda apresenta grande vinculação com o analfabetismo, uma vez que quanto mais envelhecido é o grupo etário, maior é a proporção de analfabetos. Em vista disso, a taxa de analfabetismo entre as mulheres com 60 anos ou mais (19,1%) supera a dos homens (18%). Dessa maneira, apesar dos índices terem apresentado declínio, as mulheres ainda encontram-se mais afetadas pelas disparidades educacionais do que os homens. Em relação à raça/ cor, essas diferenças, como esperado, recrudescem (IBGE, 2019).

Em um cenário onde apenas 4,5% das Instituições de Ensino Superior (IES) são mantidas pelo governo federal alocando 15,76% dos estudantes matriculados nas Instituições Federais de Ensino Superior (IFES), ou seja, pouco mais de 1,3 milhões de estudantes (INEP, 2018), falar sobre a velhice implica em, necessariamente, falar sobre o conjunto de situações sociais, culturais e econômicas que a determinam. Ao considerarmos a defesa da educação voltada para as pessoas idosas, sobressaem-se algumas disparidades que não podem ser desatentadas.

Notadamente, a realidade brasileira é marcada por contrastes, principalmente no que tange à educação. Embora ainda pequeno, o número de estudantes idosos em cursos de graduação vem crescendo gradativamente conforme evidenciam os dados obtidos pelo INEP (2018). Dos cerca de 8,28 milhões de estudantes matriculados em cursos de nível superior no Brasil, em 2017, a presença de estudantes com idade igual ou superior a 60 anos somava qua-

se 27 mil (INEP, 2018). Assim, por se configurar em uma demanda nova para a educação e, principalmente, para o campo da gerontologia, se faz necessário refletir: quem são esses estudantes que ingressam no ensino superior e, em específico, no setor público?

A relevância da educação para os idosos tem sido salientada como uma via de atualização de informações, de aquisição de novos papéis sociais e conhecimentos, mas também como uma via possível para a inserção e a participação social. Desse modo, a educação na velhice é tida como compromisso social com os excluídos e com os sujeitos marginalizados do processo de escolarização, propiciando a emancipação, a liberdade, a satisfação social além da qualidade de vida para os idosos (OLIVEIRA; SCORTEGAGNA; SILVA, 2016).

As trajetórias tardias de estudantes idosos no ensino superior no Brasil, analisadas a partir de um levantamento das produções acadêmicas entre 2003 e 2017, demonstraram que o tema ainda carece de discussões e que, comumente, a conexão entre o idoso e o ensino superior tem sido, tradicionalmente, por meio das Universidades Abertas à Terceira Idade (REIS; MEIRA; MOITINHO, 2018).

Assim, o presente trabalho preocupou-se em analisar o ingresso de estudantes idosos no ensino superior público a partir do perfil sociodemográfico, das motivações para ingresso e dos desafios vivenciados no contexto acadêmico. Para tanto, pesquisou-se a situação das matrículas em uma instituição pública do ensino superior localizada no interior do Rio Grande do Sul. A partir de uma metodologia quanti-qualitativa, a pesquisa foi estruturada em duas fases. A primeira preocupou-se em analisar os dados quantitativos das matrículas realizadas entre 2016 e 2019, seguida da aplicação de questionário multidimensional *Brazil Old Age Schedule* (BOAS) para delinear o perfil dos estudantes idosos. A segunda fase se ocupou em analisar os dados qualitativos a partir de entrevista semiestruturada. Os resultados da pesquisa foram apresentados em três artigos.

O primeiro artigo intitulado “Nunca é tarde para aprender: um retrato da situação das matrículas de pessoas idosas em uma universidade do sul do Brasil” apresenta a discussão sobre a situação das matrículas a partir dos dados secundários. O segundo artigo, “Estudantes idosos no ensino superior: o perfil sociodemográfico e a satisfação com a vida” apresenta a discussão dos resultados obtidos a partir do questionário multidimensional *Brazil Old Age Schedule* (BOAS) correlacionando os resultados com a qualidade de vida dos estudantes. E, por fim, o último artigo intitulado “Dos desafios às expectativas: o relato de estudantes no ensino superior público” buscou compreender as motivações desses estudantes para ingressar na universidade, bem como os desafios que encararam no percurso acadêmico e suas expectativas com relação ao curso.

Por fim, as considerações gerais do presente trabalho apontam as discussões centrais dos artigos em torno dos objetivos deste estudo, identificando as limitações e enfatizando as contribuições da pesquisa para o meio acadêmico.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral

Analisar o ingresso dos estudantes idosos em cursos regulares de uma instituição pública de ensino superior.

1.1.2 Objetivos específicos

- Caracterizar a situação das matrículas de estudantes idosos em cursos superiores de uma Instituição Federal de Ensino Superior (IFES);
- Caracterizar o perfil sociodemográfico de estudantes idosos matriculados em cursos superiores de uma Instituição Federal de Ensino Superior (IFES);
- Identificar as motivações, os desafios e as expectativas de estudantes idosos em seu ingresso no ensino superior.

2 REVISÃO DE LITERATURA

O aumento da expectativa de vida da população tem despertado o interesse de pesquisadores em compreender as condições nas quais o envelhecimento humano tem se desenrolado. Ao passo em que muitas pessoas estão vivendo mais e com melhor qualidade de vida, progressivamente os idosos e as idosas estão se apropriando de espaços sociais anteriormente impensados, como é o caso das universidades. Assim, essa revisão de literatura pretende percorrer o caminho da formação do campo da gerontologia até a inserção dos estudantes idosos no espaço da educação superior no Brasil.

A partir da revisão narrativa da literatura sobre o assunto pesquisou-se além de obras, os artigos científicos na biblioteca Scielo – *Scientific Electronic Library Online* e no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) publicados entre 2010 e 2020. Para a pesquisa foram utilizados os descritores: “idoso”, “terceira idade”, “pessoa idosa”, “universidade”, “ensino superior”, “gerontologia educacional” e “educação gerontológica”. Em razão de que os autores Peterson (1976, 1980), Glendenning (1983, 1991, 1993), Lemieux e Martinez (2000) e Formosa (2002, 2012) foram citados por diversos outros autores pesquisados, decidiu-se por utilizá-los nessa revisão sobre a gerontologia educacional.

2.1 A GERONTOLOGIA E O ENVELHECIMENTO HUMANO

A trajetória da gerontologia como campo de conhecimento empreendeu sua jornada com as discussões suscitadas na transição do século XIX para o século XX. A velhice, assim, decorrência natural do processo de envelhecimento, consistia tanto no enfraquecimento das funções como no aparecimento de doenças degenerativas. Ellie Metchnikoff, desse modo, lançou seu olhar sobre o envelhecimento humano e, conseqüentemente, sobre a gerontologia a partir das possibilidades da ciência para o prolongamento da vida (PAPALÉO NETTO, 2013).

Porém, Ignatz Nascher introduziu o termo geriatria desenvolvendo as bases clínicas para a separação da velhice enquanto uma fase singular do curso de vida, enfatizando os processos de degeneração tecidual e celular. Ainda constatou que, ao contrário do que era observado em fases iniciais da vida, com o envelhecimento do organismo a atividade celular tendia a apresentar maior lentidão (PAPALÉO NETTO, 2013).

A associação entre a velhice e o declínio do corpo serviu deste modo, como mola propulsora tanto para os estudos sobre o envelhecimento humano quanto para as pesquisas na

área da gerontologia até as primeiras décadas do século XX, principalmente, sustentadas por teorias biológicas que determinaram o declínio e a degeneração dos organismos. Sendo resultado de processos aleatórios ou condicionado por processos intracelulares, tais eventos seriam responsáveis por determinar o mesmo desfecho para os indivíduos: a morte (GUARIENTO et al., 2013).

Posteriormente, com a contribuição de diversos estudiosos, a gerontologia se constituiu como um campo de saber plural, a partir da relação mútua de conhecimentos, sendo, portanto, marcada por uma característica que a constitui até hoje: a interdisciplinaridade. Considerada, assim, como uma ciência interdisciplinar a gerontologia se propôs a estudar o processo de envelhecimento a partir das dimensões psicológica, sociocultural e biológica (ALBUQUERQUE; CACHIONI, 2013).

Como disciplina, o campo ainda possui três ramificações. A primeira, a *gerontologia social*, seria o ramo que se ocupa em compreender os aspectos antropológicos, psicológicos e sociais do envelhecimento humano. A *gerontologia biomédica* ou *biogerontologia* dirige sua atenção aos fatores intrínsecos do envelhecimento, isto é, aqueles determinados pela base genética. E, por último, a *geriatria* centra suas preocupações nos aspectos curativos e preventivos de saúde associados à idade (PAPALÉO NETTO, 2013).

Na contemporaneidade, a idade tem balizado tanto os ciclos como as trajetórias de vida sendo utilizado como critério para a organização da divisão do trabalho e para circunscrição de direitos e deveres (MOTTA, 2012). A falta de consenso biológico para determinar o início da velhice resultou que sua delimitação é atribuída pelo limite de idade estabelecido por parâmetros legais. No Brasil, o idoso é considerado qualquer indivíduo com idade igual ou superior a 60 anos (BRASIL, 2003).

Outro aspecto que também tem suscitado amplas discussões refere-se ao envelhecimento populacional. Esse fenômeno, presente em diversos países, tem ocorrido a partir do aumento da proporção idosa na composição total da população. Do ponto de vista demográfico, o envelhecimento populacional se desenvolveu, tanto na realidade brasileira como nos demais países, em decorrência da manutenção de taxas de crescimento da população idosa superiores às da população mais jovem por um período de tempo razoavelmente longo (CAMARANO; KANSO, 2013).

Diante do fenômeno do envelhecimento populacional, a pesquisa em gerontologia tem empreendido diversos esforços em compreender múltiplos aspectos relacionados à velhice. O *envelhecimento primário* seria, portanto, aquele geneticamente determinado e, por isso, intrínseco a todas as pessoas. Por outro lado, o *envelhecimento secundário* decorreria de

fatores cronológicos, geográficos e culturais e que, por isso, assumiria uma variabilidade muito grande entre os indivíduos. Desse modo, a *senescência* ou *senectude* resultaria do somatório das alterações, sejam orgânicas, funcionais e psicológicas que são inerentes ao envelhecimento. Porém, a *senilidade* ocorreria a partir da existência de determinadas afecções que acometem a pessoa idosa, resultando em sua morte (PAPALÉO NETTO, 2013).

De acordo com Dato et al. (2017), na tentativa de desvendar a contribuição genética para a longevidade humana, vários estudos longitudinais foram conduzidos nas últimas décadas, principalmente, envolvendo irmãos gêmeos, o que permitiu aos pesquisadores estimar que aproximadamente 25% da variação na longevidade humana se devem a fatores genéticos os quais exercem maior influência sobre os homens do que sobre as mulheres. Assim, recairia sobre os fatores epigenéticos e ambientais a responsabilidade precípua sobre a modulação do envelhecimento.

Essa assertiva contribuiu fortemente para a construção de um consenso dentro das ciências do envelhecimento que confirma ser este um processo dinâmico e progressivo, marcado por alterações morfológicas, funcionais, bioquímicas e psíquicas as quais acarretam perdas na capacidade adaptativa dos indivíduos ao seu ambiente, tornando-os progressivamente mais incapazes e vulneráveis a processos patológicos cuja culminância é a morte (PAPALÉO NETTO, 2013).

Nessa perspectiva, as contribuições cooperaram para compreender que são as condições objetivas de vida, fruto do lugar que cada um ocupa nas relações de produção e reprodução social, que irão determinar o modo pelo qual homens e mulheres envelhecem. Igualmente, não se podem universalizar essas características porque homens e mulheres não vivem e não se reproduzem como iguais ou, dito de outra maneira, não é para todas as classes sociais que o envelhecimento irá promover isolamento, exclusão das relações sociais, do espaço público, dentre outras problemáticas (TEIXEIRA, 2017). O reconhecimento de que o envelhecimento, portanto, é multidimensional e multifatorial, colaborou para a apropriação da questão a partir da perspectiva multidisciplinar a qual tentou imprimir as contribuições de diferentes áreas do conhecimento na compreensão sobre o envelhecimento humano.

Um dos primeiros modelos mais difundidos na área da gerontologia é o modelo de *envelhecimento bem-sucedido* compreendeu o envelhecimento a partir de uma dupla distinção: (1) *envelhecimento usual* no qual as perdas associadas ao envelhecimento (não patológicas) levariam à uma tendência natural ao declínio e com alto risco de morte, enquanto que (2) o *envelhecimento bem-sucedido* seria aquele decorrente de fatores modificadores os quais poderiam exercer um papel positivo no envelhecimento saudável e, portanto, reduziriam

ou minimizariam as perdas por meio de intervenções. O modelo se baseava na prevenção de doenças e incapacidades, manutenção das capacidades físicas e mentais e engajamento social. (KATZ; CALASANTI, 2015).

No entanto, outras áreas do conhecimento como a psicologia e a sociologia também imprimiram as suas visões a respeito da velhice e de seu processo. A partir da contribuição das diferentes áreas do conhecimento pode se construir uma visão ampliada sobre os aspectos que influenciam o envelhecimento humano. Um paradigma que contribuiu significativamente para o conhecimento sobre o envelhecimento alterando a associação entre a velhice e o declínio surgiu na área da psicologia com o paradigma *lifespan*. O precursor dessa teoria, Baltes, defendeu que o desenvolvimento das capacidades cognitivas ocorre durante toda a vida e, inclusive, na velhice uma vez que o equilíbrio entre as limitações e as possibilidades pode ser otimizado por meio de intervenções ou pela disponibilidade e pelo acesso a recursos culturais auxiliando na capacidade adaptativa das pessoas mais velhas (SCORALICK-LEMPKE; BARBOSA, 2012).

Corroborando com essa perspectiva, Sánchez (2015) defendeu que foram os construtos psicológicos que promoveram o gatilho necessário para sustentar a existência de um potencial de mudança e de aprendizagem no campo da cognição na velhice. Em oposição à tradicional alegação de que o investimento na educação em idades mais tardias, como ocorre na velhice, não pode mais ser defendido do ponto de vista de que os declínios funcionais inerentes ao avanço da idade impossibilitariam qualquer ganho cognitivo. Desse modo, essa perspectiva é responsável por provocar uma mudança na maneira como o envelhecimento até então era encarado (SÁNCHEZ, 2015).

Outro modelo bastante difundido foi o *envelhecimento ativo* que, elaborado pela Organização Mundial de Saúde (OMS), consistiu em um paradigma de intervenção para as políticas públicas destinadas às pessoas idosas objetivando que estas possam usufruir de uma expectativa de vida saudável e ativa, considerando que existe uma tendência à concentração de pessoas idosas em países em desenvolvimento e, por isso, em condições de vida bastante diversas. A meta fundamental do envelhecimento ativo é equacionar a velhice dos sujeitos com autonomia (capacidade que os indivíduos possuem de controlar e tomar decisões) e independência (capacidade de viver de maneira independente com alguma ou nenhuma ajuda de terceiros). Esse modelo sustenta-se na participação social, na saúde e na segurança dos sujeitos envelhecidos enquanto fatores determinantes do envelhecimento ativo (BÁRRIOS; FERNANDES, 2014).

Por fim, outro constructo que tem assumido relevância para compreender as condições que cercam o envelhecimento humano é o conceito de *determinantes sociais de saúde*. Esse modelo conceitual se orienta a partir da compreensão de que as situações de vida e de saúde de indivíduos e coletividade são determinadas pelo contexto e pelas condições sociais nas quais se inserem. O modelo proposto por Dahlgren e Whitehead dispôs os determinantes em diferentes camadas, desde os macrodeterminantes, aqueles relacionados às condições sociais, econômicas, culturais e ambientais gerais, até os determinantes proximais, tais como estilo de vida dos indivíduos, idade, sexo e fatores hereditários (SOBRAL; FREITAS, 2010).

Geib (2012) ainda ressalta que a realidade brasileira, dado o contexto social e econômico, é reconhecidamente injusta e desigual. As disparidades de renda, de condições de vida e de trabalho, de acesso à educação entre outras são alguns dos exemplos do descompasso que estão presentes no Brasil. Essas desigualdades assumem caráter mais dramático agravando a exclusão social de alguns grupos populacionais, como é o caso dos idosos. Ao passo em que educação é considerada o caminho mais eficaz para romper com uma realidade social desfavorável, a situação social da velhice no Brasil é marcada pelo analfabetismo e baixa escolaridade o que demonstra a susceptibilidade desse segmento a situações de vulnerabilidade (GEIB, 2012).

2.2 A GERONTOLOGIA E EDUCAÇÃO

Na busca por compreender de que maneira a educação e o envelhecimento se constituíram como área de estudo dentro do campo da gerontologia, inicialmente, buscou-se refazer o percurso e a caminhada empreendidos. Desse modo, estabeleceu-se uma revisão narrativa do tema em questão buscando referências em autores que consolidaram a área da gerontologia educacional – Peterson (1976; 1980), Glendenning (1983; 1991; 1993), Lemieux e Martinez (2000) e Formosa (2002; 2012).

A confluência do campo da gerontologia com a questão da educação voltada às pessoas mais velhas tem sua gênese bastante difusa, no entanto, Doll (2016) confirma que tanto a educação quanto a gerontologia conseguiram ampliar suas bases teóricas e estabelecer pontos de intersecção comuns às duas áreas, o que ocorreu durante a segunda metade do século XX.

No início da década de 1970, o termo gerontologia educacional foi concebido institucionalmente como um Programa de Pós-graduação vinculado à Faculdade de Educação na Universidade de Michigan, nos Estados Unidos (PETERSON, 1976) como resultado do domínio das ciências da educação sobre a centralidade das discussões a respeito da educação

de adultos¹, da educação continuada² e da educação permanente³. No entanto, é no campo da gerontologia que o norte-americano Peterson (1976) propôs uma nova perspectiva para a conexão entre a educação e o envelhecimento.

O autor definiu o campo da *gerontologia educacional* como o ramo da especialização da gerontologia dedicado ao estudo e à prática de ações educacionais com foco para e sobre o envelhecimento e os indivíduos envelhecidos. A partir de uma revisão de literatura, Peterson se deparou com uma indefinição de parâmetros para o campo o que fez com que apresentasse uma proposição inicial sobre a área para que se iniciassem os debates e discussões acerca de uma conceituação (PETERSON, 1976). A proposta do autor condensou em três grandes áreas a atenção dessa especialização, ou seja, (1) iniciativas educacionais voltadas às pessoas de meia idade e mais velhas, (2) iniciativas educacionais para um público em geral ou específico sobre envelhecimento e idosos e, por fim, (3) a preparação educacional de pessoas que trabalham ou pretendem trabalhar no atendimento de pessoas idosas (PETERSON, 1976).

Dessa forma, a gerontologia educacional iniciou seu desenvolvimento a partir da confluência da educação de adultos e da gerontologia social. Contudo, por se tratar de um campo de discussão ainda incipiente, a gerontologia educacional precisaria percorrer sua própria caminhada em busca de maior rigor teórico (PETERSON, 1976).

Alguns anos mais tarde a discussão sobre a gerontologia educacional é retomada e sua concepção expande passando a abranger também as atividades e os estudos que decorrem da interface entre a educação e a gerontologia relacionando-se com as tentativas instrucionais de melhorar a qualidade de vida nos anos finais. Seria desse modo, a tentativa de desenvolver e aplicar o que é conhecido sobre o envelhecimento e a educação com o objetivo de melhorar a qualidade de vida da população idosa (PETERSON, 1980).

Voltada, desse modo, para diferentes públicos, a gerontologia educacional também receberia uma divisão de acordo com as diferentes finalidades e/ou funções. A primeira função, categorizada como estudo (*study*), compreenderia a pesquisa e o ensino sobre as necessidades, a teoria, a filosofia e o ambiente em que as pessoas idosas atuam e as

¹ O Terceiro Relatório Global sobre Aprendizagem e Educação de Adultos define a educação de adultos como toda a “*aprendizagem e educação continuada formal, não formal e informal ou incidental (tanto geral quanto profissional, teórica e prática) realizada por adultos*” que, por diferentes razões, tiveram que abandonar o sistema educacional ou não o puderam acessar na idade adequada (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA, 2016).

² Na perspectiva gerontológica, a educação continuada refere-se à transmissão de conhecimentos científicos voltadas às categorias profissionais com ênfase na promoção de cursos e treinamento (PLACIDELI; RUIZ, 2015).

³ A educação permanente apoia-se numa concepção mais abrangente de educação transformadora e de aprendizagem significativa, centrada no processo de trabalho e na articulação como fonte de conhecimento (PLACIDELI; RUIZ, 2015).

implicações educacionais desse conhecimento. A segunda, definida como prática (*practice*), compreenderia o modelo, a implementação, a administração e a avaliação de programas instrucionais para pessoas mais velhas (PETERSON, 1980).

Não obstante as profundas discussões nos Estados Unidos, o termo gerontologia educacional não era de uso consensual na Grã-Bretanha até a década de 1980, bem como as pessoas preocupadas com a educação e, principalmente, com os idosos não se utilizavam dessa terminologia. A resistência em tratar a educação de pessoas mais velhas pelos agentes públicos ateve-se, em grande parte, ao fato de que esse posicionamento demandaria investimento de mais recursos públicos e pelo fato de que, historicamente, as pessoas idosas não eram notáveis consumidoras de serviços educacionais (GLEN DENNING, 1983; PETERSON, 1976).

Ao se deparar com o que acreditava ser uma das limitações da proposta de Peterson, Frank Glendenning empregou seus esforços em estabelecer uma distinção entre a gerontologia educacional e a educação gerontológica, baseando-se na categorização do primeiro autor e argumentando para uma diferenciação real e necessária, Glendenning distinguiu a focalização dos processos aprendizagem dos adultos maduros e idosos (*gerontologia educacional*) do ensino sobre a sociedade que envelhece, englobando a formação de recursos humanos (*educação gerontológica*) (DOLL, 2014).

No início da década de 1990, Glendenning (1991) retomou a discussão ampliando o debate sobre as perspectivas da estruturação desse campo de estudo. Suas reflexões concentradas no artigo *What is the future of educational gerontology* defendem a necessidade de investimentos em políticas públicas que promovam a educação formal durante a fase tardia da vida. No entanto, Glendenning frisa que talvez o grande entrave na consolidação da área da Gerontologia Educacional ainda residisse, sem dúvida, no fato de que não existia um consenso quanto ao uso de certas terminologias tanto entre a vertente britânica quanto a americana. Isso, sem dúvida, pode ter contribuído para o arrefecimento de discussões mais críticas para a área.

A compreensão sobre como os problemas sociais e a desigualdade econômica influenciam as diferentes formas pelas quais os indivíduos envelhecem possibilitou o desenvolvimento da *gerontologia educacional crítica* que teria se originado de duas grandes preocupações: (1) da preocupação radical em superar as opressões que enredam e determinam algumas pessoas idosas em uma perspectiva de ignorância, pobreza e impotência; (2) como uma reação à disposição acrítica e apolítica da Gerontologia Educacional Tradicional. Desse modo, a Gerontologia Educacional Crítica assumiria, então, uma postura distanciada dos paradigmas psicológico e funcionalista imperativos na Gerontologia Educacional Tradicional.

Sua intenção emancipatória parte de uma postura dialética e tem uma forte influência freireana (FORMOSA, 2002).

Glendenning também defendeu a proposta sobre uma necessária mudança de postura da gerontologia educacional, uma vez que os paradigmas convencionais conduziam, muitas vezes, a uma domesticação das pessoas idosas o que ia de encontro com a concepção de autonomia e emancipação dos sujeitos. Assim, a *gerontologia educacional crítica*, sustentando-se em uma teoria social crítica e na pedagogia crítica, seria capaz de conduzir os atores envolvidos a examinar a relação entre o conhecimento, o poder e o controle (GLEN DENNING, 1991; 1993).

Outro termo bastante discutido foi *gerogogia* definida como a área da gestão das estratégias de empregadas no ensino e na aprendizagem das pessoas idosas (FORMOSA, 2012). Contudo, tentando localizar esse ramo específico, Lemieux e Martinez, argumentaram que a raiz da palavra remete a sua associação com a geriatria o que, desse modo, legitimaria a afirmação de que a *geragogia* ou *gerogogia* ocupava-se da aprendizagem de idosos que apresentam algum déficit cuja atenção seja o foco da geriatria (LEMIEUX; MARTINEZ, 2000).

Lemieux e Martinez (2000) também estruturam suas contestações sobre os esforços da Gerontologia Educacional Tradicional em fornecer uma visão ampliada das múltiplas situações em que se encontram as pessoas idosas no contexto educacional. Os autores lançam alguns questionamentos, iniciando o discurso pelo próprio conceito de Gerontologia Educacional e referem que o termo pode ser compreendido como uma Pedagogia da Velhice, ou seja, o estudo multidisciplinar do ensino e aprendizagem de adultos tendo como preceito a Ciências da Educação e não a Gerontologia que forneceriam as ferramentas necessárias para essa investigação. Os pesquisadores enfatizam que, enquanto que a *gerontologia educacional* se debruça sobre os aspectos educacionais do envelhecimento, a *gerontagogia* se ocuparia do estudo e das práticas educacionais não como parte do processo de envelhecimento, mas como parte do ensino e aprendizagem de idosos, reconhecendo a peculiaridade de cada pessoa em relação ao seu contexto e com a vida pessoa e social que tentam promover com a máxima qualidade de vida (LEMIEUX; MARTINEZ, 2000).

Na visão de Lemieux e Martinez (2000) existia um conflito de interesses e, consequentemente, de perspectiva acerca do mesmo objeto que estaria na disputa entre a Gerontologia e as Ciências da Educação. Entretanto, percorrendo outro caminho, os autores apontavam que a pessoa idosa em situação de ensino e aprendizagem, dada a complexidade que o assunto demanda, não poderia ser somente estudada pela Gerontologia Educacional e nem pela Pedagogia

do Envelhecimento de maneira isolada.

Dessa forma, emerge o que os autores classificaram de uma nova abordagem científica híbrida: a *gerontagogia*. Essa aproximação teórico-metodológica consistiria em uma abordagem interdisciplinar como estratégia de não sobrepor um determinado conhecimento em detrimento de outro possibilitando, assim, um diálogo entre as disciplinas sustentadas por um sistema de copropriedade que permitiria um avanço maior do que o empreendido isoladamente por cada área (LEMIEUX; MARTINEZ, 2000).

Percebe-se que a tentativa de explicar a teoria e a prática que envolve a educação destinada para e sobre o envelhecimento foi frutífera em conceitos e terminologias, principalmente, porque visaram abranger as múltiplas situações em que se encontram as pessoas idosas no contexto de ensino e aprendizagem. O quadro 1 tenta apresentar resumidamente esses construtos.

Quadro 1 – Resumo das terminologias e definições

(continua)

Terminologia	Autor	Definição
Gerontologia Educacional	Peterson (1976)	Estudo e prática das ações educacionais para e sobre a velhice e o envelhecimento, com objetivo de melhoria da qualidade de vida dos idosos. Divide-se em três áreas: (1) atividades educacionais voltadas para pessoas de meia-idade e idosas; (2) atividades educacionais voltadas para um público geral ou específico com interesse no envelhecimento e nas pessoas idosas e; (3) atividades educacionais voltadas a preparação de pessoas que trabalham ou pretendem trabalhar com a população idosa como profissionais e paraprofissionais (PETERSON, 1976).
	Peterson (1980)	Refere-se às atividades e estudos que decorrem da interface da educação com a gerontologia e que estão relacionadas às atividades educacionais que pretendem melhorar a qualidade de vida nos anos finais. Para além das 3 matrizes, definem-se 2 categorias de funções: (1) <i>estudo</i> – que incluem as pesquisas sobre e ensino das necessidades, da teoria, da filosofia e do ambiente em que as pessoas idosas atuam e suas implicações; (2) <i>prática</i> – compreendendo o modelo, a implementação, a administração e avaliação de programas instrucionais para idosos (PETERSON, 1980).
	Glendenning (1983, 1991)	Compreende a educação de pessoas idosas, educação sobre o envelhecimento e a educação de profissionais e praticantes, inclusive, os que prestam serviços de maneira voluntária (GLENDENNING, 1983). Focalização dos processos teóricos de aprendizagem de adultos maiores e idosos (GLENDENNING, 1991; LEMIEUX; MARTINEZ, 2000).

Quadro 1 – Resumo das terminologias e definições

(conclusão)

Terminologia	Autor	Definição
<i>Educação Gerontológica</i>	Glendenning (1991)	Prática de ensino sobre a sociedade que envelhece, englobando a formação de recursos humanos, independente do público a que se destine (GLEN DENNING, 1991; LEMIEUX; MARTINEZ, 2000).
<i>Gerontologia Educacional Crítica</i>	Glendenning (1991)	Mudança de postura em relação à Gerontologia Educacional Tradicional. Passa a estruturar-se a partir de uma construção social e política enraizada na teoria social crítica e na pedagogia crítica. Objetivo central é o empoderamento e a autorrealização dos sujeitos idosos (GLEN DENNING, 1991; FORMOSA, 2002).
<i>Gerogogia</i>	Lemieux & Martinez (2002)	Estratégias de aprendizagem de idosos que apresentam algum déficit cuja atenção seja o foco da geriatria (LEMIEUX; MARTINEZ, 2000).
	Formosa (2012)	Gestão das estratégias de ensino e de aprendizagem no qual as pessoas idosas são seu público específico (FORMOSA, 2012).
<i>Gerontagogia</i>	Lemieux & Martinez (2000)	Aproximação teórico-metodológica voltada a situação de ensino e aprendizagem de pessoas idosas, baseada no hibridismo (interdisciplinaridade) entre a <i>Gerontologia Educacional</i> e a <i>Educação do Envelhecimento</i> (LEMIEUX; MARTINEZ, 2000)
<i>Gerogogia Crítica</i>	Formosa (2002)	Práticas estratégicas de ensino empregadas na educação de adultos mais velhos e idosos com preocupação na superação da opressão em que vivem muitos idosos e posicionamento em favor de uma postura emancipatória dos sujeitos (FORMOSA, 2002).

Fonte: Elaborado pela autora.

A partir desse resgate do percurso histórico sobre o desvelamento das situações que conectam a educação à velhice, a gerontologia educacional buscou compreender a multiplicidade e a complexidade de situações que envolvem tanto a teoria como a prática da educação para e sobre o envelhecimento humano. Desse modo, faz necessário também compreender a trajetória educacional da gerontologia no contexto brasileiro o que será apresentado a seguir.

2.3 O ENVELHECIMENTO NO CONTEXTO BRASILEIRO E A GERONTOLOGIA EDUCACIONAL

O envelhecimento da população brasileira, ao contrário do ocorrido entre as nações mais desenvolvidas, apresenta algumas peculiaridades que precisam ser consideradas. Até a década de 1980, por exemplo, a configuração da pirâmide etária do Brasil, apesar das mudanças em curso, ainda apresentava uma população extremamente jovem com predominância muito maior de crianças e jovens com idade inferior a dezenove anos, característica de países

em processo de desenvolvimento em oposição ao que ocorre em países desenvolvidos. Ou seja, seguindo o fluxo contrário do ocorrido nos países desenvolvidos, no Brasil o processo de envelhecimento da população tem se desenrolado de maneira muito mais rápida (MIRANDA; MENDES; SILVA, 2016).

No mesmo sentido, a preocupação do Serviço Social do Comércio (SESC) em oferecer oportunidades para contribuir com a melhoria da qualidade de vida dos idosos foi inovadora. O trabalho social SESC voltado à população idosa, já na década de 1960, desenvolveu uma série de iniciativas voltadas para a oferta de atividades aos idosos, principalmente, no que diz respeito ao convívio social (grupos de convivência). Contudo, foi a partir da década de 1970 que a instituição se viu demandada a expandir sua atuação sistematizando ações aportadas em três eixos: (1) grupos de convivência de idosos, (2) escolas abertas da terceira idade e (3) trabalho com pré-aposentados (HADDAD, 2016).

De acordo com Haddad (2016, p. 148),

O objetivo que o SESC afirma querer atingir com a criação de programas específicos para idosos é o de contribuir para o bem-estar e a melhoria da qualidade de vida do homem, fundamentando-se na ideia de que o fenômeno “marginalização” constitui preocupação das instituições voltadas para o bem-estar social.

Concomitantemente a esse trabalho, no cenário internacional, desenvolvia-se o programa de educação permanente proposto pelo professor Pierre Vellas, em 1973, na Universidade de Ciências Sociais de Toulouse, França, o qual foi intitulado de Universidade da Terceira Idade (U3I). O objetivo desse programa era tirar os idosos do que consideravam ser um dos grandes problemas vivenciados: o isolamento social. Além, disso o programa se preocupou em promover a saúde, a energia e o interesse pela vida, além de contribuir para melhorar a imagem desse grupo social perante a sociedade (CACHIONI, 2012a).

O desenvolvimento da U3I iniciado na França estruturou-se em um momento no qual as condições em que viviam as velhas e os velhos franceses eram, nas palavras de Beauvoir (2018), escandalosas, principalmente no que concerne à velhice pobre à qual era relegada grande parte da população idosa daquele período constituindo-se em uma questão social que precisava ser enfrentada. Assim, a promoção da participação social dos idosos, incentivando-os à sociabilidade e à busca de uma mudança na representação social atribuía à velhice assumiu a tônica de tais atividades (OLIVEIRA, 2012).

Ao final da década de 1970, as U3Is haviam sido difundidas por vários países na Europa e na América assumindo diferentes abordagens, inclusive na França. Quando a proposta

chegou a Cambridge, na Inglaterra, em 1981, havia sofrido reformulações dando origem ao que se conhece por modelo britânico sustentado na perspectiva de autoajuda no qual seus membros seriam tanto os professores quanto os alunos. Outra característica seriam os horários flexíveis, os currículos negociáveis, a ampla variedade de cursos e a inexistência de requisitos para ingresso (INOUYE, 2011).

No Brasil, o programa teve início a partir da implantação, na década de 1980, do Núcleo de Estudos de Terceira Idade (NETI) na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em 1982. Apoiando-se na perspectiva francesa, foi considerado o primeiro programa proposto por uma Instituição Federal de Ensino Superior (IFES) a voltar suas ações aos idosos no âmbito da extensão. A partir de então, a proposta difundiu-se chegando a outras universidades federais e particulares (BLESSMANN; ACOSTA; AREOSA, 2015).

Em 1984, teve início na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) o Núcleo Integrado de Estudos e Apoio à Terceira Idade (NIEATI), ainda em atividade, cujo projeto extensionista objetivava articular projetos, ações e disciplinas em uma perspectiva multidisciplinar. Uma de suas propostas, intitulada de “Grupos de Atividades Físicas para a Terceira Idade”, oferecia atividades físicas para idosos diretamente nos bairros. A partir disso, outras iniciativas surgiram posteriormente com a articulação com outros cursos da instituição (ACOSTA, 2014).

Uma das características que marcam o campo da gerontologia educacional no Brasil é a variedade de processos educativos e de aprendizagem entre pessoas idosas que também apresentam funções e motivações específicas decorrente dos diferentes desafios que o processo de envelhecimento ainda representa (DOLL, 2014). Outra característica é a vinculação com a proposta de Peterson (1976) dada sua clareza, definindo a área prática como aquela em que a atuação deve se pautar pela prevenção do declínio prematuro e o desenvolvimento psicológico das pessoas idosas enquanto que a área do conhecimento volta sua preocupação para mudanças intelectuais que ocorrem ao longo da vida e as necessidades instrucionais específicas desse segmento etário (LINS, 2013).

Nesse sentido, Doll (2014) refletindo sobre a discussão a respeito do enfoque da gerontologia educacional no Brasil também defende a divisão elaborada por Peterson, sinalizando para as três áreas: (a) trabalho educacional com pessoas maduras e/ou idosas; (b) trabalho com pessoas de qualquer faixa etária sobre a temática do envelhecimento e; (c) formação profissional sobre o envelhecimento. Contudo, confere um destaque especial na primeira área ao observar a variedade de razões e objetivos das atividades educacionais voltadas às pessoas maduras e/ ou idosas. Na tentativa de categorizar os diferentes interesses e

focos da educação voltada ao público idoso, elencou seis dimensões: (a) dimensão socioeducativa; (b) dimensão de lazer; (c) dimensão compensatória; (d) dimensão emancipatória; (e) dimensão de atualização e; (f) dimensão de manutenção das capacidades cognitivas (DOLL, 2016).

A primeira dimensão, isto é, socioeducativa, estaria vinculada com a ideia da educação enquanto uma atividade relacional e uma estratégia privilegiada na promoção de contatos e vínculos sociais e de pertencimento. A segunda dimensão, de lazer, estaria imbricada em oportunizar o preenchimento do tempo que, anteriormente ocupado por atividades laborais, passa a ser preenchido com atividades prazerosas e com a possibilidade de agregar novos conhecimentos e experiências. A dimensão compensatória leva em consideração a diversidade de trajetórias de vida que acaba por enveredar os sujeitos por caminhos que o afastam da trajetória educacional em detrimento de inserção no mercado de trabalho.

Assim, as atividades educacionais na velhice compensariam a falta de oportunidades em fases anteriores da vida. O imperativo da atualização em relação às novas tecnologias cada vez mais acessíveis e presentes na vida dos sujeitos seria a balizadora da dimensão de atualização. A necessidade de aprender e compreender o mundo que os cerca dotando os indivíduos de competências e habilidades para atuar de forma ativa na sociedade estariam no cerne da dimensão emancipatória da educação. Finalmente, porém não menos importante, a dimensão de manutenção das capacidades cognitivas parte da constatação de que as perdas cognitivas podem ser protegidas ou amenizadas através de intervenções específicas, como por exemplo, através do exercício da memória e da reflexão (DOLL, 2014).

Sabe-se que a gerontologia tem colocado grande ênfase na questão da educação como mobilizadora de esforços no sentido de contribuir para que o envelhecimento e, em especial, para que a velhice seja vivida de maneira plena e satisfatória pelo contingente idoso. Conforme destaca Haddad (2016, p. 82), “a educação para a velhice ocupa lugar de destaque no conjunto de normas que a gerontologia social aponta como fundamentais para se buscar o envelhecimento sem velhice”, isto é, um envelhecimento com menores perdas e declínios fisiológicos que, inevitavelmente, são decorrentes do próprio processo de envelhecimento biológico de qualquer indivíduo. Aqui parece residir a centralidade a respeito da discussão sobre as reais intenções da educação para a velhice.

A realidade na qual se processo o envelhecimento da população brasileira é marcada por disparidades. Não obstante, se faz imprescindível considerar:

[...] que o envelhecimento humano é um processo iniciado bem antes da velhice, sendo esta o resultado histórico de todo processo de vida de indivíduos que compõem populações, cujo destino biológico será também, cujo destino biológico será também determinado pelos condicionantes sociais que incidirão no processo vital (que é de natureza interacional, iniciado em épocas e ritmos diferentes, acarretando resultados distintos às diversas partes e funções do organismo humano) (CAMPELO E PAIVA, 2014, p. 244).

O homem *sui generis* envelhece sob as condições concretas de vida determinadas previamente pelas condições estruturantes da sociedade capitalista que, como ressalta Haddad (2016, p. 60), transforma “as pessoas em mercadorias, condenam o trabalhador à degradação durante toda a trajetória de sua vida” e, continua a autora, apresentam “propostas de reparos para a tragédia dos velhos” que nada mais consistem em estratégias de ocultação da problemática exploração da mão de obra.

A velhice, destarte o determinismo biológico, precisa ser compreendida a partir de uma perspectiva social que considere o modo de organização econômica da sociedade na qual a população idosa está inserida. Portanto, parece necessário debruçar atenção especial na compreensão sobre quem são esses idosos e quais suas reais condições de vida enquanto atores imersos em um contexto perpassado por profundas desigualdades sociais.

2.4 GERONTOLOGIA EDUCACIONAL: ALGUNS APONTAMENTOS DA PESQUISA ACADÊMICA

O panorama da pesquisa acadêmica sobre a gerontologia educacional no Brasil tem se voltado majoritariamente para a inserção dos idosos nas Universidades da Terceira Idade (U3Is) dada a sua trajetória para a consolidação da universidade enquanto espaço de inclusão social. As U3Is no Brasil procuraram promover, além de espaços de aprendizagem, o diálogo entre os pares e o exercício da autonomia e da cidadania como estratégia de ocupação do tempo livre e de ampliação das redes sociais (CACHIONI, 2012b).

Essa difusão das propostas para as U3Is contribuiu para a produção de conhecimento a respeito das motivações da adesão de idosos ao programa. Contudo, percebe-se que a preocupação em pesquisar a população idosa em contexto regular de aprendizagem no ensino superior tem recebido ainda pouca atenção entre os pesquisadores preocupados com o envelhecimento da população (CACHIONI, 2012b).

De modo geral, a proposta das U3Is foram encabeçadas por instituições públicas, que direcionaram suas atividades para a faixa etária a partir dos 45 anos, sem qualquer modalidade de seleção oferecendo atividades multidisciplinares por período indeterminado (ELTZ et al.,

2014) com predominância de atividades voltadas para a oferta de cursos de informática e realização de oficinas temáticas (ARRUDA, 2010).

Nesse contexto, a educação assumiu a postura de importante agente promotor de novos comportamentos, valores, crenças e expectativas sociais e individuais acerca da velhice (BISSOLI; CACHIONI, 2011). A estreita relação da educação com a qualidade de vida na velhice tem revelado que um nível mais elevado de escolaridade está relacionado a uma renda maior acompanhada do acesso aos serviços básicos que exercem efeitos positivos sobre a qualidade de vida (MELO; FERREIRA; TEIXEIRA, 2014).

Entretanto, as poucas pesquisas empreendidas sobre a situação do idoso na universidade, enquanto aluno regular, demonstram que o tema ainda carece de atenção. Entre os estudos direcionados para o assunto, Raymundo et al. (2012) buscaram informações sobre as matrículas de estudantes na faixa etária de 60 anos ou mais, nos cursos superiores de graduação concentrados na região Sudeste do país, durante o ano de 2012. Os dados mostraram um predomínio do sexo feminino, correspondendo a 53% das matrículas. Contudo, quando os dados foram analisados de acordo com a modalidade dos cursos, identificou-se que os homens ocupavam 51% das matrículas em cursos presenciais, enquanto que as mulheres preencheram 61% das matrículas nos cursos à distância.

Oliveira et al. (2016) conduziram um levantamento dos dados a respeito do número de matrículas, tanto de ingressantes quanto de concluintes, na modalidade presencial e à distância. Os dados concentrados nos estudantes da educação superior com idade a partir de 60 anos foram coletados na base de dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Nacionais Anísio Teixeira (INEP), referente a 2012, mostraram que dos 2.182.229 alunos matriculados em curso superior, 4.636 eram estudantes na faixa etária pesquisada. O estudo ainda revelou que uma parcela expressiva desses estudantes concluiu o curso superior, havendo diferenças entre as regiões, sendo que a região Norte apresentou maior proporção de estudantes concluintes (96%) e a região Sul a menor (59%). Este estudo revelou que não apenas os idosos estão se inserindo no ensino superior, mas também estão concluindo com êxito os cursos superiores.

Em 2016, Areosa et al. (2016) também apresentaram dados sobre a inserção de idosos em cursos superiores de graduação em uma IES privada no interior do Rio Grande do Sul. Trazendo dados quantitativos de 2004 e 2015, as autoras identificaram o aumento da presença desse segmento etário nos cursos regulares da instituição. Enquanto em 2004 haviam apenas 5 estudantes matriculados, em 2015 esse quantitativo chegou a 24 estudantes representando um aumento de 400% (AREOSA et al., 2016), indicando o expressivo aumento do segmento etá-

rio na instituição.

O perfil de estudantes idosos foi analisado por Reis, Meira e Moitinho (2018). Tendo como *locus* a Universidade do Estado da Bahia, as autoras entrevistaram estudantes que, após um longo período de afastamento dos bancos escolares, decidiram ingressar na universidade buscando compreender os elementos que possibilitaram trajetórias tardias no ensino superior. Foram identificadas apenas quatro matrículas de estudantes com idade igual ou superior a 60 anos compostas por três (75%) homens e uma (25%) mulher. Pelo relato dos participantes, a busca pelo ensino superior objetivou a reafirmação das capacidades pessoais, a melhoria das condições vidas e até mesmo de seus trabalhos.

Problematizando o contexto da educação superior, Neves e Martins (2016) asseveraram que o ensino superior brasileiro reflete as realidades distintas e desiguais que compõem a estrutura social. Enquanto as IES públicas contam com 26,4% das matrículas desse nível de ensino distribuídas em 304 instituições. As matrículas, em 2012, nos cursos superiores concentraram-se (85%) nos cursos de graduação na modalidade presencial. Outra peculiaridade em relação aos cursos dessas instituições refere-se ao fato de que, em sua expressiva maioria, são ofertados durante o dia.

A predominância de mulheres na população, principalmente entre a população envelhecida, ressalta o fenômeno conhecido como feminização da velhice. Apesar de viverem mais, as mulheres também acumulam no curso de vida inúmeras desvantagens. Violência, discriminação, salários inferiores aos dos homens, dupla e/ou tripla jornada, baixa escolaridade, viuvez, além de maior propensão a contextos de pobreza são algumas das realidades que envolvem as mulheres (NICODEMO; GODOI, 2010). Essa realidade também não parece ser muito diferente no tocante à inserção feminina no ensino superior onde, apesar de serem maioria entre os universitários, as mulheres ocupam maior espaço em cursos de menor prestígio, como é o caso das ciências humanas (licenciaturas) e carreiras ligadas ao cuidado, enquanto os homens aparecem vinculados às ciências exatas, como as engenharias e a computação (RICOLDI; ARTES, 2016).

Somado a essas disparidades, o acesso ao ensino superior público no Brasil ainda é uma possibilidade restrita a poucos, principalmente quanto mais velha é a faixa etária de ingresso. Conforme os dados reunidos na Sinopse Estatística da Educação Superior sobre a distribuição das matrículas em IES de estudantes com idade igual ou superior a 60 anos, o Estado do Rio Grande do Sul concentrou em 2017, conforme verificado no Quadro 2, o equivalente a 9,5% do total de matrículas nas instituições públicas de ensino superior (INEP, 2018).

Quadro 2 – Matrículas no ensino superior de estudantes com idade igual ou superior a 60 anos (2017).

Unidade Federativa	Vinculação Administrativa	Estudantes com idade igual ou superior a 60 anos	Porcentagem
Brasil	Rede Pública	5.409	100%
Sul	Rede Pública	823	15,21%
Rio Grande do Sul	Rede Pública	514	9,5%

Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (2018).

Considerando que o processo de desenvolvimento não é interrompido com o avanço da idade adulta, mas, ao contrário, se estende ao longo de toda a existência humana (CACHIONI, 2012a) a educação permanente na velhice mantém relação com a percepção da satisfação com a vida entre idosos sugerindo que o processo educacional na velhice constitui-se como um benefício para os envolvidos (ALVES, 2018). Ainda, a educação na velhice apresenta-se como processo de estímulo e potencialização das capacidades do idoso (OLIVEIRA et al., 2016).

Já a universidade, estabelecida como um ambiente tradicionalmente ocupado por jovens, se constituiu como espaço privilegiado para a integração e o convívio intergeracional, seja em cursos de extensão como em cursos de graduação e pós-graduação o que contribui para diminuir processos segregatórios e combater a discriminação e estereótipo sobre a velhice (FRANÇA; SILVA; BARRETO, 2010). A educação voltada à população idosa e como prática social, independentemente da idade, deve empenhar-se no pleno desenvolvimento dos sujeitos e na superação dos preconceitos e estigmas vivenciados, principalmente, pelos sujeitos envelhecidos (SCORTEGAGNA; OLIVEIRA, 2010). Assim, a educação mais uma vez é vista como ferramenta para a mudança de padrões e estereótipos sobre a velhice e sobre os modos de se viver na velhice.

2.5 NOTAS CONCLUSIVAS

Tendo em vista que as condições sobre as quais a velhice se desenvolve são determinadas pelo conjunto de situações sociais, culturais e econômicas, a velhice apresenta-se como fruto de uma construção histórica determinada pela posição de cada sujeito na estrutura social. Um dos fatores determinantes para uma qualidade de vida, em especial, na velhice é o acesso à educação. Contudo, no Brasil existe uma relação inversamente proporcional entre idade e nível educacional, uma vez que quanto mais envelhecido o grupo etário, menor é o nível de

escolaridade.

O acesso ao ensino superior público também acaba reproduzindo o sistema de desigualdades sociais ao passo em que seu acesso à universidade pública ainda é bastante restrito existindo poucas instituições de ensino superior. É imprescindível destacar que as mulheres, apesar de serem a maioria nos estratos mais envelhecidos da população, também são as mais suscetíveis ao pouco investimento educacional. Assim, se faz necessária a compreensão das dimensões sociais que cercam a velhice e a sua inserção no ensino superior, identificando quem são esses estudantes que chegam ao ensino superior e o que eles esperam da universidade.

Esses dados convergem para o fato de que existe uma tendência ao agravamento das desigualdades sociais entre a população idosa com menores possibilidades de acesso à educação, principalmente, em fases anteriores da vida e, conforme demonstra esse prévio panorama, ser uma pessoa idosa, do sexo feminino denota condições assimétricas de inserção no sistema educacional brasileiro. Contudo, apesar da situação social e econômica na qual a população brasileira mais envelhecida está imersa, parece surgir outra realidade controversa: são os idosos e as idosas que ingressam no ensino superior de maneira regular, isto é, com a pretensão de uma formação profissional e obtenção de diploma.

3 METODOLOGIA

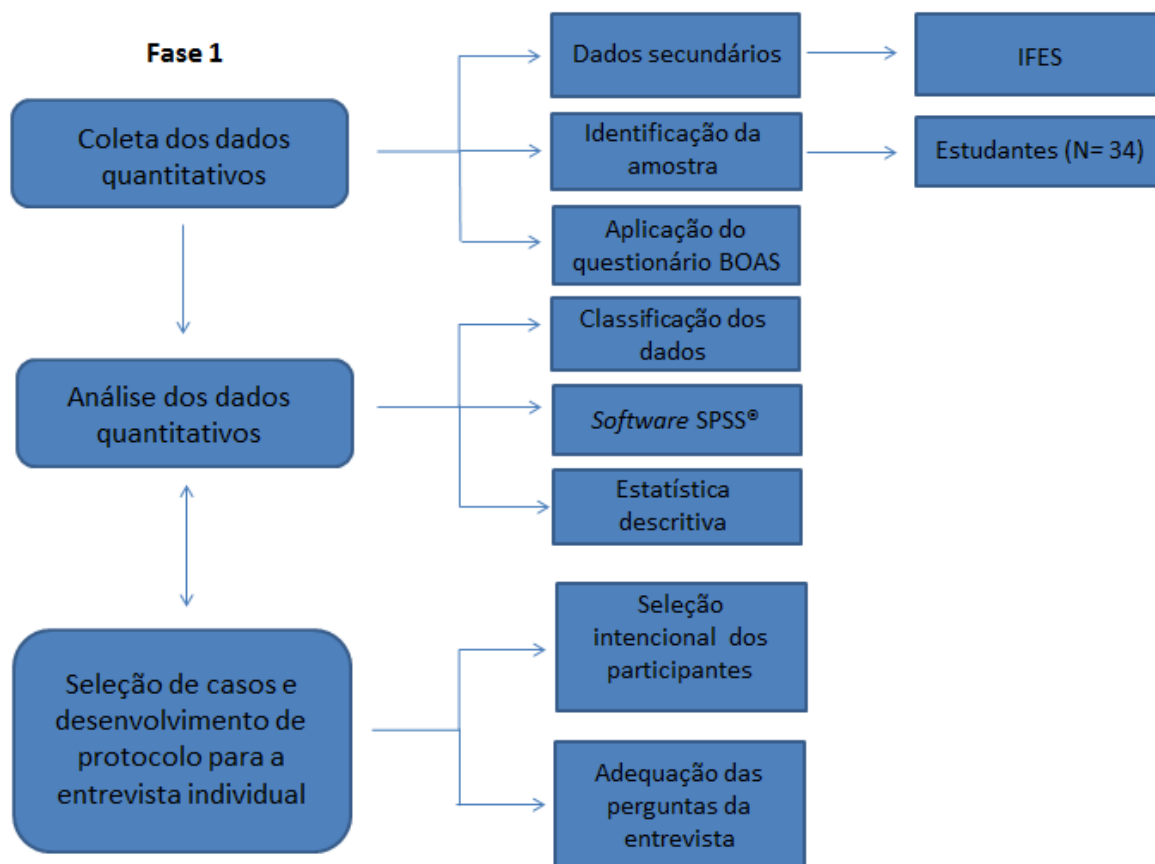
3.1 DESENHO DO ESTUDO

Tratou-se de uma pesquisa de abordagem quali-quantitativa, classificada como descritiva, cujas principais características, de acordo com Prodanov e Freitas (2013), são classificar, explicar e interpretar fatos sem que o pesquisador interfira diretamente sobre eles. A pesquisa qualitativa apresenta um diferencial em relação à abordagem quantitativa pela sua capacidade de representar as visões e perspectivas dos participantes do estudo em suas condições naturais (YIN, 2016). A pesquisa quantitativa, por outro lado, se concentra em coletar e analisar dados quantitativos sobre variáveis podendo, também, promover a associação ou a correlação entre estas, bem como a generalização e a objetivação dos resultados por meio de uma amostra de uma determinada população (ESPERÓN, 2017). Assim, optou-se pela complementariedade das técnicas para dar conta dos objetivos da pesquisa.

Na primeira fase do estudo, isto é, na fase quantitativa, utilizou-se um desenho transversal que buscou dados secundários fornecidos pela Instituição Federal de Ensino Superior (IFES), buscando delinear o perfil dos estudantes considerados idosos, isto é, com idade igual ou superior a 60 anos a partir das matrículas. A amostra que compôs esse estudo incluiu todas as matrículas realizadas em cursos de graduação na modalidade presencial entre 2016 e 2019. Os dados fornecidos pela instituição foram digitados em planilha Microsoft Excel[®] e após analisados estatisticamente no software IBM SPSS Statistics[®], a partir da estatística descritiva considerando-se as seguintes variáveis: curso de graduação, ano de ingresso, idade, sexo, situação da matrícula e forma de ingresso. Os passos que constituíram a fase quantitativa da pesquisa foram dispostos na Figura 1 abaixo. Os resultados dessa fase exploratória foram concentrados no artigo 1. Após identificar a população do estudo, partiu-se para a aplicação do questionário *Brazil Old Age Schedule* (BOAS) cujos resultados encontram-se detalhados no artigo 2.

Durante a segunda e última fase deste estudo, a fase qualitativa, optou-se pela utilização da técnica de entrevista semiestruturada para a coleta de dados, uma vez que esta realiza a combinação entre perguntas fechadas e abertas possibilitando aos entrevistados discorrer sobre o tema em questão (MINAYO, 2007). Os resultados dessa etapa foram reunidos no artigo 3.

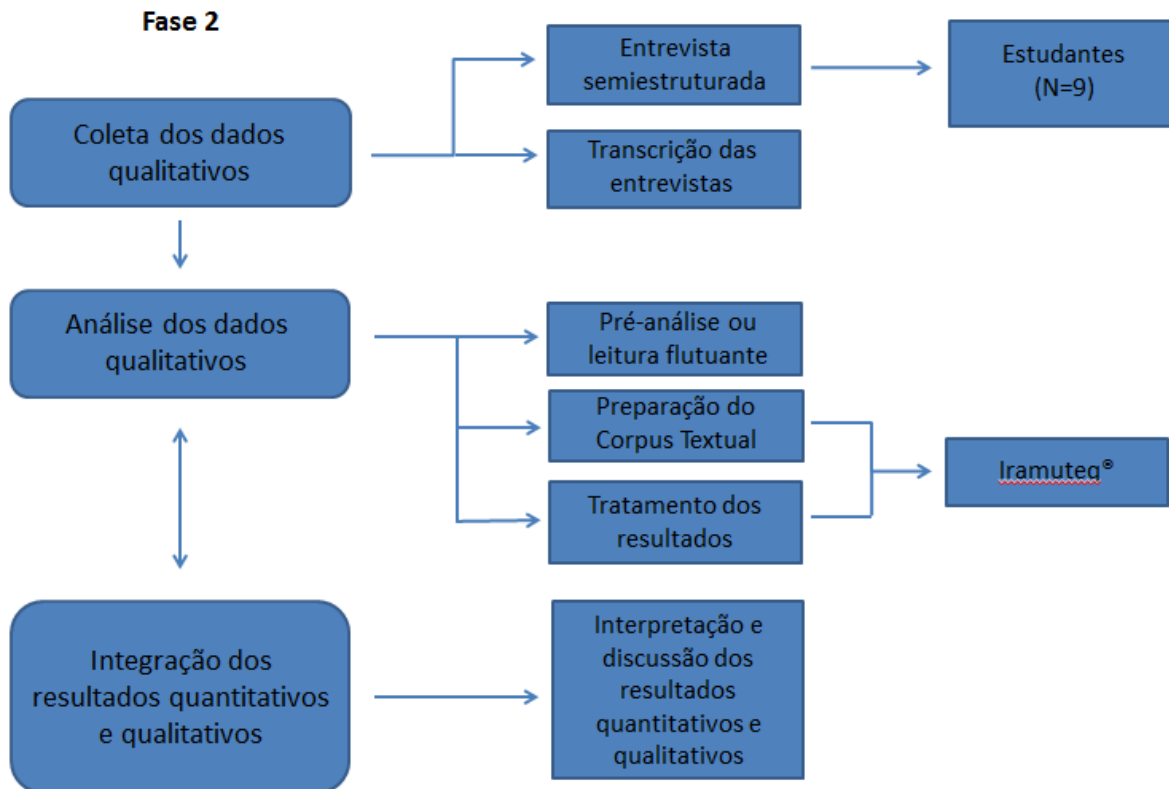
Figura 1 – Diagrama da fase quantitativa da pesquisa.



Fonte: Elaborado pela autora a partir de Creswell e Plano Clark (2013).

O objetivo da segunda fase concentrou-se em explorar os desafios enfrentados pelos estudantes tanto no acesso quanto na permanência no ensino superior, além de identificar os motivos para a escolha do curso e as expectativas em relação a esse. A amostra para essa fase do estudo foi intencional. A opção pela condução da fase qualitativa a partir de entrevistas individuais levou em consideração que essa consiste em uma técnica que possibilita a reconstrução de histórias mais detalhadas dos participantes envolvidos (BARBOUR, 2009). Os passos envolvidos na segunda fase da pesquisa foram estabelecidos na Figura 2 a seguir.

Figura 2 – Diagrama da fase qualitativa da pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora a partir de Creswell e Plano Clark (2013).

3.2 PROCEDIMENTOS TÉCNICOS

Foi realizado contato prévio com a Pró-reitoria de Graduação (PROGRAD) e com o Departamento de Registro e Controle Acadêmico (DERCA) para obtenção das autorizações necessárias à implementação da pesquisa (apêndices A e B). Posteriormente, a partir dos dados secundários obtidos junto ao Departamento de Registro e Controle Acadêmico (DERCA) da instituição foram identificados os estudantes matriculados no período delimitado que foram convidados, por telefone, a participar da pesquisa respondendo ao questionário sociodemográfico que consistia no *Brazil Old Age Schedule* (BOAS) que foram aplicados pela pesquisadora.

O questionário BOAS é um instrumento multidimensional que procura abarcar várias áreas da vida do idoso, se preocupando em englobar desde os aspectos físicos, mentais até a situação social e econômica, bem como as atividades diárias dos entrevistados. Tendo sido desenvolvido, em 1986, pelos pesquisadores Renato Veras e Sidney Dutra, o instrumento foi

revisto e atualizado em 2007 para conseguir apreender as informações necessárias à compreensão mais abrangente da população idosa. Dividido em nove seções, utilizou-se as questões relativas às seções I, VI, VIII e IX que se referem às informações gerais dos/as entrevistados/as, recursos econômicos, necessidades e problemas que afetam o/a entrevistado/a e, por fim, a avaliação do/a entrevistador/a sobre o/a entrevistado/a, conforme apresentado no apêndice C (VERAS; DUTRA, 2008).

Após o contato telefônico, oito estudantes responderam ao questionário BOAS de maneira presencial nos meses de dezembro de 2019, fevereiro e março de 2020. Cabe ressaltar que, uma vez que muitos participantes estavam em férias nos meses de janeiro e fevereiro de 2020, a coleta ficou reduzida nesse período. Contudo, o surgimento de uma pneumonia viral causada por um novo coronavírus (SARS-CoV-2) identificada pela primeira vez em dezembro de 2019 na cidade de Wuhan, na China (ZHU et al., 2020) que ficou conhecido como Doença de Coronavírus 2019 (COVID-19) e o aumento do número de infecção em diversos países levaram ao alerta da Organização Mundial de Saúde (OMS). Assim, a infecção por COVID-19 foi reconhecida como Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional produzindo impacto sobre as atividades em todos os âmbitos em diversos países, como foi o caso do Brasil, suscitando medidas para controle e interrupção da propagação desse vírus.

No Brasil, a Portaria GM/MS nº 188, de 3 de fevereiro de 2020, declarou a Infecção Humana pelo novo COVID-19 como Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional (ESPIN) e, em seguida, a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, dispôs medidas para o enfrentamento da ESPIN decorrente do coronavírus, tais como o isolamento e a quarentena como estratégias (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020). Em âmbito institucional, seguindo as recomendações da OMS e das Portarias Ministeriais, a Universidade Federal de Santa Maria, por meio da Portaria nº 97.935, de 16 de março de 2020, resolveu suspender as atividades presenciais como medida para assegurar o bem-estar e a proteção da saúde de todos os membros da comunidade acadêmica (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2020).

Entendendo ser um momento de adversidade e considerando o contexto de Emergência em Saúde Pública, decidiu-se por dar continuidade à coleta de dados do questionário BOAS de maneira remota utilizando-se de questionário eletrônico com o apoio do Centro de Processamento de Dados (CPD) da instituição. Assim, o questionário *Brazil Old Age Schedule* (BOAS) foi disponibilizado no formato de questionário eletrônico, sendo acessado pelos estudantes após realizarem o *login* mediante preenchimento do número da matrícula e senha cadastrada pelos mesmos. Os estudantes foram convidados e informados da

pesquisa por meio de *e-mail*. Na página inicial de acesso ao Portal de Questionários foi apresentada a pesquisa com seus colaboradores e respectivos objetivos. Foram atendidos aos mesmos rigores da pesquisa de maneira presencial, sendo apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) com as opções de “aceito” e “não aceito” participar da pesquisa. Na coleta eletrônica de dados, 26 estudantes responderam ao questionário completando os 34 participantes da primeira etapa da pesquisa.

O questionário ficou aberto para preenchimento de 27 de março até 30 de abril do corrente ano. Após o encerramento do prazo, as respostas foram remetidas pelo CPD à pesquisadora por meio de planilha Microsoft Excel. Os dados obtidos de maneira presencial e remota foram preenchidos em planilha Microsoft Office Excel[®] e analisados a partir de estatística descritiva e análise bivariada realizada com o *software* IBM SPSS Statistics[®] versão 15.0 adotando-se o nível de significância de 5% para as análises. Para verificar a associação entre algumas variáveis, utilizou-se o teste de Mann-Whitney.

Após a conclusão da tabulação e análise dos dados quantitativos foi dado início à segunda fase da coleta de dados. Os estudantes que participaram da primeira fase e que, previamente concordaram em participar da segunda fase, foram contados por telefone a realizar uma entrevista semiestruturada com base nas perguntas elencadas no anexo A. A estratégia de coleta de dados da entrevista também foi revista e optou-se por realizar as entrevistas por chamada telefônica cujo áudio foi gravado em dispositivo digital, tendo sido submetido emenda ao CEP. As entrevistas aconteceram em horário previamente combinado com os entrevistados, em local reservado tanto pela pesquisadora quanto pelo/a entrevistado/a. A pesquisadora encaminhou previamente por *e-mail* o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), conforme apêndice D, expressando a concordância dos participantes com a coleta de dados.

Para essa fase, 14 participantes foram convidados, sendo que 10 concordaram em realizar a entrevista. Destes, um participante acabou desistindo de realizar a entrevista, restando apenas nove participantes para a fase qualitativa. Em seguida, as entrevistas foram transcritas e seu conteúdo foi encaminhado aos entrevistados a fim de que os mesmos autorizassem sua utilização na pesquisa. Todo o material produzido para a pesquisa tais como os questionários, as transcrições das entrevistas, os TCLEs entre outros permanecerão arquivados pelo prazo de 5 anos após a finalização da pesquisa e permanecerão sob a responsabilidade da pesquisadora, do orientador da pesquisa, Prof. Dr. Marco Aurelio de Figueiredo Acosta e da coorientadora Profa. Dra. Miriam Delboni na sala 1035, do prédio 51 do CEFD/ UFSM, conforme Termo de Confidencialidade, disposto no apêndice E.

3.3 PARTICIPANTES

O quantitativo total de matrículas em cursos presenciais identificado na instituição foi de 67. Essas matrículas estavam vinculadas a 57 estudantes, haja vista que alguns destes migraram de uma matrícula para outra no período pesquisado. Participaram da primeira fase da pesquisa, isto é, da fase quantitativa 34 estudantes com idade igual ou superior a 60 anos matriculados em cursos superiores de tecnologia ou graduação na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) entre 2016 e 2019. Para a segunda fase da pesquisa, isto é, a fase qualitativa, participaram nove estudantes que foram entrevistados.

3.4 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

3.4.1 Critérios de inclusão

Foram incluídos na amostra:

a) Estudantes com idade igual ou superior a 60 anos, matriculados entre 2016 e 2019 em cursos de tecnologia e graduação da Universidade Federal de Santa Maria.

3.4.2 Critérios de exclusão

Foram excluídos da amostra os/as seguintes participantes:

a) Estudantes com idade igual ou superior a 60 anos, matriculados em cursos de nível médio, pós-médio e de pós-graduação em qualquer modalidade (presencial e à distância).

3.5 ANÁLISE DOS DADOS

Os dados coletados a partir do questionário BOAS foram analisados a partir da estatística descritiva a qual se preocupa em coletar, apresentar, organizar, descrever, analisar e interpretar os dados (SILVA, 2009).

Quanto ao tratamento dos dados qualitativos, estes foram analisados com auxílio do *software IRAMUTEQ (Interface de R pour Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires)*, um *software* livre, ancorado no *software* estatístico R que permite análises

estatísticas e interpretação de textos (SALVIATI, 2017). As análises proporcionadas pelo programa possibilitam a quantificação de variáveis qualitativas originadas de textos, com a finalidade de apresentar o material produzido por determinado sujeito ou sujeitos. As análises oferecidas pelo *software* são: a) estatísticas (análises lexicográficas); b) especificidades e AFC; c) classificação (método de Reinert), d) análise de similitude e; e) nuvens de palavras (CAMARGO; JUSTO, 2018). Assim, optou-se pela análise a partir da nuvem de palavras visto que ela realiza o agrupamento e a organização gráfica das palavras em função da sua frequência de aparecimento no texto, possibilitando rapidamente as palavras-chave que compõem o *corpus* textual (CAMARGO; JUSTO, 2013).

Para a organização do *corpus* textual que consiste no conjunto de textos reunidos que foi o objeto de análise, cada entrevista realizada teve apenas as respostas dos entrevistados reunidas compondo um texto. O *corpus* textual foi digitado em aplicativo OpenOffice Writer, sendo salvo em formato .txt, sob codificação UTF-8 (CAMARGO; JUSTO, 2018) Os seguintes sinais foram suprimidos do *corpus*: aspas, apóstrofo, cifrão, porcentagem, asterisco, reticências, travessão, negrito, itálico, grifo e similares, recuo de parágrafo, margens ou tabulações do texto, justificação do texto. O texto foi formatado de maneira corrida, sem mudança de linha. As letras maiúsculas foram utilizadas somente em nomes próprios. Observou-se a padronização de siglas, revisão gramatical, correção de grafia, concordância nominal e verbal. As palavras compostas foram unidas por *underline* (por exemplo, Santa_Maria), bem como as palavras que encerram um mesmo sentido, como é o caso de ensino_superior. Ainda eliminou-se do *corpus* os vícios de linguagem, tais como as expressões “né”, “tipo”, “entendeu”, “então”, “hum”, “okay”, “tá”, “tipo assim”, entre outras. Números por extenso foram substituídos por algarismos.

Cada entrevista foi separada por linhas de comando que indicavam o número de identificação do/a entrevistado/a, bem como as variáveis: a) idade e b) sexo. Cada texto foi introduzido ao *corpus* textual por quatro asteriscos (****) seguido de um espaço, novo asterisco (*), idade do/a entrevistado/a, novo asterisco (*) e sexo do/a entrevistado/a, tal como o exemplo: **** *suj_01 *ida_62 *sex_1. Após a realização desse procedimento, o *corpus* textual foi importado no *software* IRAMUTEQ e foram realizadas as análises de similitude e de nuvem de palavras. Os resultados dessa etapa da pesquisa foram apresentados no artigo 3.

3.6 ASPECTOS ÉTICOS

O presente projeto foi registrado junto ao Gabinete de Projetos (GAP) do Centro de Educação Física e Desportos (CEFD) sob o número 052767. E, conforme preconizado pela Resolução 466/2012, o presente projeto foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Santa Maria, com suas respectivas emendas, sob o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) nº 26380519.1.0000.5346, sob Parecer de n. 3.757.364. Foram submetidas e aprovadas, posteriormente, as Emendas 1 e 2, conforme apêndices F e G, que tratavam, respectivamente, da alteração das técnicas de coletas de dados da fase quantitativa (questionário eletrônico) e da fase qualitativa (entrevista telefônica).

Foram resguardados os referenciais da bioética (autonomia, não maleficência, beneficência, justiça, equidade e outros) e o caráter voluntário dos participantes. Garantiu-se a primazia do respeito à autonomia dos participantes que puderam se desvincular a qualquer momento da pesquisa, sem qualquer ônus, bem como foram garantidos a confidencialidade e da privacidade das informações.

Todos os participantes foram informados sobre potenciais riscos da pesquisa, isto é, possibilidade de danos à dimensão psíquica. A concordância da participação na pesquisa foi atrelada à assinatura do TCLE por cada participante, após a leitura e explicação dos objetivos da pesquisa.

4 ARTIGO 1 – NUNCA É TARDE PARA APRENDER: UM RETRATO DA SITUAÇÃO DAS MATRÍCULAS DE IDOSOS EM UMA UNIVERSIDADE NO SUL DO BRASIL

Clarita Souza Baroni Silveira¹, Miriam Cabrera Corvelo Delboni², Marco Aurelio de Figueiredo Acosta³

RESUMO

Este estudo teve como objetivo caracterizar a situação das matrículas de estudantes idosos em cursos superiores de uma Instituição Federal de Ensino Superior (IFES) no interior do Estado Rio Grande do Sul, Brasil. *Metodologia:* A pesquisa caracteriza-se como quantitativa, descritiva e transversal a partir de dados secundários fornecidos pela instituição. Os dados foram analisados em software estatístico SPSS[®] obtendo-se a estatística descritiva. *Resultados:* Foram identificadas 67 matrículas correspondendo a 57 estudantes matriculados entre 2016 e 2019 na instituição. Destes, 57,9% são homens e 42,1% são mulheres. A idade média dos alunos ficou em 62,93 anos. *Conclusão:* Os dados refletem uma inserção diferenciada no ensino superior marcadamente masculina, por meio de processo seletivo SiSU/MEC e com índice significativo de abandono no percurso acadêmico.

Descritores: Ensino superior; Ingresso; Idosos; Universidade.

INTRODUÇÃO

O ritmo de envelhecimento da população mundial cresce de maneira acelerada e, diante dessa realidade, crescem também os inúmeros desafios individuais e coletivos que sobrevêm do envelhecimento populacional. O debate sobre a influência das condições sociais e econômicas nas quais os indivíduos e a coletividade vivem conduziram a uma maior compreensão de como esses fatores se inter-relacionam e influenciam a saúde de maneira global (BRAVEMAN; EGERTER; WILLIAMS, 2011).

Os determinantes sociais de saúde, então, seriam influenciados por fatores sociais, econômicos, culturais, étnicos/raciais, psicológicos e comportamentais que incidem na ocorrência de problemas de saúde e de fatores de risco para a população (BUSS; PELLEGRINI FILHO, 2007). Assim, as circunstâncias sociais e econômicas desfavoráveis se acumulam no curso de vida e podem afetar as condições objetivas de vida da população idosa gerando estratificações conforme os níveis de renda, escolaridade, sexo/ gênero, condições de moradia entre outros (GEIB, 2012).

¹ Assistente Social (ULBRA), Especialização em Gestão Pública (UFN) e Mestranda em Gerontologia (UFSM).

² Terapeuta Ocupacional (PUCCAMP), Especialização em Terapia da Mão e Mestrado em Reabilitação pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Doutorado em Desenvolvimento Regional (UNISC)

³ Educador Físico (UFSM), Mestrado e Doutorado em Ciência do Movimento Humano (UFSM).

Visto que o envelhecimento humano é heterogêneo, o gênero constituiu-se em uma importante categoria a ser considerada, uma vez que a velhice afeta de maneira diferente a homens e mulheres (MOTTA, 2006). As relações sociais estruturadas a partir das diferenças biológicas entre os sexos permitiram um processo de divisão do trabalho na sociedade capitalista a qual destinou às mulheres, dada a sua capacidade biológica de reprodução, o cuidado doméstico e com a prole relegado à esfera doméstica e, portanto, sem remuneração e sem valorização. Os homens, em oposição à esfera privada, foram signatários do trabalho remunerado realizado na esfera pública e, conseqüentemente, mais valorizado (HIRATA; KERGOAT, 2007).

Desse modo, os papéis sociais determinados para cada gênero relacionam e determinam os hábitos de vida masculinos e femininos, pois enquanto as tarefas domésticas e os cuidados com a família vinculavam-se ao papel das mulheres, a vida social era o alvo dos homens, expondo-os a fatores externos de morbidade e mortalidade (NOGUEIRA; ALCANTARA, 2014). A dificuldade em introduzir espaços de autocuidado entre os homens pode estar relacionada com o papel de provedor colidindo horário de trabalho com o horário de oferta de serviços de atenção básica em saúde (OLIVEIRA et al., 2016).

A condição social das mulheres tanto ao longo do curso de vida quanto na velhice também as colocam em situação de desvantagens na velhice. Os papéis de cuidado com os filhos culturalmente estiveram atrelados à figura feminina o que contribui para que as mulheres idosas continuem a acumular o papel de cuidadoras informais seja no cuidado dedicado a netos/as, seja no cuidado dispensado aos companheiros, uma vez que, geralmente, se casam com homens mais velhos, ou ainda, no caso das idosas jovens, existe a probabilidade de prestarem cuidado aos pais vivos (TOMOMITSU; PERRACINI; NERI, 2014). Apesar disso, as mulheres desfrutam de maior expectativa de vida do que os homens o que colabora para a maior proporção feminina entre o segmento envelhecido da população (CAMARANO; KANSO, 2013).

Além de serem maioria entre a população idosa, as mulheres também são maioria nos diferentes níveis educacionais. No tocante ao ensino superior, contudo, as distorções de gênero aliadas à desigualdade sociais e de raça/etnia provocam assimetrias na inserção educacional caracterizando-se de maneira enviesada e desigual, uma vez que apesar de ser maioria nas instituições públicas (BARRETO, 2014; BARROS; MOURÃO, 2018) em alguns cenários elas são minoria, como é o caso dos Institutos Federais de Educação Tecnológica (BARRETO, 2014).

Para além dos tradicionais programas de educação voltados à população idosa como as conhecidas Universidades para a Terceira Idade consolidadas como espaço de que visa promoção de educação, de socialização, de saúde e de bem-estar para os idosos contribuem sobremaneira para a promoção do envelhecimento ativo com qualidade de vida (ADAMO et al., 2017), verifica-se o aumento, porém ainda discreto, de idosos e idosas na educação superior (AREOSA et al., 2016; REIS; MEIRA; MOITINHO, 2018).

Analisando-se os dados sobre o ingresso no ensino superior entre o grupo etário a partir dos 60 anos, os dados do Censo da Educação Superior realizado pelo INEP mostram que o número de idosos matriculados em cursos regulares de graduação nas instituições públicas em 2017 era de 26.763. Na distribuição entre regiões, a região sul concentra o terceiro maior contingente de estudantes, perdendo apenas para as regiões sudeste e nordeste, respectivamente. Entre os estados que compõe a região sul, o Rio Grande do Sul concentra 51,5% desses estudantes na faixa etária igual ou superior a 60 anos, distribuídos em 11 instituições (INEP, 2018).

Considerando que o processo de desenvolvimento não é interrompido com o avanço da idade adulta, mas, ao contrário, se estende ao longo de toda a existência humana (CACHIONI, 2012) a educação permanente na velhice mantém relação com a percepção da satisfação com a vida entre idosos sugerindo que o processo educacional na velhice se constituiu como um benefício para os envolvidos (ALVES, 2018). Ainda, a educação na velhice apresenta-se como processo de estímulo e potencialização das capacidades do idoso (CARDOSO NETO et al., 2017).

A presença do estudante idoso no ensino superior, contudo, ainda é pouco pesquisada e discutida, mas demonstra a necessidade de estudos mais direcionados objetivando conhecer quem são esses estudantes e o que esperam com a inserção no ambiente acadêmico. Nesse sentido, o objetivo do presente estudo foi caracterizar a situação das matrículas de estudantes idosos em cursos regulares de graduação em uma Instituição Federal de Ensino Superior (IFES) no interior do Estado do Rio Grande do Sul.

MÉTODOS

Trata-se de um estudo descritivo, exploratório e de abordagem quantitativa que, a partir de dados secundários fornecidos por uma Instituição Federal de Ensino Superior (IFES), buscou delinear o perfil dos estudantes considerados idosos, isto é, com idade igual ou superior a 60 anos a partir das matrículas. Os dados foram coletados em outubro de 2019,

sendo registrados em uma planilha Microsoft Excel® contendo dados referentes à matrícula do estudante, ano de ingresso, data de nascimento, sexo, curso, forma de ingresso, situação da matrícula e modalidade. Os critérios de inclusão foram ter idade igual ou superior a 60 anos e ter realizado matrícula em qualquer curso superior na instituição, na modalidade presencial, entre 2016 e 2019. Os dados fornecidos pela instituição foram digitados em planilha Microsoft Excel® e após analisados estatisticamente no software IBM SPSS Statistics®, a partir da estatística descritiva considerando-se as seguintes variáveis: curso de graduação, ano de ingresso, idade, sexo, situação da matrícula e forma de ingresso. A pesquisa possui aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSM sob parecer nº 3.757.364 e está registrado sob o número CAAE 26380519.1.0000.5346.

RESULTADOS

Foram identificadas 67 matrículas atendendo aos critérios, no entanto, cabe destacar que cada uma dessas matrículas não está necessariamente associada a uma única pessoa. Portanto, existem 67 registros de matrícula associados a 57 estudantes na base. O fato de o mesmo estudante ter mais de vínculo registrado se deu em função de migração de um curso para outro dentro da instituição o que ocorreu com 10 estudantes, os quais tiveram duas matrículas ao longo do período estudado.

Desse modo, como o foco da análise voltou-se para os estudantes, a análise descritiva foi realizada para os 57 alunos com registros de matrícula no período. Dessa forma, para os alunos que tiveram duplicidade de registro, para efeitos de análise foi considerado o seu *status* mais recente na instituição, identificado pela situação (aluno regular) e/ou pelo ano. Os dados se referem ao *status* da matrícula no final do segundo semestre de 2019.

Os resultados são apresentados em dois momentos: primeiramente, foi realizada uma análise da situação dos 10 estudantes que tiveram duas matrículas possibilitando compreender a mobilidade destes alunos na instituição e, posteriormente, foi realizada a caracterização da população dos estudantes matriculados.

ANÁLISE DA MOBILIDADE DOS ESTUDANTES

Entre os 10 estudantes que migraram de curso, identificou-se que 5 (50%) são homens e 5 (50%) são mulheres. A idade média era de 61,6 anos, havendo pouca variabilidade, sendo que o estudante mais jovem possuía 60 anos e o mais idoso, 64. O coeficiente de variação,

que expressa a variabilidade em relação à média, é 2,19%. A forma de ingresso para 5 (50%) destes estudantes foi pelo processo seletivo pelo Sistema de Seleção Unificada do Ministério da Educação (SiSU/MEC) em ambos os cursos de vínculo (curso inicial e curso final). As demais formas de ingresso utilizadas, por ordem de frequência, foram: portador de diploma, transferência interna, vagas remanescentes e reingresso.

Com relação ao período em que a mobilidade ocorreu, verificou-se que seis (60%) estudantes realizaram a troca de curso ainda no mesmo ano de ingresso no primeiro curso, enquanto que três (30%) realizaram a troca dois anos depois e um (10%) a fez no ano seguinte. Em relação à área de concentração dos cursos escolhidos, quatro estudantes estavam matriculados em cursos da área de Ciências Sociais Aplicadas; três na área das Ciências Exatas e da Terra. As Ciências Biológicas, Ciências Humanas e as Engenharias, apresentavam cada uma apenas um estudante matriculado, conforme observado na Tabela 1. Metade dos estudantes que fizeram a reopção de curso manteve-se estudando dentro da mesma área de conhecimento.

Tabela 1 – Distribuição dos estudantes por área de concentração dos cursos

Área do Curso	Número de alunos	Percentual (%)
Ciências Biológicas	1	10
Ciências Exatas e da Terra	3	30
Ciências Humanas	1	10
Ciências Sociais Aplicadas	4	40
Engenharias	1	10
Total	10	100,0

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados disponibilizados pelo DERCA (2019).

Analisando a situação atual da matrícula desses estudantes constatou-se que 70% dos alunos possuíam situação regular no segundo curso e que 30 % abandonaram ambos os cursos.

ANÁLISE DA POPULAÇÃO DE ALUNOS

Entre os 57 estudantes com 60 anos de idade ou mais, matriculados em cursos de graduação no interstício 2016-2019, identificou-se que 57,9% eram homens e 42,1% eram mulheres. A idade média dos alunos ficou em 62,93 anos, sendo o mais jovem com 60 anos e

o mais velho com 72 anos de idade. Ressalta-se que 51% dos alunos tinham até 62 anos e 25% mais do que 64 anos. Não houve diferença entre a idade média de homens e mulheres, sendo cerca de 63 anos para ambos.

A Tabela 2 mostra as formas de ingresso utilizadas pelos estudantes onde é possível constatar que a forma mais recorrida referiu-se ao processo seletivo SiSU/MEC, em que cerca de 50,9% dos alunos ingressaram desta forma. A segunda forma de ingresso mais utilizada foi por meio do edital de ingresso/reingresso, na modalidade de portador de diploma, uma vez que aproximadamente 30% dos alunos lançaram mão desta modalidade de ingresso.

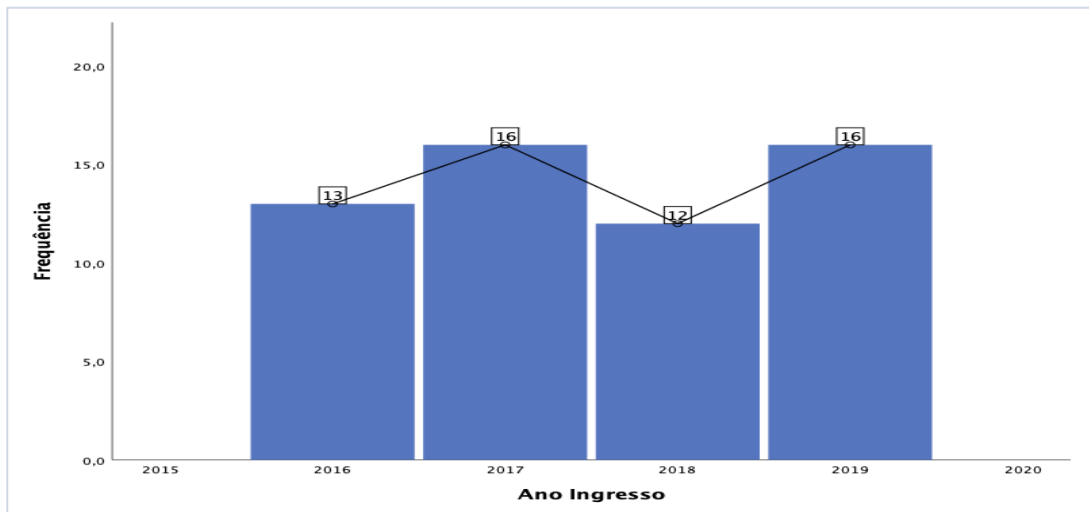
Tabela 2 – Distribuição dos estudantes pela forma de ingresso na instituição

Forma de ingresso	Número de alunos	Percentual (%)
Portador de Diploma	17	29,8
Processo Seletivo	30	52,7
Reingresso	3	5,3
Reingresso - Transf. Interna	1	1,8
Transferência Interna	3	5,3
Vagas Remanescentes	3	5,3
Total	57	100

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados disponibilizados pelo DERCA (2019).

Analisando sob uma perspectiva histórica o ingresso dos estudantes no quadriênio considerado, o gráfico ilustrado na Figura 1 mostrou que 22,8% (13) estudantes do total ingressaram em 2016. Houve um incremento na participação das matrículas em 2017, passando a 28,1% (16) do total. No ano seguinte, isto é, em 2018, a participação das matrículas caiu para 21,1% (12) do total de matrículas, e em 2019 retomou ao patamar de 2017, com 16 matrículas.

Figura 1 – Número de matrículas por ano de ingresso



Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados disponibilizados pelo DERCA (2019).

Os estudantes matriculados no período pesquisado vincularam-se a 33 diferentes cursos, distribuídos nas nove áreas de conhecimento da instituição, conforme apresentado na Tabela 3. As áreas com maior incidência de alunos foram as Ciências Agrárias, as Ciências Sociais Aplicadas e as Ciências Humanas.

Tabela 3 – Distribuição total dos estudantes por área de concentração dos cursos

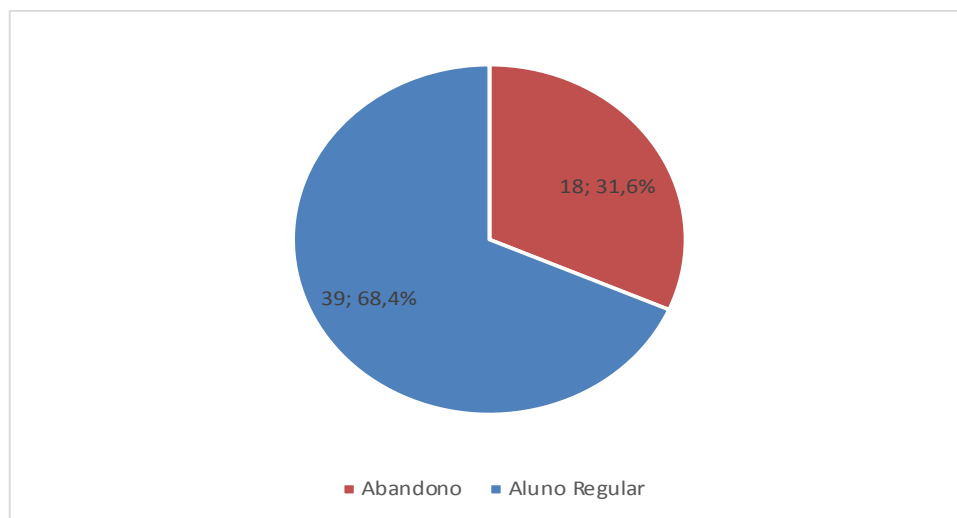
Área do Curso	Número de alunos	Percentual (%)
Ciências Agrárias	13	22,8
Ciências Biológicas	1	1,8
Ciências da Saúde	1	1,8
Ciências Exatas e da Terra	6	10,5
Ciências Humanas	9	15,8
Ciências Sociais Aplicadas	13	22,8
Engenharias	6	10,5
Linguística, Letras e Artes	5	8,8
Outros	3	5,3
Total	57	100,0

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados disponibilizados pelo DERCA (2019).

O gráfico da Figura 2 identificou que, apesar da maioria dos estudantes (68,4%) estar em situação regular, um expressivo número de estudantes abandonou o curso. Entre os 18

(31,6%) estudantes que abandonaram o curso, três o fizeram pela segunda vez no período pesquisado.

Figura 2 – Situação das matrículas



Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados disponibilizados pelo DERCA (2019).

Para tentar compreender um pouco melhor a situação de abandono, foram analisadas as relações entre algumas variáveis (idade, curso, forma de ingresso e gênero). Os resultados mostraram que o abandono do curso não apresentou relação com as variáveis testadas, isto é, não havendo diferença entre a idade média de quem abandona e quem não abandona, bem como a situação de abandono também não mantinha relação com o gênero, da forma de ingresso e da área do curso.

DISCUSSÃO

Todos os estudantes vinculados à instituição enquadraram-se no grupo de idosos jovens ou não longevos (NAVARRO et al., 2015), ou seja, com idade entre 60 e 79 anos. Cabe destacar que mais da metade desses estudantes (51%) possuíam idade de até 62 anos. Apesar dos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2015) apontarem para um predomínio do número de mulheres idosas sobre o quantitativo de homens idosos, tendência essa que se expressa tanto no Brasil quanto no mundo, identificou-se a predominância masculina nos cursos regulares de ensino superior entre a população pesquisada.

Com relação à maior proporção de homens idosos (57,9%) na presente pesquisa, os achados corroboram com o encontrado em pesquisa de Reis, Meira e Moitinho (2018) que encontraram maior proporção de homens vinculados aos cursos de graduação da Universidade do Estado da Bahia e se contrapõe aos achados de Barreto (2014) e Ricoldi e Artes (2016) que identificaram a preponderância da presença feminina na educação superior no Brasil a qual representava, respectivamente, 53% e 57% em cada estudo.

A evasão do sistema educacional que, de acordo com Lobo (2012), constitui-se em um dos grandes problemas enfrentados em todos os níveis da educação formal, sendo também uma realidade no ensino superior brasileiro. A evasão implica no fato de o estudante abandonar o curso de origem sem a sua conclusão, ocorrendo tanto na situação de desvinculação definitiva do sistema de ensino como na migração para outro curso e/ou instituição (LIMA; ZAGO, 2018).

Desse modo, os dados sobre evasão encontrados na presente pesquisa (31,6%) corroboram com os encontrados por Oliveira et al. (2016) que constataram que cerca 75% dos estudantes idosos concluem o curso superior. Carvalho e Tafner (2006) verificaram que existe uma relação entre evasão e idade, ou seja, na medida em que aumenta a idade dos estudantes, aumentam também as chances de evasão do ensino superior.

Colvero e Jovino (2014) distinguem três tipos de evasão. A primeira, “microevasão”, refere-se à ao abandono no curso; a segunda, a “mesoevasão”, está relacionada à evasão da instituição e, por último, a “macroevasão” que é a evasão do sistema. Assim, identifica-se que a evasão entre esses estudantes refere-se predominantemente ao curso e não à instituição. Assim como o estudo realizado por Rios et al. (2018) observou-se que o período considerado crítico e, por isso, decisivo para o desligamento do curso foi o primeiro ano, uma vez que 60% do estudantes que se desligaram do curso o fizeram nesse período.

No que tange ao modo de ingresso na universidade, verificou-se que a maioria dos estudantes ingressou por meio de processo seletivo (52,7%). Ressalta-se que, desde 2015, o Exame Nacional do Ensino Médio⁴ (ENEM) cuja nota possibilita o ingresso na instituição por meio do Sistema de Seleção Unificada (SiSU). Entretanto, identificou-se o prévio acesso ao ensino superior entre os estudantes, indicado pelo ingresso na instituição por meio da modalidade de portador de diploma (29,8%) reforçando que os idosos que tiveram acesso a oportunidades educacionais em suas trajetórias de vida dispõem de maior habilidade para

⁴ O Exame Nacional do Ensino Médio foi criado em 1998 com o objetivo de avaliar o desempenho os estudantes sendo que a partir de 2009 foi, gradativamente, adotado como forma de ingresso em Instituições Federais de Ensino Superior.

vivenciar a educação e enfrentar os desafios decorrentes do envelhecimento (CACHIONI, 2012).

Por fim, ressalta-se que a pesquisa, ainda que apresente dados referentes a situação das matrículas de estudantes idosos em uma determinada instituição, não podem ser generalizados. Assim, identifica-se a necessidade de novos esforços a serem empreendidos na tentativa de delinear o perfil desses estudantes que ingressam no ensino superior a partir de novas perspectivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo trouxe importantes indicações para compreender de que modo se processa o ingresso de estudantes idosos em uma instituição pública de ensino superior no interior do Rio Grande do Sul. Pode-se perceber que a maioria desses estudantes são homens, com idade média de 62 anos, que ingressaram na instituição por meio de processo seletivo. Ainda que a maioria dos estudantes esteja vinculada ao curso, identifica-se uma expressiva quantidade de estudantes que abandonaram o curso o que pode denotar dificuldades vivenciadas pelos estudantes dessa faixa etária.

REFERÊNCIAS

ADAMO, C. E. et al. Universidade aberta para a terceira idade: o impacto da educação continuada na qualidade de vida dos idosos. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 4, p. 550-560, 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/rbgg/v20n4/pt_1981-2256-rbgg-20-04-00545.pdf. Acesso em: 18 jun. 2020.

ALVES, J. **Análise dos benefícios de participação percebidos por idosos frequentadores de um programa de educação permanente**. 2018. 96f. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/333913/1/Alves_JulianaMedeiros_M.pdf. Acesso em: 20 jun. 2020.

AREOSA, S. V. C. et al. Envelhecimento ativo: um panorama do ingresso de idosos na universidade. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 3, p. 212-228, set./dez. 2016. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/viewFile/8407/pdf>. Acesso em: 2 mar. 2019.

BARRETO, A. Mulheres no ensino superior: distribuição e representatividade. **Cadernos do GEA**, v. 3, n. 6, p. 7-45, jul./dez. 2014. Disponível em: <http://flacso.org.br/?publication=caderno-gea-n6-a-mulher-no-ensino-superior-distribuicao-e-representatividade>. Acesso em: 15 abr. 2020.

- BARROS, S. C. da V.; MOURÃO, L. Panorama da participação feminina na educação superior, no mercado de trabalho e na sociedade. **Psicologia e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 30, p. 1-11, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/psoc/v30/1807-0310-psoc-30-e174090.pdf>. Acesso em: 2 abr. 2020.
- BRAVEMAN, P.; EGERTER, S.; WILLIAMS, D.R. The social determinants of health: coming of age. **Annual Review of Public Health**, v. 32, p. 381-398, 2011. Disponível em: <https://www.annualreviews.org/doi/abs/10.1146/annurev-publhealth-031210-101218>. Acesso em: 30 jun. 2020.
- BUSS, P.M.; PELLEGRINI FILHO, A. A saúde e seus determinantes sociais. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 77-93, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/physis/2007.v17n1/77-93/pt>. Acesso em: 1 abr. 2019.
- CACHIONI, M. Universidade da terceira idade: história e pesquisa. **Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 15, n. 7, p. 1-8, dez. 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/15225/11354>. Acesso em: 1 abr. 2020.
- CAMARANO, A. A.; KANSO, S. Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica. In: FREITAS, E. V. de; PY, L. **Tratado de geriatria e gerontologia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013. Cap. 5. p. 133-152.
- CARVALHO, M. de; TAFNER, P. Ensino Superior Brasileiro: a evasão dos alunos e a relação entre formação e profissão. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 30., 2006, Caxambu. **Anais [...]**. Caxambu: Anpoc, 2006. Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/papers-30-encontro/gt-26/gt06-10/3251-carvalho-tafner-ensino/file>. Acesso em: 4 jun. 2020.
- COLVERO, R. B.; JOVINO, D. P. Evasão acadêmica nas IES do Brasil: uma análise do ano de 2010. **Revista Argentina de Educación Superior**, ano 6, n. 8, p. 62-85, jun. 2014.
- GEIB, L.T.C. Determinantes sociais da saúde do idoso. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 17, n. 1, p. 123-133, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csc/v17n1/a15v17n1.pdf>. Acesso em: 3 maio 2020.
- HIRATA, H.; KERGOAT, D. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 596-609, set./dez. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cp/v37n132/a0537132.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2020.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Mudança demográfica no Brasil no início do século XXI: subsídios para as projeções da população**. Rio de Janeiro: IBGE, 2015.
- INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Sinopse Estatística da Educação Superior 2017**. Brasília: Inep, 2018. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/basica-censo-escolar-sinopse-sinopse>. Acesso em: 2 abr. 2020.

LIMA, F. S. de; ZAGO, N. Desafios conceituais e tendências da evasão no ensino superior: a realidade de uma universidade comunitária. **Revista Internacional de Educação Superior**, Campinas, v. 4, n. 2, p. 366-386, maio/ago. 2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/riesup/article/view/8651587/17797>. Acesso em: 5 jun. 2020.

LOBO, M. B. de C. M. Panorama da evasão no ensino superior brasileiro: aspectos gerais das causas e soluções. **ABMES Cadernos**, Brasília, DF, n. 25, p. 9-58, dez. 2012. Disponível em: <https://pt.calameo.com/read/0044830657857c7b29821>. Acesso em: 5 mar. 2020.

OLIVEIRA, L. L. et al. A presença do idoso no ensino superior brasileiro e os rumos dos modelos de ensino-aprendizagem. **Perspectivas do Desenvolvimento: um enfoque multidimensional**, v. 4, n. 5, p. 1-20, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/perspectivasdodesenvolvimento/article/view/18847/17516>. Acesso em: 2 ago. 2019.

MOTTA, A. B. da. Visão antropológica do envelhecimento. In: FREITAS, E. V.; PY, L.; NERI, A. L.; CANÇADO, F. A. X.; DOLL, J.; GORZONI, M. L. **Tratado de geriatria e gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 78-82.

NAVARRO, J. H. do et al. Percepção dos idosos jovens e longevos gaúchos quanto aos espaços públicos em que vivem. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 20, n. 2, p. 461-470, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csc/v20n2/1413-8123-csc-20-02-0461.pdf>. Acesso em: 1 maio 2020.

NOGUEIRA, I. R. R.; ALCÂNTARA, A. de O. Envelhecimento do homem: de qual velhice estamos falando? **Kairós Gerontologia**, v. 17, n. 1, p. 263-282, mar. 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/21203/15497>. Acesso em: 5 jul. 2020.

REIS, S. M. A. de O.; MEIRA, A. M. T.; MOITINHO, C. R. História de vida de idosos no ensino superior: percursos inesperados de longevidade escolar. **Exitus**, Santarém, v. 8, n. 3, p. 340-369, set./dez. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.24065/2237-9460.2018v8n3ID649>. Acesso em: 1 ago. 2019.

RICOLDI, A.; ARTES, A. Mulheres no ensino superior brasileiro: espaço garantido e novos desafios. **Ex Aequo**, Lisboa, n. 33, p. 149-161, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aeq/n33/n33a11.pdf>. Acesso em: 20 maio 2020.

RIOS, R. et al. Evasão, retenção e diplomação: ocorrências e motivações. **GUAL**, Florianópolis, v. 11, n. 4, p. 20-39, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/gual/article/view/1983-4535.2018v11n4p20/37665>. Acesso em: 20 abr. 2020.

5 ARTIGO 2 – ESTUDANTES IDOSOS NO ENSINO SUPERIOR: O PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO E A SATISFAÇÃO COM A VIDA

Clarita Souza Baroni Silveira¹, Miriam Cabrera Corvelo Delboni², Marco Aurelio de Figueiredo Acosta³

RESUMO

Este estudo teve como objetivo caracterizar o perfil sociodemográfico de estudantes idosos matriculados em cursos superiores em uma Instituição Federal de Ensino Superior (IFES). *Metodologia:* A pesquisa caracteriza-se como quantitativa, descritiva e transversal que utilizou o questionário multidimensional *Brazil Old Age Schedule* (BOAS) composto apenas pelas seções que se referem às informações gerais dos(as) entrevistados(as), recursos econômicos, necessidades e problemas que afetam o/a entrevistado/a. Os dados foram analisados em software estatístico SPSS[®] obtendo-se a estatística descritiva. Para comparação de variáveis, utilizou-se o Teste Exato de Fisher e Mann-Whitney. *Resultados:* Participaram da pesquisa 34 estudantes, sendo 55,9% do sexo masculino; a idade variou de 60 a 72 anos; a situação conjugal predominante foi casado/ morando junto (58,8%); a maioria apresentou a graduação como nível de estudo completo (35,3%). A renda familiar ficou entre 5 e 10 salários mínimos, com três dependentes. Houve associação entre as variáveis a) satisfação com a vida de maneira geral, b) exercício de atividade remunerada e c) escolaridade. *Conclusão:* Com base nos resultados deste estudo, constatou-se que o perfil sociodemográfico predominante é de idosos com renda de até 5 salários mínimos e alto nível de escolaridade. Neste contexto, entende-se que o perfil de estudantes encontrados não reflete o perfil encontrado em outras pesquisas de base populacional.

Descritores: Ensino superior; Idoso; Escolaridade; Satisfação com a vida.

INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional resultado da queda tanto das taxas de fecundidade como das de natalidade associadas aos baixos índices de mortalidade decorrem do investimento em tecnologias de saúde para a promoção e prevenção dos agravos à saúde resultando no aumento da expectativa de vida da população. A gerontologia, como campo de conhecimento específico do envelhecimento humano, até meados do século XX ancorou-se na concepção do envelhecimento enquanto um processo de declínio biológico e, portanto, natural (KELLER; PERUZZO, 2017).

Os avanços nas mais diversas áreas da gerontologia (geriatria, biogerontologia e gerontologia social) dão conta da multiplicidade de fatores que contribuem para que a

¹ Assistente Social (ULBRA), Especialização em Gestão Pública (UFN) e Mestranda em Gerontologia (UFSM).

² Terapeuta Ocupacional (PUCCAMP), Especialização em Terapia da Mão e Mestrado em Reabilitação pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Doutorado em Desenvolvimento Regional (UNISC)

³ Educador Físico (UFSM), Mestrado e Doutorado em Ciência do Movimento Humano (UFSM).

expectativa de vida seja cada vez mais estendida (PRADO; SAYD, 2006). Se outrora, a velhice era vista sob a perspectiva do declínio e como fase destinada ao descanso e à quietude, a melhoria na qualidade de vida das pessoas de modo geral vem se refletindo também entre a população mais idosa contribuindo para que novos papéis sociais possam ser vivenciados e até mesmo ressignificados.

Entre esses novos papéis, a melhoria no nível de escolarização da população, principalmente na faixa etária igual ou superior a 60 anos, dão indícios dos novos significados assumidos pela velhice. O interesse em querer aprender não é uma surpresa para os idosos e as idosas, haja vista o movimento de constituição das Universidades Abertas à Terceira Idade que, iniciada na França, se espalhou por diversos países, inclusive no Brasil. Mas um dos principais fatores que contribuem para que os idosos invistam em educação, sem dúvida, é que agora na velhice, eles geralmente possuem tempo para fazer isso (BOULTON-LEWIS, 2010).

As questões de gênero também perpassam o envelhecimento. Quanto mais envelhecido o grupo etário, maior é a concentração de mulheres em relação aos homens, dando visibilidade ao fenômeno conhecido por feminização da velhice e sendo, portanto, determinante no curso de vida das pessoas idosas (MAXIMIANO-BARRETO et al., 2019). Esse complexo fenômeno expõe tanto aspectos positivos quanto negativos, sendo também sinônimo de risco social e sobrecarga no acúmulo de funções na rede de apoio familiar (ALMEIDA et al., 2015).

Não obstante, esse fenômeno destarte o aspecto demográfico, mas também se expressam pelo fato de que são as mulheres que, ao longo de suas trajetórias de vida, acumulam diversas desvantagens vivenciadas sob a forma de violência, de discriminação, de rebaixamento de salários, dupla ou tripla jornada, impactando na maior probabilidade de serem mais pobres do que os homens e dependendo assim de mais recursos externos (NICODEMO; GODOI, 2010).

Alguns estudos ainda indicam que as mulheres as idosas também tendem a apresentar baixo nível de escolaridade (MEIRA et al., 2015; PLETSCH DA LUZ et al., 2014), além de viverem com renda *per capita* de até $\frac{1}{2}$ salário mínimo (MELO; FERREIRA; TEIXEIRA, 2014), indicando as condições sociais que cercam a velhice feminina.

A associação entre o nível mais elevado de escolaridade e de renda mantém estreita relação com o maior acesso aos serviços básicos que exercem efeitos positivos sobre a qualidade de vida das pessoas idosas (MELO; FERREIRA; TEIXEIRA, 2014). Por outro lado, alguns estudos têm associado uma pior percepção de qualidade de vida com o nível de

renda mais baixo e, baixo nível de escolaridade demonstrando maior exposição da pessoa idosa a condições de moradia e segurança física consideradas insatisfatórias (PEREIRA; ALVARES; TRAEBERT, 2011).

Entre idosos com nível educacional mais elevado uma renda mais alta está associada à forte diminuição da prevalência de incapacidades. Contudo, em contextos de baixa escolaridade, os idosos estão mais vulneráveis à incapacidade (ABELLÁN et al., 2015). Se por um lado a escolaridade atua como fator protetivo, a baixa escolaridade afeta o acesso à educação em saúde que dinamiza a adoção de comportamentos saudáveis e a mobilização social para a melhoria das condições de vida na velhice (GEIB, 2012). Desse modo, o nível de escolaridade, na velhice, relaciona-se à possibilidade de acessos a serviços de saúde, trabalho, direitos sociais e adesão a programas de educação que promovam qualidade de vida com menor dependência (FARIA et al., 2011).

Diante capacidade das pessoas em adaptar-se a diferentes situações decorrentes do curso de vida, a percepção de satisfação com a vida relaciona-se com uma vivência positiva em relação às condições de vida dos sujeitos na velhice (BANHATO; RIBEIRO; GUEDES, 2018). Apesar de ser um conceito complexo e subjetivo, a satisfação com a vida varia sob diferentes condições sendo que as mulheres idosas apresentam menor satisfação com a vida em comparação aos homens idosos, devido ao fato daquelas vivenciarem com maior frequência sintomas e doenças (MONTOVANI; LUCCA; NERI, 2016).

Nessa perspectiva, este estudo buscou caracterizar o perfil sociodemográfico de estudantes idosos matriculados em cursos superiores em uma Instituição Federal de Ensino Superior (IFES). A escassez de pesquisas que abordem as discussões sobre a situação de estudantes idosos no ensino superior contribuiu para a justificativa desse estudo.

MÉTODOS

Desenho do estudo – Trata-se de um estudo transversal, descritivo e quantitativo realizado com 34 estudantes idosos, com idade igual ou superior a 60 anos, matriculados em uma instituição pública de ensino superior localizada no sul do Brasil. A pesquisa possui aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) da Universidade Federal de Santa Maria sob parecer nº 3.757.364 e está registrado sob o número CAAE 26380519.1.0000.5346.

Participantes – para a composição da amostra foram utilizados os seguintes critérios: a) ser estudante idoso, isto é, com 60 anos ou mais, b) possuir matrícula em qualquer curso de

nível superior na modalidade presencial entre os anos de 2016 e 2019, independentemente da atual situação da matrícula (regular ou em situação de abandono) e c) assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Assim, foram identificadas 67 matrículas na instituição às quais se referiam à 57 estudantes. Isso se deve ao fato de que alguns destes estudantes migraram de um curso para outro no período estudado. Todos os estudantes foram convidados a participar da pesquisa sendo que destes, 34 (59,6%) concordaram em responder ao questionário.

Técnicas e instrumentos – os dados foram coletados por meio do questionário multidimensional *Brazil Old Age Schedule* (BOAS) validado por Veras e Dutra (2008). O instrumento é composto por 9 seções, no entanto, a fim de responder aos objetivos propostos nesse estudo, optou-se por utilizar as seções que se referem às informações gerais dos/as entrevistados/as, recursos econômicos, necessidades e problemas que afetam o/a entrevistado/a. Os questionários foram encaminhados por meio do Centro de Processamento de Dados (CPD) da instituição aos estudantes que puderem respondê-lo de maneira eletrônica. Os dados obtidos foram preenchidos em planilha Microsoft Office Excel[®] e analisados a partir de estatística descritiva e análise bivariada realizada com o *software* IBM SPSS Statistics[®] versão 15.0 adotando-se o nível de significância de 5% para as análises. Para verificar a associação entre algumas variáveis, utilizou-se o teste de Mann-Whitney. Para a análise bivariada, algumas variáveis foram reagrupadas da seguinte forma: a) escolaridade: ensino médio/ensino pós-médio ou técnico e graduação ou pós-graduação *lato sensu* ou *stricto sensu*; b) situação conjugal: casado/morando junto, com companheiro/a e demais situações sem companheiro/a; c) situação do imóvel: próprio ou outras situações; d) comparação da situação atual com a situação de quando tinha 50 anos: foram agrupadas as categorias a mesma e melhor; e) satisfação das necessidades básicas: as categorias “dá e sobra” e “dá na conta certa” foram agrupadas como “suficiente” e as categorias “sempre falta muito” e “sempre falta um pouco” como “insuficiente”.

RESULTADOS

Entre os 34 estudantes que responderam ao questionário houve predomínio da população masculina (55,9%), com idades variando entre 60 a 72 anos e com média de idade geral de 63,23 ($\pm 2,71$) anos. Em relação ao nível educacional, identifica-se a prevalência da graduação como o nível educacional mais concluído entre os respondentes. As variáveis referentes ao perfil dos respondentes podem ser visualizadas na Tabela 1.

Em relação à quantidade de filhos, verifica-se que a mediana foi de dois, variando de 1 a 5 filhos por unidade familiar. No entanto, os respondentes coabitam com aproximadamente duas pessoas. Ainda verifica-se que 9 (26,5%) estudantes referem viver sozinhos. Quanto ao parentesco das pessoas que compartilham a residência, destaca-se que 9 (26,5%) moram com esposo/a /companheiro/a e os filhos/as. A maioria dos idosos refere estar satisfeita com a vida de modo geral (76,5%). Porém, quando aferidos os motivos pelos quais estes indivíduos estão insatisfeitos com a vida, obtêm-se a predominância dos problemas econômicos (n=5; 14,7%) seguido da falta de atividades (n=4; 11,8%), de problemas de saúde (n=3; 8,8%) e de conflitos nos relacionamentos pessoais (n=3; 8,8%).

Tabela 1 – Distribuição da amostra segundo variáveis sociodemográficas

Variáveis	Frequência	Percentual
Sexo (n=34)		
Feminino	15	44,1%
Masculino	19	55,9%
Escolaridade		
Ensino Médio	04	11,8%
Ensino Pós-médio ou Técnico	04	11,8%
Graduação	12	35,3%
Pós-graduação lato sensu	08	23,5%
Pós-graduação stricto sensu	06	17,6%
Estado conjugal		
Casado/morando junto	20	58,8%
Divorciado(a)/separado(a)	06	17,6%
Nunca casou	05	14,7%
Viúvo (a)	03	8,8%
Possui filho		
Não	06	17,6%
Sim	28	82,4%
Parentesco com as pessoas que residem na moradia *		
Esposo (a)/companheiro(a)	20	58,8%
Filhos (as)	11	32,4%
Outros parentes	04	11,8%
Amigos	01	2,9%
Satisfação com a vida de modo geral		
Insatisfeito	08	23,5%
Satisfeito	26	76,5%

*: Variável que podia preencher mais de uma categoria
 Fonte: Elaborado pela autora.

Em relação à situação ocupacional, verifica-se que a atividade ocupacional mais predomina é a de professor/a (n=9; 26,5%), seguido de bancário/a (n=5;14,7%) e funcionário/a público/a (n=4; 11,8%). As profissões informadas pelos respondentes foram bem diversificadas dentre as quais apareceram: contador/a, cuidador/a de idoso/babá, eletricista, empresário/a, engenheiro/a, gerente de hotelaria, profissional de manutenção industrial, médico/a, publicitário/a, secretário/a odontológica, supervisor/a de departamento, técnico/a em eletromecânica, telecomunicações e trabalhador/a no comércio. O tempo médio de exercício da ocupação foi de 27,29 ($\pm 8,15$) anos, variando de 9 a 42 anos. E a idade média que a amostra informou ter parado de trabalhar foi de 57,32 ($\pm 5,97$) anos, variando de 42 a 65 anos, conforme Tabela 2.

Tabela 2 – Avaliação das variáveis numéricas

Variáveis	Média	Desvio Padrão	Mediana	Mínimo	Máximo
Idade (anos)	63,23	2,71	63,00	60,0	72,0
Tempo de residência na cidade (anos)	31,21	20,63	30,00	1,00	65,00
Tempo de coabitação anos (n=20)	32,55	9,70	35,00	4,00	47,00
Idade do cônjuge (anos) (n=20)	60,50	8,44	59,00	46,00	81,00
Quantidade de filhos (n=28)	2,14	1,11	2,00	1	5
Quantidade de pessoas que vivem na moradia.	1,79	1,51	2,00	0	5
Tempo de exercício da ocupação (anos)	27,29	8,15	26,50	9,0	42,0

Fonte: Elaborado pela autora.

Quase 65% dos respondentes informam residir em imóvel próprio ou de propriedade do casal e, ainda, na variável referente à situação do imóvel, a outra categoria mais descrita é a situação de imóvel financiado. Em relação às condições do imóvel, todos os respondentes informam possuir abastecimento de água encanada e eletricidade em suas residências. Destaca-se ainda que quase 30% dos indivíduos relata estar numa situação pior do que estava aos 50 anos e cerca de 26% avaliam que em relação aos recursos financeiros estes não se demonstram suficientes para suprir suas necessidades básicas.

Avaliando os resultados apresentados na Tabela 3, verifica-se que quase 45% dos indivíduos continuam a exercer atividade remunerada. E destaca-se, ainda que a principal fonte de renda relatada é a aposentadoria. Dentre as demais fontes que compõem a renda

familiar foram identificadas a ajuda de amigos ou parentes (n=4, 11,8%), a pensão (n=3; 8,8%) e outras fontes como aluguéis e investimentos (n=3; 8,8%).

Tabela 3 – Avaliação da renda dos entrevistados

(continua)

Variáveis	Frequência	Percentual
Continua exercendo atividade remunerada		
Não	19	55,9%
Sim	15	44,1%
Fonte de renda*		
Aposentadoria	24	70,6%
Trabalho	15	44,1%
Outras fontes	7	20,6%
Situação do imóvel		
Alugado	6	17,6%
Morando em residência cedida sem custo	2	5,9%
Propriedade do cônjuge	1	2,9%
Próprio ou propriedade do casal	22	64,8%
Outra categoria	3	8,8%
Bens e/ou comodidades do imóvel*		
Água encanada	34	100%
Eletricidade	34	100%
Ligação de rede de esgoto	31	91,2%
Forno micro-ondas	29	85,3%
Televisão	33	97,1%
TV a cabo	24	70,6%
Computador/notebook	32	94,1%
Rádio	27	79,4%
DVD	21	61,8%
Telefone móvel	34	100,0%
Automóvel	25	73,5%
Comparação da situação atual com a situação de quando tinha 50 anos		
A mesma	11	32,4%
Melhor	13	38,2%
Pior	10	29,4%

Tabela 3 – Avaliação da renda dos entrevistados

(conclusão)

Satisfação das necessidades básicas		
Dá e sobra	10	29,4%
Dá na conta certa	15	44,1%
Sempre falta muito	2	5,9%
Sempre falta um pouco	7	20,6%
Renda individual		
<5 salários mínimos	21	61,8%
De 5 a 10 salários mínimos	8	23,5%
>10 salários mínimos	5	14,7%
Renda familiar		
<5 salários mínimos	12	35,5%
De 5 a 10 salários mínimos	13	38,2%
>10 salários mínimos	9	26,5%

* Variável que podia preencher mais de uma categoria

Fonte: Elaborado pela autora.

Com base nos dados apresentados na Tabela 4, identifica-se que existe associação significativa da variável “continua exercendo atividade remunerada” com a escolaridade dos indivíduos, mostrando que as pessoas que possuem nível de escolaridade mais alto (graduação ou pós-graduação) referem ainda exercer alguma atividade remunerada. Ainda, existe associação da variável “continua exercendo atividade remunerada” com satisfação com a vida de modo geral, sendo que as pessoas que continuam a exercer alguma atividade remunerada informam estar mais satisfeitas quando comparadas às que não exercem atividade remunerada. Por conseguinte, destaca-se que todas as pessoas que informam estar insatisfeitas com a vida de modo geral não exercem nenhum tipo de atividade remunerada.

Ainda, foram comparadas as variáveis: idade, renda individual e renda familiar em relação a variável “continua exercendo atividade remunerada” e não houve diferença significativa entre os que continuam exercendo ou não ($p=0,150$, $p=0,074$ e $p=0,066$ respectivamente) pelo teste de Mann-Whitney, ou seja, a idade, a renda individual e familiar não tem relação com continuar ou não exercendo atividade remunerada.

Tabela 4 – Associação da variável contínua com o perfil sociodemográfico

	Continua exercendo atividade remunerada		Qui-quadrado
	Não N(%)	Sim N(%)	
Sexo			
Feminino	10 (66,7%)	5 (33,3%)	0,260
Masculino	9 (47,4%)	10 (52,6%)	
Escolaridade			
Ensino Médio/ Ensino Pós-médio ou Técnico	7 (87,5%)	1 (12,5%)	0,046*
Graduação/ Pós-graduação	12 (46,2%)	14 (53,8%)	
Situação conjugal			
Com companheiro (a)	11 (55,0%)	9(45,0%)	0,901
Sem companheiro (a)	8 (57,1%)	6(42,9%)	
Possui filhos			
Não	5 (83,3%)	1 (16,5%)	0,150*
Sim	14 (50,0%)	14 (50,0%)	
Satisfação com a vida de modo geral			
Insatisfeito	8 (100%)	0 (0,0%)	0,004*
Satisfeito	11 (42,3%)	15 (57,7%)	
Situação do imóvel			
Próprio	12 (52,2%)	11 (47,8%)	0,400*
Outras situações	7 (63,6%)	4 (36,4%)	
Comparação da situação atual com a situação de quando tinha 50 anos			
A mesma ou melhor	12 (50,0%)	12 (50,0%)	0,247*
Pior	7 (70,0%)	3 (30,0%)	
Satisfação das necessidades básicas			
Suficiente	13 (52,0%)	12 (48,0%)	0,360*
Insuficiente	6 (66,7%)	3 (33,3%)	

* Teste Exato de Fischer
Fonte: Elaborado pela autora.

Em consonância com os resultados apresentados na Tabela 5, verifica-se que existe associação da variável “satisfação com a vida de modo geral” com “satisfação das necessidades básicas”, sendo que as pessoas que avaliaram não possuir o suficiente para as necessidades básicas estão insatisfeitas com a vida de modo geral. As demais variáveis não influenciaram na satisfação com a vida.

Tabela 5 – Associação da variável “satisfação com a vida de modo geral” com as variáveis de perfil sociodemográfico.

	Satisfação com a vida de modo geral		Qui-quadrado
	Insatisfeito N(%)	Satisfeito N(%)	
Sexo			
Feminino	5(33,3%)	10(66,7%)	0,214*
Masculino	3(15,8%)	16(84,2%)	
Escolaridade			
Ensino Médio/ Ensino Pós-médio ou Técnico	3(37,5%)	5(62,5%)	0,269*
Graduação/ Pós-graduação	5(19,2%)	21(80,8%)	
Situação conjugal			
Com companheiro (a)	3(15,0%)	17(85,0%)	0,161*
Sem companheiro (a)	5(35,7%)	9(64,3%)	
Possui filhos			
Não	1(16,7%)	5(83,3%)	0,562*
Sim	7(25,0%)	21(75,0%)	
Situação do imóvel			
Próprio	5(21,7%)	18(78,3%)	0,519*
Outras situações	3(27,3%)	8(72,7%)	
Comparação da situação atual com a situação de quando tinha 50 anos			
A mesma ou melhor	5(20,8%)	19(79,2%)	0,435*
Pior	3(30,0%)	7(70,0%)	
Satisfação das necessidades básicas			
Suficiente	3(12,0%)	22(88,0%)	0,017*
Insuficiente	5(55,6%)	4(44,4%)	

* Teste Exato de Fischer

Fonte: Elaborado pela autora.

Quando comparados os grupos satisfeitos e insatisfeitos com a vida em relação às variáveis (a) idade, (b) renda individual e (c) renda familiar observou-se que existe diferença significativa para a variável renda familiar ($p=0,031$, teste de Mann-whitney). Os valores de renda são maiores entre as pessoas que referem estar satisfeitas, ou seja, as pessoas que apresentam uma renda familiar maior estão mais satisfeitas com a vida. Para as variáveis idade e renda individual, não existiu diferença entre os grupos ($p=0,324$ e $p=0,133$, respectivamente) pelo teste de Mann-Whitney.

DISCUSSÃO

Ao considerarmos a proporção de homens e mulheres na faixa etária de 60 anos ou mais no Brasil, destaca-se que em 2010, 51,03% da população era de mulheres e 48,97% da população era composta por homens (IBGE, 2010). Desse modo, percebe-se que fenômeno descrito como feminização da velhice, característica marcante entre a população idosa e como decorrente da desigualdade de gênero no que tange à expectativa de vida resultando na proporção maior de mulheres em relação aos homens nesse grupo etário (ALMEIDA et al., 2015) não se processou de maneira homogênea na educação superior destacando-se que não foi possível receber as informações da totalidade das respostas dos estudantes.

No que concerne à densidade habitacional, o estudo identificou entre os estudantes mais velhos que estes apresentam uma composição familiar próxima à apontada pelo último recenseamento que, em 2010, identificou uma média de 3,3 moradores por domicílio (IBGE, 2010). A composição das famílias e seus arranjos assemelha-se ao encontrado por Melo et al. (2016) com predomínio do casal com filhos. Ainda destaca-se que os achados dessa pesquisa com relação aos idosos que informaram residir sozinhos (26,5%) apresenta índice superior ao encontrado em pesquisa conduzida por Rabelo, Rocha e Pinto (2020) que identificou que entre a população pesquisada, 17,9% dos idosos residiam sozinhos.

O índice de escolarização - 76,4% com 15 anos ou mais de estudo - é considerado alto em relação ao observado em pesquisa conduzida por Melo, Ferreira e Teixeira (2014) que identificaram o predomínio da educação fundamental - até 8 anos de estudo - como o mais frequente entre os idosos. O nível de escolaridade, desse modo, atua como um fator protetivo para as pessoas idosas, uma vez que a baixa escolaridade está associada a um contexto de condições sociais e econômicas desfavoráveis agravando problemas de saúde, além de promover a exclusão social e dificultar o acesso a informações a esses sujeitos (JESUS et al., 2017). Em pesquisa conduzida por Roque et al. (2011) o nível de escolaridade de idosos que frequentavam uma Universidade Aberta à Terceira Idade em Alagoas identificou que 78,7% estudou mais de 9 anos durante as suas vidas.

Em relação aos rendimentos, os dados encontrados nesta pesquisa identificou que 38,2% dos idosos e idosas tem renda familiar entre 5 e 10 salários mínimos os quais diferem de outra pesquisa (PLETSCH DA LUZ et al., 2014) que identificou menores níveis de renda percebida pela população idosa. No entanto, os dados convergem com os encontrados em pesquisa realizada por Cardoso e Costa (2010) com idosos conveniados de um plano de saúde

localizado no Vale do Rio dos Sinos aonde se identificou que a maioria dos idosos tinha renda familiar maior do que seis salários mínimos e mais de 11 anos de estudo.

A satisfação com a vida de maneira geral entre grande parte dos participantes (76,5%) dessa pesquisa corrobora com o encontrado em um estudo conduzido por Joia, Ruiz e Donalísio (2007). Como colocam Banhato, Ribeiro e Guedes (2018), perceber-se como satisfeito com a vida de maneira geral é uma consequência da experiência subjetiva de bem-estar e de boa qualidade de vida na velhice.

Meléndez et al. (2009) ao desenvolverem um estudo com 181 homens e mulheres aposentados com idades entre 65 e 94 anos identificaram relações positivas indicando que um bom nível educacional resulta em maior nível de satisfação com a vida. Guerson, França e Amorim (2018) em recente estudo conduzido com 230 aposentados que ainda permaneciam trabalhando indicou que a percepção do trabalho, a satisfação com a renda, aliado a razões intrínsecas (como o sentimento de se sentirem em situação de produtividade) influenciaram na satisfação com a vida de aposentados que haviam retornado ao mercado de trabalho.

O exercício de atividade remunerada na aposentadoria como sendo um dos fatores que contribuem para satisfação com a vida na velhice é apontado em outro estudo (RIBEIRO et al., 2018) no qual os pesquisadores também verificaram que a continuidade dessas atividades laborais mantinham forte vinculação aos homens que se encontravam na faixa etária entre 65 e 74 anos e com maior nível de escolaridade e renda. Assim, os achados anteriores coadunam com os encontrados na presente pesquisa em que se observa a associação entre a continuidade das atividades laborais com a escolaridade e a satisfação com a vida de maneira global.

Ademais, a permanência dos idosos no mercado de trabalho mesmo após aposentadoria pode estar associada a fatores como as experiências de prazer vivenciadas pelos sujeitos na sua relação com o trabalho, bem como a estratégias de aproveitamento do tempo livre do/a aposentado/a, às necessidades financeiras resultantes da perda do poder aquisitivo acarretado pelos baixos valores dos benefícios concedidos e à necessidade crescente de prover a família (COCKELL, 2014; RIBEIRO et al., 2018). Outro fator apontado como determinante para a permanência de idosos no mercado de trabalho refere-se ao significado que a aposentadoria assume na sua oposição à inatividade ou ao ócio representando uma estratégia para a ocupação do tempo ocioso (COCKELL, 2014; VANZELLA, LIMA NETO, SILVA, 2011).

Em pesquisa conduzida por Camarano (2001) procurando compreender as razões para a permanência do idoso brasileiro no mercado de trabalho, a pesquisadora identificou que no ano de 1998 a maioria da População Economicamente Ativa (PEA) idosa é composta de

homens que possuíam um nível de escolaridade mais elevado que sugere indícios de que a educação pode ser uma chave para explicar a participação de idosos no mercado de trabalho.

Em outro estudo que buscou identificar as razões para idosos aposentados retornarem ao mercado de trabalho, conduzido na cidade de Belém/PA, verificou-se que os aposentados investigados retornaram ao trabalho porque queriam continuar a se sentir produtivos ao passo em que a necessidade de aumento da renda, apesar de estar presente, não pode ser confirmada como fator preponderante, além de competir com as necessidades de convivência com outras pessoas e com as necessidades de atualização (KHOURY et al., 2010).

Este estudo assinala para a importância que a escolarização assume na velhice. Os resultados obtidos apontam para a necessidade de novos estudos que compreendam a população idosa em contexto de educação superior formal e os seus desdobramentos para uma vivência com satisfação e qualidade de vida. É importante ressaltar que o estudo possui limitações considerando-se que os resultados referem-se à população de idosos e idosas vinculados a uma instituição federal de ensino superior, não podendo ser ampliada para outro contexto.

CONSIDERAÇÕES

Este estudo teve como foco delinear o perfil sociodemográfico de estudantes idosos que vivenciam o curso superior em uma instituição pública. Desse modo, o estudo pode verificar que o estudante idoso que acessa o ensino superior, em sua maioria, são homens casados/ou que coabitam com um/a companheiro/a, possuindo filhos que, em muitos casos, vivem na mesma moradia. Muitos acessaram anteriormente o ensino superior e apresentam renda familiar de 5 a 10 salários mínimos.

São idosos que se consideram satisfeitos com a vida de maneira geral e que, apesar de usufruírem do benefício da aposentadoria, muitos ainda seguem trabalhando. Percebe-se que o exercício de atividade remunerada entre os estudantes, mesmo aqueles aposentados, se impõe como realidade à maioria desses estudantes indicando um acúmulo de papéis vivenciados como o de estudante, idoso e trabalhador. Desse modo, percebe-se a presença de um perfil diferenciado entre a população estudada o que demonstra a heterogeneidade do modo de envelhecer.

De modo geral, verificou-se que o perfil encontrado na pesquisa aponta para um idoso jovem que, em decorrência de um contexto social e econômico que possibilitou acesso à educação em fases anteriores da vida, com acesso a trabalho complementado com

aposentadoria o que possibilita uma renda condizente com a satisfação de suas necessidades básicas. Destaca-se ainda a satisfação com a vida de maneira global. No entanto, a pesquisa possui limitações por trazer a realidade de uma instituição, não podendo ser realizadas generalizações. Assim, faz necessária a realização de mais estudos que busquem compreender as razões para o ingresso de pessoas na faixa etária de 60 anos ou mais na educação superior.

REFERÊNCIAS

ABELLÁN, A. et al. A higher level of education amplifies the inverse association between income and disability in the Spanish elderly. **Aging Clinical and Experimental Research**, p. 903-909, 11 mar. 2015. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s40520-015-0345-0>. Acesso em: 21 jun. 2020.

ALMEIDA, A.V. et al. A feminização da velhice: em foco as características socioeconômicas, pessoais e familiares das idosas e o risco social. **Textos e Contextos**, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 115-131, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/19830/13313>. Acesso em: 1 mar. 2020.

ANTES, D. L et al. Perfil socioeconômico dos idosos de Florianópolis: análise comparativa dos estudos Perfil do Idoso 2002 e EpiFloripa Idoso 2009. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 189-202, jan./mar. 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/rbepid/v17n1/pt_1415-790X-rbepid-17-01-00189.pdf. Acesso em: 7 jun. 2020.

BANHATO, E. F. C.; RIBEIRO, P. C. C.; GUEDES, D. V. Satisfação com a vida em idosos residentes na comunidade. **Revista Hospital Universitário Pedro Ernesto**, v. 17, n. 2, p. 18-26, 15 out. 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistahupe/article/view/40807>. Acesso em: 6 jun. 2020.

BOULTON-LEWIS, G. M. Education and learning for the elderly: why, how, what. **Educational Gerontology**, London, n. 36, p. 213-228, 8 fev. 2010. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/03601270903182877?scroll=top&needAccess=true>. Acesso em: 18 maio 2019.

CARDOSO, J. H.; COSTA, J. S. D. da. Características epidemiológicas, capacidade funcional e fatores associados em idosos de um plano de saúde. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 6, p. 2871-2878, set. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csc/v15n6/a24v15n6.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2020.

CAMARANO, A. A. O idoso brasileiro no mercado de trabalho. **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada**, Rio de Janeiro/Brasília, p. 1-22, 1 out. 2001. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_0830.pdf. Acesso em: 2 maio 2020.

- COCKELL, F. F. Idosos aposentados no mercado de trabalho informal: trajetórias ocupacionais na construção civil. **Psicologia e Sociedade**, v. 26, n. 2, p. 461-471, jun. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/psoc/v26n2/a22v26n2.pdf>. Acesso em: 4 jun. 2020.
- FARIA, E. C. et al. Avaliação cognitiva de pessoas idosas cadastradas na Estratégia Saúde da Família: município do Sul de Minas. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 46, n. 2, p. 1748-52, nov. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/reeusp/v45nspe2/19.pdf>. Acesso em: 4 jun. 2020.
- GEIB, L. T. C. Determinantes sociais da saúde do idoso. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 17, n. 1, p. 123-133, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csc/v17n1/a15v17n1.pdf>. Acesso em: 3 maio 2020.
- GUERSON, L. R. da S. C.; FRANÇA, L. H. de F. P.; AMORIM, S. M. Satisfação com a vida em aposentados que continuam trabalhando. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 28, e2018, p. 1-8, 2 jul. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/paideia/v28/1982-4327-paideia-28-e2812.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2020.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Síntese de indicadores sociais**: uma análise das condições de vida da população brasileira. Rio de Janeiro: IBGE, 2018.
- JOIA, L. C.; RUIZ, T.; DONALISIO, M. R. Condições associadas ao grau de satisfação com a vida entre a população de idosos. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 41, n. 1, p. 131-138, fev. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rsp/v41n1/19.pdf>. Acesso em: 7 jun. 2020.
- JESUS, I. T. M. de et al. Fragilidade de idosos em vulnerabilidade social. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 30, n. 6, p. 614-620, nov./dez. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ape/v30n6/0103-2100-ape-30-06-0614.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2020.
- KELLER, S. B. A.; PERUZZO, J. F. Paradigmas da gerontologia: quando o envelhecimento humano se transforma em objeto de conhecimento. **Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 329-348, 2017. Disponível em: <http://ken.pucsp.br/kairos/article/view/2176-901X.2017v20i3p329-348/25913>. Acesso em: 5 jul. 2020.
- KHOURY, H. T. T. et al. Por que aposentados retornam ao trabalho? O papel dos fatores psicossociais. **Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 147-165, jun. 2010. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/4867/3449>. Acesso em: 4 jun. 2020.
- LEONE, E. T.; MAIA, A. G.; BALTAR, P. E. Mudanças na composição das famílias e impactos sobre a redução da pobreza no Brasil. **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 19, n. 1, p. 59-77, abr. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ecos/v19n1/a03v19n1.pdf>. Acesso em: 5 maio 2020.
- MAXIMIANO-BARRETO, M. A. et al. A feminização da velhice: uma abordagem biopsicossocial do fenômeno. **Interfaces Científicas, Humanas e Sociais**, [s. l.], v. 8, n. 2, p. 239-251, ago./out. 2019. Disponível em: <file:///C:/Users/murilo/AppData/Local/Temp/6076-21838-1-PB.pdf>. Acesso em: 2 jun. 2020.

MELÉNDEZ, J. C. et al. Psychological and physical dimensions explaining life satisfaction among the elderly: A structural model examination. **Archives of Gerontology and Geriatrics**, v. 48, p. 291-295, 2009. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0167494308000514?via%3Dihub>. Acesso em: 7 jun. 2020.

MELO, N. C.V. de; FERREIRA, M. A. M.; TEIXEIRA, K. M. D. Condições de vida dos idosos no Brasil: Uma análise a partir da renda e nível de escolaridade. **Oikos: Revista Brasileira de Economia Doméstica**, Viçosa, v. 25, n. 1, p. 4-19, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/oikos/article/view/3687/1959>. Acesso em: 20 jun. 2020.

MELO, N.C.V. de et al. Arranjo domiciliar de idosos no Brasil: análises a partir da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (2009). **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 139-151, jan./mar. 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=403844773013>. Acesso em: 15 jun. 2020.

PEREIRA, K. C. R.; ALVAREZ, A. M.; TRAEBERT, J. L. Contribuição das condições sociodemográficas para a percepção da qualidade de vida em idosos. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 14, n. 1, p. 85-95, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbagg/v14n1/a10v14n1.pdf>. Acesso em: 4 maio 2020.

PLETSCH DA LUZ, E. da et al. Perfil sociodemográfico e de hábitos de vida da população idosa de um município da região norte do Rio Grande do Sul, Brasil. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 303-314, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbagg/v17n2/1809-9823-rbagg-17-02-00303.pdf>. Acesso em: 20 maio 2020.

PRADO, S. D.; SAYD, J. D. A gerontologia como campo do conhecimento científico: conceito, interesses e projeto político. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 11, n. 2, p. 491-501, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csc/v11n2/30436.pdf>. Acesso em: 3 mar. 2020.

RABELO, D. F.; ROCHA, N. M. F. D.; PINTO, J. M. Arranjos de moradia de idosos: associação com indicadores sociodemográficos e de saúde. **Subjetividades**, Fortaleza, v. 20, n. especial 1, p. 1-13, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unifor.br/rmes/article/view/e8873/pdf>. Acesso em: 5 jul. 2020.

RIBEIRO, P. C. C. et al. Permanência no mercado de trabalho e satisfação com a vida na velhice. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 23, n. 8, p. 2683-2692, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csc/v23n8/1413-8123-csc-23-08-2683.pdf>. Acesso em: 20 maio 2020.

ROQUE, F. P. et al. Perfil socioeconômico-cultural de uma universidade aberta à terceira idade: reflexo da realidade brasileira? **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 14, n. 1, p. 97-108, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbagg/v14n1/a11v14n1.pdf>. Acesso em: 7 jun. 2020.

VANZELLA, E.; LIMA NETO, E. de A.; SILVA, C. C. da. A terceira idade e o mercado de trabalho. **Revista Brasileira de Ciências da Saúde**, v. 14, n. 4, p. 97-100, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/rbcs/article/view/7199/5692>. Acesso em: 6 maio 2020.

VERAS, R.; DUTRA, S. **Perfil do idoso brasileiro**: questionário BOAS. 1. ed. Rio de Janeiro: UERJ/Unati, 2008.

6 ARTIGO 3 – DOS DESAFIOS ÀS EXPECTATIVAS: O RELATO DE ESTUDANTES IDOSOS NO ENSINO SUPERIOR PÚBLICO

Clarita Souza Baroni Silveira¹, Miriam Cabrera Corvelo Delboni², Marco Aurelio de Figueiredo Acosta³

RESUMO

Este estudo teve como objetivo identificar as motivações, os desafios e as expectativas de estudantes idosos em seu ingresso no ensino superior por meio da lexicografia básica. *Metodologia:* Trata-se de uma pesquisa qualitativa na qual participaram estudantes idosos que realizaram matrícula em curso superior em uma Instituição Federal de Ensino Superior do interior do Rio Grande do Sul. Os dados foram coletados por meio de entrevista semiestruturada e o material transcrito foi reunido para compor um único *corpus* textual que foi analisado a partir da análise lexical oferecida pelo *software* IRAMUTEQ. *Resultados:* Participaram da pesquisa nove estudantes. A análise lexicográfica básica identificou nove textos compondo o *corpus* textual e, por meio do método de nuvem de palavras, assinalou a palavra “*não*” como sendo a palavra com maior frequência no *corpus* textual. Assim sendo, as falas dos participantes foram analisadas a partir das categorias centrais: a) motivações relatadas para ingressar no ensino superior, b) desafios enfrentados no ambiente acadêmico e c) expectativas quanto ao curso escolhido. *Conclusão:* Com base nos resultados deste estudo, verificou-se que muitos estudantes voltaram à universidade após a aposentadoria, seja realizando outra graduação, seja concluindo curso iniciado e interrompido, vivenciando a experiência acadêmica na velhice de uma maneira diferenciada, buscando novos conhecimentos e ressignificando essa nova etapa de suas vidas.

Descritores: Envelhecimento; velhice; ensino superior; motivações; expectativas.

INTRODUÇÃO

Não se pode falar em um único modo de vivenciar a velhice. Sendo, portanto, uma construção heterogênea essa característica denota que os modos de viver e de sentir a velhice perpassam diversos aspectos compreendendo desde os fatores biológicos, como os fatores sociais e psicológicos. O aumento da expectativa de vida verificado em diversos países, inclusive no Brasil, tem contribuído para evidenciar questões pertinentes a esse grupo social anteriormente circunscrito ao âmbito privado (DEBERT, 2012). Essa realidade tem suscitado novas formas de viver a velhice e sua inserção em novos espaços contribuindo para ressignificar papéis socialmente atribuídos à velhice.

¹ Assistente Social (ULBRA), Especialista em Gestão Pública (UFN) e Mestranda em Gerontologia (UFSM).

² Terapeuta Ocupacional (PUCCAMP), Especialização em Terapia da Mão e Mestrado em Reabilitação pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Doutorado em Desenvolvimento Regional (UNISC).

³ Educador Físico (UFSM), Mestrado e Doutorado em Ciência do Movimento Humano (UFSM).

Como em qualquer outra fase da vida, o homem não vive nunca em condições naturais, mas sob as imposições da sociedade à qual pertence (BEAUVOIR, 2018). A velhice, no âmbito das sociedades capitalistas, é também uma produção social (CAMPELO E PAIVA, 2014) e, dessa maneira, deve ser analisada a partir do contexto social no qual se insere e pela forma como é incorporada ao modo de estruturação da sociedade. O trabalho, desse modo, é apresentado como uma categoria-chave para compreender a sociedade moderna e, portanto, sua relação com a velhice.

Muito além de ser apenas um meio para a satisfação das necessidades básicas, A maneira como os indivíduos se vinculam ao trabalho influencia diretamente na subjetividade e no modo como irão relacionar-se com as demais áreas de sua vida (PEREIRA; TRAESEL; MELO, 2013). Assim, a relação do trabalho com a velhice esteve fortemente atrelada ao seu processo de desvinculação ou à ruptura com a estrutura social produtiva deixando de ser apenas uma fase de transformações fisiológicas para vincular-se à uma fase de inatividade, visto que, do ponto de vista produtivo, não gera mais riquezas a partir da venda da sua força de trabalho (SIQUEIRA; BOTELHO; COELHO, 2002).

Diante disso, o advento da aposentadoria, destarte se configurar como um direito social, também estabelece uma dimensão estreitamente relacionada com a velhice o que muitas vezes contribuiu para que a pessoa idosa vivencia dificuldades em sua desvinculação com o mundo do trabalho (BULLA; KAEFER, 2003). Se no início do século XX, os idosos usufruíam da aposentadoria por um tempo exíguo, a longevidade alcançada pela humanidade atribuiu novos sentidos à essa etapa. Além de um direito social, a aposentadoria se revestiu como direito ao descanso, ao usufruto do tempo livre, à escolha sobre o quê, onde e de que forma realizar as atividades imprimindo novos ritmos à maneira de viver a velhice (PANOZZO; MONTEIRO, 2013).

Estimulando uma mudança na visão acerca do idoso e da velhice, a educação surge como uma gama de oportunidades para atualizar seus conhecimentos, revelar suas habilidades, trocar experiências, além de conhecer pessoas de outras faixas etárias, ter acesso a novos espaços de cultura e trabalho que contribuem para a sua autoconfiança (PEREIRA, 2012).

Assim, a educação na velhice acabou atraindo o interesse dos idosos pela possibilidade de aprender o que não puderam fazer em etapas anteriores da vida, bem como pelo tempo livre que agora é propiciado pela aposentadoria (FURTER *apud* LEÃO, 2008). Contribuindo para compreender a intencionalidade da educação na velhice, Doll (2014) direcionou para seis dimensões o foco das atividades educacionais para pessoas idosas: a) dimensão

socioeducativa – cujo foco é a convivência intergeracional; b) dimensão de lazer – possibilidade de ressignificar o vazio deixado pela saída do mundo do trabalho; c) dimensão compensatória – as atividades educacionais buscam compensar o que não foi possível ou alcançado na juventude ou na fase adulta; d) dimensão de atualização – desencadeado pelas rápidas transformações tecnológicas; e) dimensão de manutenção das capacidades cognitivas – a aprendizagem atua como fator protetivo ou amenizando possíveis perdas cognitivas.

Nessa perspectiva, a presente pesquisa buscou identificar as motivações, os desafios e as expectativas de estudantes idosos em seu ingresso no ensino superior. Buscou-se com isso, lançar um olhar diferenciado sobre as questões que cercam a velhice desses estudantes.

MÉTODOS

Desenho do estudo – Trata-se de um qualitativo realizado com estudantes com idade igual ou superior a 60 anos, matriculados em cursos superiores em uma instituição pública de ensino superior localizada no sul do Brasil, na modalidade presencial. Os estudantes foram contatados por telefone durante os meses de maio de junho de 2020. A pesquisa possui aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) da Universidade Federal de Santa Maria sob parecer nº 3.757.364 e está registrado sob o número CAAE 26380519.1.0000.5346.

Participantes – participaram desse estudo nove estudantes, sendo cinco mulheres e quatro homens que manifestaram concordância por meio da assinatura no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os participantes tinham idade entre 60 e 68 anos tendo realizado matrícula em qualquer curso de nível superior na modalidade presencial entre os anos de 2016 e 2019, em uma Instituição Federal de Ensino Superior localizada no interior do Rio Grande do Sul. O tipo de amostragem foi intencional.

Instrumentos – utilizou-se um roteiro de entrevista semiestruturada contendo as perguntas: (a) o que o/a motivou a ingressar no ensino superior nessa etapa de sua vida? (b) quais os desafios que você encarou ou ainda encara por ser um/a estudante universitário/a mais velho/a? (c) quais as suas expectativas em relação ao curso após concluí-lo? As entrevistas foram gravadas em dispositivo digital e tiveram duração de aproximadamente 30 minutos.

Procedimentos de análise de dados – utilizou-se o software Iramuteq (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*) como ferramenta que permitiu realizar uma análise lexical quantitativa considerando como unidade de análise a

palavra (FERNANDES et al., 2015). Utilizou-se a nuvem de palavras como método de análise a qual realizou o agrupamento e a organização gráfica das palavras em função da sua frequência de aparecimento no texto, possibilitando a visualização das palavras-chave que compõem o *corpus* textual (CAMARGO; JUSTO, 2013). A análise foi realizada a partir da construção de um único *corpus* textual no qual constaram todas as entrevistas dos sujeitos. Os/as participantes foram identificados por P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7, P8 e P9.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram desse estudo nove estudantes com idade entre 60 e 68 anos, sendo que cinco (55,6%) eram mulheres e quatro (44,4%) eram homens. Com relação à escolaridade, seis (66,7%) entrevistados possuíam nível superior completo e os demais (33,3%) possuíam ensino médio ou curso técnico completo.

A análise lexicográfica básica identificou nove textos compondo o *corpus* textual e, por meio do método de nuvem de palavras, reuniu e organizou visualmente as palavras em torno de sua frequência no *corpus* (CAMARGO; JUSTO, 2013), assinalando a palavra “não” como sendo a palavra com maior frequência no *corpus* textual, tendo aparecido 316 vezes no material verbal transcrito dos sujeitos entrevistados.

A partir da representação da nuvem de palavras, conforme Figura 1, percebeu-se que as palavras que apareciam com maior frequência no *corpus* textual foram posicionadas de maneira centralizada na imagem em tamanho proporcional à sua repetição no *corpus*. Em contrapartida, as demais palavras apareceram em menor tamanho em vista de sua diminuída frequência no material transcrito. Isto posto, os significados do vocábulo “não” foram interpretados a partir da fala dos entrevistados apoiando-se nas seguintes categorias centrais de análise: a) motivações relatadas para ingressar no ensino superior, b) desafios enfrentados no ambiente acadêmico e c) expectativas quanto ao curso escolhido.

[...] **não** só preenchimento do tempo, mas pra **não** parar (P1 – 62 anos).

Para o participante P3, evidenciou-se no seu relato que a aposentadoria possibilitou a vivência acadêmica, uma vez que:

Aí tranquilo, eu **não** tinha problema com tempo, **não** tinha mais problema com filhos, nem nada (P3 – 62 anos).

Para o participante P2, a aposentadoria foi a oportunidade para acessar a graduação que, em outros momentos, foi deixada de lado em função do trabalho:

Não! Dessa vez eu vou. Agora eu **não** vou ficar sem fazer nada (P2 – 67 anos).

A aposentadoria como desfecho para retomada do curso superior apareceu também no discurso da participante P4 que relatou ter interrompido o curso em razão do casamento e da mudança de cidade. Apesar de possuir graduação, cursar Economia era considerado “*um sonho*” pela entrevistada. No entanto, adversidades vivenciadas a conduziram na troca de curso:

Só que eu vi que **não** tem mais motivo pra eu fazer Economia, né (P4 – 63 anos).

Como colocam Moura e Souza (2012), ainda que o tempo livre em virtude da aposentadoria seja resultado de uma conquista social, esses sujeitos ainda vivenciam o ritmo da produção ao qual estavam submetidos no período economicamente ativo, suscitando a necessidade de preenchimento do tempo anteriormente ocupado pelo trabalho. Essa perspectiva remete a uma inversão dos significados do envelhecimento onde a aposentadoria anteriormente associada a um momento de descanso e de recolhimento dá lugar a um período de atividade e lazer (DEBERT, 1999). Desse modo, aposentadoria pode provocar a necessidade de preenchimento do tempo anteriormente ocupado pelo trabalho, mostrando que em alguns casos a inserção no ensino superior pode ser uma estratégia para dar qualidade a esse tempo.

Apesar de possuir formação de nível superior, a participante P7 viu na universidade a possibilidade de novos aprendizados dentro de sua área de formação inicial:

Isso aí é um complemento de coisas que eu **não** pude fazer na época, né, e que nem tinha! (P7 – 63 anos).

O mesmo ocorreu com a entrevistada P9 que, apesar de possuir mestrado, referiu a vontade de continuar aprendendo:

Por que eu **não** tinha me preocupado em fazer um curso de inglês, né, pra isso (P9 – 63 anos).

Os relatos apontam para a dimensão compensatória da educação na velhice a qual possibilita a vivência de experiências que foram deixadas de lado em outras etapas do curso de vida.

A vontade de continuar aprendendo, também se fez presente no discurso do participante P8. Ao referir-se à sua trajetória educacional, relatou que:

É, eu na minha adolescência, na época certa, eu **não** quis estudar. Eu com 15 anos eu resolvi **não** estudar mais (P8 – 64 anos).

Essa interrupção o fez com que ingressasse tardiamente no ensino superior, mas não o impediu de alcançar duas especializações e de cursar uma segunda graduação, agora na velhice.

DESAFIOS ENFRENTADOS NO AMBIENTE ACADÊMICO

A vivência de desafios foi relatada de maneira bastante diversificada pelos participantes. Muitos destes referiram não ter encarado nenhum tipo de desafio por ser um estudante idoso em um contexto acadêmico marcado pela presença de estudantes jovens. A participante P9 referiu que:

Na minha opinião, **não** tinha nenhum problema fazer um curso superior porque a gente mantém a capacidade intelectual de acompanhar o curso (P9 -63 anos).

Ainda acrescentou que seus desafios foram os mesmos que os demais estudantes:

Não foi desafio, era só o que a gente precisa pra fazer um curso superior nessa idade é tempo, disposição e a possibilidade de acompanhar as aulas e cumprir as tarefas. Isso eu tinha, como eu digo, tinha certeza que **não** seria um grande problema (P9 – 63 anos).

Para o participante P3, o fato de não ter encarado desafios pode ser atribuído à sua postura jovem:

Olha, eu, particularmente, **não** senti muito isso aí por que eu tenho um espírito muito, muito bom, né (P3 – 62 anos).

O mesmo transpareceu no discurso do participante P2:

Olha, eu como idoso, como um aluno de terceira idade, um acadêmico de terceira idade eu praticamente **não** sentia diferença nenhuma no meio daquela meninada ali. Aliás, pelo menos nos cursos onde eu frequentei, eu **não** senti nenhum movimento de discriminação por eu ser idoso (P2 – 67 anos).

Esses depoimentos sugerem uma vivência intergeracional positiva na inserção no ensino superior desses participantes visto que, com o aumento da expectativa de vida, tanto os idosos como as idosas estão extrapolando o contexto familiar e se inserindo em diversos cenários. Assim, a experiência de convívio entre as diferentes gerações, possibilitada pelo ambiente acadêmico, permite a superação tanto de paradigmas como de estereótipos gerando mudanças das imagens socialmente construídas e atribuídas à velhice (CACHIONI; AGUILAR, 2008).

Contudo, outros participantes relataram ter vivenciado desafios sob a forma de encontro entre diferentes gerações. Essa situação se evidenciou no relato da participante P5 ao expor que os demais estudantes:

Te olham diferente até começarem a conversar e ver que tu não é... tu não é vovó, sabe (P5 – 68 anos).

Situação parecida também foi relatada pela participante P1 que referiu que os desafios vivenciados foram no início do curso:

Não é choque, é aqueles olhares quando tu retorna (P1 – 62 anos).

O “*choque*” desencadeado pelo olhar do outro decorre, como coloca Beauvoir (2018), de que a velhice aparece com mais clareza para o outro do que para o próprio sujeito. É o olhar do outro que anuncia a idade, uma vez que as mudanças provocadas pelo envelhecimento revelam-se sutilmente sobre o corpo, no que resulta que a pessoa que envelhece acaba não se percebendo como uma pessoa idosa (BEAUVOIR, 2018).

No processo de envelhecimento, o corpo assume a centralidade posto que é nele que se imprimem as mudanças físicas que fazem com que a velhice seja um evento tão temido (BLESSMAN, 2004). Nesse sentido, o relato da participante P7 evidencia o processo gradual

do envelhecimento ao relacionar os desafios vivenciados com as experiências corpóreas em torno da aceitação desse processo:

[...] eu **não** sabia que eu tinha limitações. [...] Pensar assim: eu **não** posso mais fazer. [...] Então o meu corpo... a minha mente ainda tá bem, mas o meu corpo já **não** me... já **não** é mais o mesmo, sabe? [...] O pior desafio são as minhas limitações e o que eu **não** posso mais fazer com a minha idade (P7 – 63 anos).

No entanto, apenas a participante P4 relatou o “*preconceito*” como um desafio vivenciado no âmbito acadêmico referindo que foram suas vivências profissionais que possibilitaram superar o desafio:

Eu acho que se eu não tivesse trabalhado com crianças, eu não ia conseguir viver no meio dos mais jovens (P4 – 63 anos).

A discriminação configura-se como um mecanismo de exclusão social e é uma das formas de preconceito com maior grau de institucionalização. O idadismo (preconceito quanto à idade) não é apenas uma atitude negativa individualizada, mas constituiu-se em uma parte integrante dos valores culturais de uma sociedade e das suas práticas institucionais (COELHO, 2013). Apesar de ser uma realidade, os relatos sobre desafios em forma de preconceito ou discriminação foram pontuais entre os participantes.

Conforme aponta Goldani (2010) em razão da longevidade humana existe uma maior probabilidade de se vivenciar relações intergeracionais e transferência de recursos materiais e simbólicos seja na esfera privada entre avós, pais e filhos/netos, como em outros contextos passando dos mais velhos para os mais novos e dos mais novos aos mais velhos. Desse modo, o preconceito etário e a discriminação por idade são constituintes desse processo de transmissão intergeracional.

EXPECTATIVAS QUANTO AO CURSO ESCOLHIDO

O questionamento quanto às expectativas dos idosos em relação ao curso escolhido provocou variadas respostas, destacando-se na maioria dos relatos a busca pelo conhecimento e pelo aprendizado. A participante P7, apesar de nutrir expectativas quanto ao curso, percebeu ser um momento diferenciado de aprendizagem:

Eu digo assim, eu **não** tenho aquela expectativa que eu tinha há 40 anos. Claro que **não**, né! [...] A minha expectativa por enquanto **não** é assim eu me formar e ir lá pra atrás de um balcão ou sei lá o que fazer. **Não!** Eu **não** quero isso! (P7 – 63 anos).

A expectativa também manteve vinculação com a aprendizagem conforme colocou o participante P3. Contudo, a expectativa de obtenção de um diploma superior apareceu como algo secundário, uma vez que:

Eu **não** tenho necessidade de me formar [...]. **Não** vou mais trabalhar nessa área por hora (P3 – 62 anos).

Ainda em outro discurso, a expectativa de conclusão do curso superior não se relacionou à (re)inserção no mercado de trabalho, como referiu o participante P2:

E como aposentado eu **não**, digamos assim, por isso que eu queria o bacharelado, né, e **não** a licenciatura. Por que eu **não** tinha a intenção de ensinar, mas de escrever sobre o assunto (P2 – 67 anos).

Essa afirmativa ainda reapareceu no relato do participante P6 o qual reforçou que suas expectativas quanto à aprendizagem não se relacionavam com a possibilidade de reinserção no mercado de trabalho:

A minha expectativa **não** tem nada a ver com ganhar dinheiro, sabe. [...] Eu **não** tenho nenhuma expectativa de ganhar dinheiro assim, entende (P6 – 60 anos).

Contudo, para a participante P9, as expectativas estiveram relacionadas à retomada da vida ocupacional. No entanto, a entrevistada reconheceu algumas impossibilidades ante às suas concretizações:

[...] até me ocorre às vezes, mas eu **não** vejo como concretizar isso (P9 – 63 anos).

A participante ainda concluiu reforçando que:

E se eu fizesse Letras eu, certamente, **não** teria uma chance, uma oportunidade no mercado de trabalho. Isso aí eu sempre fui consciente disso por que **não** teria nem tempo, nem talvez disposição pra fazer o restante (P9 – 63 anos).

Se por um lado as expectativas contribuíram para a identificação com o curso escolhido, por outro lado a falta de expectativas esteve relacionada com o prestígio do curso:

Quer dizer é um curso que **não** traz assim... **não** é um médico, **não** é um engenheiro, **não** é um advogado, então pra que que é isso aí? (P5 – 68 anos)

Por outro lado, a não-identificação com o curso escolhido também é relatada por outra participante:

E daí eu estava passando trabalho em uma coisa que **não** ia me dar nada, né. **Não** tinha muita expectativa quanto ao curso (P4 – 63 anos).

Identificou-se, desse modo, que a inserção no ensino superior por esses estudantes apresenta uma gama de motivações decorrentes de suas diferentes trajetórias e que o percurso no meio acadêmico parece não representar como um grande desafio para estes estudantes que em sua maioria procuram ocupar a lacuna deixada pela aposentadoria com atividades educacionais oportunizadas pelo ambiente acadêmico. Ainda, as expectativas identificadas afastam a possibilidade de uma reinserção no mercado de trabalho seja por não reconhecerem necessidade ou por não reconhecer a possibilidade na etapa atual de suas vidas.

Acredita-se que este estudo contribuiu para a discussão em torno das motivações para o ingresso no ensino superior, dos desafios enfrentados na vivência acadêmica e das expectativas de estudantes idosos no ensino superior. Apesar de os dados referirem-se a um número reduzido de estudantes, o que não permite generalizações, apresenta os relatos desses estudantes em um contexto diferenciado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista que a inserção na educação superior por estudantes idosos ainda é uma realidade que carece de maiores investigações, verificou-se que a educação superior na velhice apresentou-se como uma estratégia privilegiada para gerenciar a transição do trabalho para a aposentadoria, além de contribuir para que o tempo livre seja mais significativo e oportunizando novos conhecimentos. Para estes, a aposentadoria possibilitou compensar oportunidades que não foram vivenciadas anteriormente, seja cursando uma nova graduação, seja dando continuidade a cursos que foram interrompidos na trajetória de vida desses sujeitos.

Perpassam ainda questões referentes à vivência da velhice expressa no corpo, mas que podem ser compensadas pela experiência positiva sustentada pelo sentimento de se sentirem ativos e desempenhando novos papéis sociais. O convívio intergeracional, embora produza

contrastes, se tornou profícuo na perspectiva de grande parte dos estudantes, ainda que em algum relato, exista preconceito quanto ao idoso.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, S. de. **A velhice**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

BLESSMANN, E. J. Corporeidade e envelhecimento: o significado do corpo na velhice. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 6, p. 21-39, 2004. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/download/4737/2661>. Acesso em: 20 abr. 2020.

BULLA, L. C.; KAEFER, C.O. Trabalho e aposentadoria: as repercussões sociais na vida do idoso aposentado. **Textos e Contextos**, Porto Alegre, v. 2, n. 1, 2003. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/957>. Acesso em: 5 ago. 2019.

CACHIONI, M.; AGUILAR, L. E. A convivência com pessoas idosas em instituições de ensino superior: a percepção de alunos da graduação e funcionários. **Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 79-104, jun. 2008. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/kairós/article/view/2512>. Acesso em: 30 maio 2020.

CAMARGO, A. M.; JUSTO, B. V. Iramuteq: um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 21, n. 2, p. 513-518, dez. 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v21n2/v21n2a16.pdf>. Acesso em: 1 mar. 2020.

CAMPELO E PAIVA, S. de O. **Envelhecimento, saúde e trabalho no tempo do capital**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2014. 304 p.

COELHO, C. Idades apartadas: pensar o idadismo e a intergeracionalidade. In: PEREIRA, J. D.L.; LOPES, M. de S.; RODRIGUES, T. M. M. (coord.). **Animação sociocultural, gerontologia e geriatria: a intervenção social, cultural e educativa na terceira idade**. Boticas/Portugal: Intervenção, 2013. p. 63-72

DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Fapesp, 2012.

DEBERT, G. G. Velhice e o curso da vida pós-moderno. **Revista USP**, São Paulo, v. 42, p. 70-83, 1999. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/28456>. Acesso em: 3 abr. 2019.

DOLL, J. Educação e envelhecimento: desafios no mundo contemporâneo. In: ANICA, A. et al. (org.). **Envelhecimento ativo e educação**. Algarve: Universidade do Algarve, 2014. p. 5-17. Disponível em: <https://sapiencia.ualg.pt/bitstream/10400.1/5702/5/Ebook%20FINAL.pdf#page=7>. Acesso em: 3 jul. 2019.

FERNANDES, J. da S. G. et al. Análise discursiva das representações sociais de idosos sobre suas trajetórias de vida. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 3, p. 903-920, 2015. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/46451/36694>. Acesso em: 6 jun. 2020.

GOLDANI, A. M. Desafios do “preconceito etário” no Brasil. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 31, n. 111, p. 411-434, abr./jun. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v31n111/v31n111a07.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2020.

LEÃO, M. A. B. G. Educação permanente de adultos maduros, idosos e de profissionais da área do envelhecimento: fundamentos para um projeto pedagógico de extensão universitária. **Revista de Extensão da Universidade de Taubaté**, Taubaté, v. 1, p. 45-54, 2008. Disponível em: <http://periodicos.unitau.br/ojs/index.php/extensao/article/view/762>. Acesso em: 17 abr. 2020.

MOURA, G.A. de; SOUZA, L.K. de. Autoimagem, socialização, tempo livre e lazer: quatro desafios à velhice. **Textos e Contextos**, Porto Alegre, v. 11, n. 1, p. 172-183, jan./jul. 2012. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/fass/ojs/index.php/fass/article/view/9492>. Acesso em: 4 maio 2020.

PANOZZO, E. A. L.; MONTEIRO, J. K. Aposentadoria e saúde mental: uma revisão de literatura. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 16, n. 2, p. 199-209, 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cpst/v16n2/a05v16n2.pdf>. Acesso em: 1 jul. 2020.

PEREIRA, J. M. M. Escola do riso e do esquecimento: idosos na educação de jovens e adultos. **Educação em Foco**, Juiz de Fora, v. 16, n. 2, p. 11-32, fev. 2012. Disponível em: <https://www.ufjf.br/revistaedufoco/files/2012/08/Texto-014.pdf>. Acesso em: 4 jun. 2020.

PEREIRA, J.Z.; TRAESEL, E.S.; MERLO, A.R.C. Docência: psicodinâmica e relações de trabalho. **Psicologia Argumento**, v. 31, n. 72, p. 89-99, jan./ mar. 2013. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/20183/19471>. Acesso em: 10 jun. 2020.

SIQUEIRA, R. L. de; BOTELHO, M. I. V.; COELHO, F. M. G. A velhice: algumas considerações teóricas e conceituais. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 7, n. 4, p. 899-906, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csc/v7n4/14613.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2020.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo centrou suas atenções em compreender de que modo se processa o ingresso e a permanência de estudantes idosos em uma instituição pública de ensino superior no interior do Rio Grande do Sul. Ao analisar-se o processo de ingresso de estudantes idosos na instituição, verificaram-se algumas singularidades. Apesar da maior proporção de mulheres no segmento etário a partir dos 60 anos, os homens são maioria na universidade ocupando quase 58% das matrículas na instituição no interstício de 2016 a 2019.

Ainda, são considerados idosos jovens apresentando idade média de 62 anos. A maioria desses estudantes ingressou por meio de processo seletivo e apresentam vinculação regular com o curso o que demonstra a manutenção das capacidades cognitivas. O perfil sociodemográfico revela que em sua maioria são casados ou coabitam com um/a companheiro/a, possuindo filhos que, muitas vezes, vivem na mesma moradia. Apesar de inseridos na educação superior, muitos possuem graduação, apresentando renda familiar de 5 a 10 salários mínimos.

Verificou-se ainda que, embora a maioria dos estudantes esteja aposentada, essa realidade apresenta variações de acordo com o sexo, sendo uma situação presente entre as mulheres do que entre os homens. Além disso, apresentam satisfação com a vida de maneira geral e, apesar de aposentados, alguns ainda seguem trabalhando. De modo geral, verifica-se que o perfil encontrado na pesquisa aponta para um idoso jovem que, em decorrência de um contexto social e econômico, tiveram acesso à educação em fases anteriores da vida, com repercussões no trabalho implicando em maior renda.

Com relação às motivações e aos desafios no ingresso e permanência no ensino superior, vêem a educação superior como uma estratégia privilegiada para gerenciar a maior disponibilidade de tempo em decorrência da aposentadoria, bem como para atribuir novo sentido e significado ao tempo livre. Para estes a aposentadoria possibilitou compensar oportunidades não vivenciadas em etapas anteriores da vida.

Com relação às expectativas, esses alunos reconhecem que o tempo vivido agora na velhice assume outro ritmo e que as possibilidades de inserção no mercado de trabalho ficaram para trás. No entanto, a velhice se apresenta como uma etapa para vivenciar experiências que não foram possíveis anteriormente, para encabeçar novos planos e principalmente, executá-los. Assim, estes estudantes reafirmam que a velhice pode ser revestida por novas possibilidades e que, mesmo diante de adversidades, podem atribuir novos finais e novos recomeços.

Não se pode abster em considerar que este estudo apresentou limitações que ocorreram em função da amostra para compor a etapa qualitativa da pesquisa, uma vez que alguns estudantes não quiseram participar e outros não responderam ao convite. Outra dificuldade do estudo residiu na realização das entrevistas por meio de ligação telefônica o que dificultou o processo de aproximação física com os participantes. Também se destaca que, apesar da maioria dos estudantes homens comporem o perfil, foram as mulheres que, em sua maioria, se dispuseram a participar das entrevistas.

Em vista das diversas possibilidades que ainda se apresentam a serem decifradas, espera-se que este estudo tenha contribuído para promover discussões a amplificar o debate a respeito das possibilidades em torno do ingresso e da permanência de estudantes idosos nas universidades.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA, M. A. de F. Programa de Pós-Graduação em Gerontologia da Universidade Federal de Santa Maria/RS. **Pajar**, Porto Alegre, v. 4, n. 2, p. 99-103, 2014. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/pajar/article/view/21068>. Acesso em: 8 ago. 2019.
- ALBUQUERQUE, M. S.; CACHIONI, M. Pensando a gerontologia no ensino fundamental. **Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 141-163, set. 2013. Disponível em: <https://ken.pucsp.br/kairos/article/view/19001/0>. Acesso em: 9 ago. 2019.
- ALVES, J. **Análise dos benefícios de participação percebidos por idosos frequentadores de um programa de educação permanente**. 2018. 96f. Dissertação (Mestre em Gerontologia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/333913/1/Alves_JulianaMedeiros_M.pdf. Acesso em: 20 jun. 2020.
- AREOSA, S. V. C. et al. Envelhecimento ativo: um panorama do ingresso de idosos na universidade. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 3, p. 212-228, set./dez. 2016. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/viewFile/8407/pdf>. Acesso em: 2 mar. 2019.
- ARRUDA, I. E. de A. O perfil das universidades da terceira idade no Estado de São Paulo. **A terceira idade: estudos sobre o envelhecimento**, São Paulo, v. 21, n. 47, p. 7-19, 2010. Disponível em: https://www.sescsp.org.br/files/edicao_revista/cde270d8-9008-43f5-9706-2749a1add84c.pdf. Acesso em: 17 maio 2020.
- BARBOUR, R. **Grupos focais**. Tradução de Marcelo F. Duarte. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BÁRRIOS, M. J.; FERNANDES, A. A. A promoção do envelhecimento ativo ao nível local: análise de programas de intervenção autárquica. **Revista Portuguesa de Saúde Pública**, Lisboa, v. 32, n. 2, p. 188-196, 2014. Disponível em: <https://reader.elsevier.com/reader/sd/pii/S0870902514000492?token=89EDC5E38B1A0204A447C564B79E07E7F5C38BDDAF0AD65D9C5EC0A8B875A7ABC5BAA99BA65776DB58B93DF580C53D5E>. Acesso em: 15 ago. 2020.
- BEAUVOIR, S. de. **A velhice**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.
- BISSOLI, P. G. M.; CACHIONI, M. Educação gerontológica: breve intervenção em Centro de Convivência-dia e seus impactos nos profissionais. **Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 143-165, set. 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/10056>. Acesso em: 2 fev. 2020.
- BLESSMANN, E. J.; ACOSTA, M. A. F.; AREOSA, S. V. C. Histórico do Fórum Gaúcho das Instituições de Ensino Superior com ações voltadas ao envelhecimento. In: AREOSA, S.V.C. (org.). **Envelhecimento e universidade: um estudo do Fórum Gaúcho das IES do Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: Casa Leiria, 2015. p. 9-20.
- BRASIL. Lei nº 10.741, de 1 de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Poder Legislativo, Brasília, DF, 3 out. 2003.

BRASIL. **Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020**. Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus responsável pelo surto de 2019. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 7 fev. 2020.

CACHIONI, M. Universidade da terceira idade: história e pesquisa. **Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 15, n. 7, p. 1-8, dez. 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/15225/11354>. Acesso em: 1 abr. 2020.

CACHIONI, M. Universidades Abertas à Terceira Idade como contextos de convivência e aprendizagem: possíveis implicações para o bem-estar subjetivo e o bem-estar psicológico. **Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 15, n. 7, p. 23-32, dez. 2012. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/viewFile/15227/11356>. Acesso em: 6 set. 2019.

CAMARANO, A. A. Perspectivas de crescimento da população brasileira e algumas implicações. In: CAMARANO, A. A. (org.). **Novo regime demográfico: uma nova relação entre população e desenvolvimento?** Rio de Janeiro: IPEA, 2014. Cap. 5. p. 177-210.

CAMARANO, A. A.; KANSO, S. Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica. In: FREITAS, E. V. de; PY, L. **Tratado de geriatria e gerontologia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013. Cap. 5. p. 133-152.

CAMARANO, A.A.; KANSO, S.; FERNANDES, D. Brasil envelhece antes e pós-PNI. In: ALCÂNTARA, A. de O.; CAMARANO, A.A.; GIACOMIN, K.C. **Política Nacional do Idoso: velhas e novas questões**. Rio de Janeiro: IPEA, 2016. cap. 2, p. 63-103. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/9082>. Acesso em: 9 abr. 2020.

CAMARGO, A. M.; JUSTO, B. V. Iramuteq: um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 21, n. 2, p. 513-518, dez. 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v21n2/v21n2a16.pdf>. Acesso em: 1 mar. 2020.

CAMARGO, A. M.; JUSTO, B. V. **Tutorial para uso do software Iramuteq**. Florianópolis: UFSC, nov. 2018. Disponível em: <http://iramuteq.org/documentation/fichiers/tutoriel-portugais-22-11-2018>. Acesso em: 20 mar. 2020.

CAMPELO E PAIVA, S. O. **Envelhecimento, saúde e trabalho no tempo do capital**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2014. 304 p.

CRESWELL, J. W.; PLANO CLARK, V. L. **Pesquisa de métodos mistos**. Tradução de Magda França Lopes. 2. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

DATO, S. et al. The genetics of human longevity: an intricacy of genes, environment, culture and microbiome. **Mechanisms of Ageing and Development**, v. 165, p. 147-155, jul. 2017. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S004763741630255X>. Acesso em: 18 set. 2019.

DOLL, J. A educação no processo de envelhecimento. In: FREITAS, E.; PY, L. (org.). **Tratado de geriatria e gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016. p. 1598-1603.

- DOLL, J. Educação e envelhecimento: desafios no mundo contemporâneo. In: ANICA, A. et al. (org.). **Envelhecimento ativo e educação**. Algarve: Universidade do Algarve, 2014. p. 5-17. Disponível em: <https://sapientia.ualg.pt/bitstream/10400.1/5702/5/Ebook%20FINAL.pdf#page=7>. Acesso em: 3 jul. 2019.
- ELTZ, G. D. et al. Panorama atual das Universidades Abertas à Terceira Idade no Brasil. **Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 17, n. 4, p. 83-94, dez. 2014. Disponível em: <https://ken.pucsp.br/kairos/article/view/23555/16900>. Acesso em: 20 ago. 2019.
- ESPERÓN, J. M. T. Pesquisa Quantitativa na Ciência da Enfermagem. **Escola Anna Nery**, v. 21, n. 1, p. 1-2, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ean/v21n1/1414-8145-ean-21-01-e20170027.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2020.
- FORMOSA, M. Critical educational gerontology: a third statement of first principles, **International Journal of Education and Ageing**, v. 2, n. 1, p. 317-332, 2012. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/46602367.pdf>. Acesso em: 6 set. 2019.
- FORMOSA, M. Critical gerogogy: developing practical possibilities for critical educational gerontology. **Education and Aging**, v. 17, n. 1, p. 73-85, 2002. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/fcf0/d5dc3dbdd7d6f7b424c337796ccf81f88fbb.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2019.
- FRANÇA, L. H. de F. P.; SILVA, A. M. T. B. da; BARRETO, M. S. L. Programas intergeracionais: quão relevantes eles podem ser para a sociedade brasileira? **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 519-531, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbgg/v13n3/a17v13n3.pdf>. Acesso em: 6 jul. 2019.
- GEIB, L. T. C. Determinantes sociais da saúde do idoso. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 17, n. 1, p. 123-133, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csc/v17n1/a15v17n1.pdf>. Acesso em: 3 maio 2020.
- GLENDENNING, F. Educational gerontology and gerogogy: a critical perspective. **Gerontology & Geriatrics Education**, v. 13, n. 2, p. 5-21, 1993. Disponível em: https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1300/J021v13n01_02. Acesso em: 27 abr. 2019.
- GLENDENNING, F. Educational Gerontology: a review of American and British developments. **International Journal of Lifelong Education**, Londres, v. 2, n. 1, p. 63-82, 1983. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/0260137830020106>. Acesso em: 24 abr. 2019.
- GLENDENNING, F. What is the future of educational gerontology. **Ageing and Society**, Cambridge, v. 11, n. 2, p. 209-216, 1991. Disponível em: http://journals.cambridge.org/abstract_S0144686X00004013. Acesso em: 27 maio 2019.
- GUARIENTO, M. E et al. Pesquisa em gerontologia. In: FREITAS, E.V. de; PY, L. (org.). **Tratado de geriatria e gerontologia**. 3.ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013. Cap. 9. p. 209-216.
- HADDAD, E. G. M. **A ideologia da velhice**. 2. ed, São Paulo: Cortez, 2016.

INOUYE, K. **Universidade Aberta à Terceira Idade**: efeitos sobre a qualidade de vida percebida. Orientador: E.S. Pedrazzani. 2016. 119 f. Tese (Doutorado em Educação Especial) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos/ SP, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/2885/3961.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 6 mar. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Mudança demográfica no Brasil no início do século XXI**: subsídios para as projeções da população. Rio de Janeiro: IBGE, 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios contínua**: Educação - 2018. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Sinopse estatística da educação superior 2017**. Brasília: Inep, 2018. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/basica-censo-escolar-sinopse-sinopse>. Acesso em: 02 abr. 2020.

KATZ, S.; CALASANTI, T. Special issue: successful aging. **The Gerontologist**, v. 55, n. 1, p. 26-33, 2015. Disponível em: <https://shrtn.on.ca/sites/default/files/clinical-resources/Successful%20Aging%20Critical%20Perspectives.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2018.

LEMIEUX, A.; MARTINEZ, M. S. Gerontagogy beyond the words: a reality. **Educational Gerontology**, v. 26, n. 5, p. 475-498, 2000. Disponível em: <http://hera.ugr.es/doi/14999973.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2019.

LINS, T. Gerontólogo educacional brasileiro: a construção do modelo brasileiro. **Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 117-140, jun. 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/18528/13717>. Acesso em: 20 jun. 2019.

MELO, N. C. V. de; FERREIRA, M. A. M.; TEIXEIRA, K. M. D. Condições de vida dos idosos no Brasil: uma análise a partir da renda e nível de escolaridade. **Oikos: Revista Brasileira de Economia Doméstica**, Viçosa, v. 25, n. 1, p. 4-19, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/oikos/article/view/3687/1959>. Acesso em: 20 jun. 2020.

MINAYO, M.C. de S. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: MINAYO, M.C. de S. (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. Cap. 3. p. 61-77.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Universidade Federal de Santa Maria. **Portaria nº 97.935**. Suspensão das atividades acadêmicas e administrativas presenciais pelo período de 30 (trinta) dias, a partir de 17 de março de 2020. Santa Maria/ RS, 16 mar. 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Portaria nº 188, de 3 de fevereiro de 2020. Declara Emergência em Saúde Pública de importância Nacional (ESPIN) em decorrência da Infecção Humana pelo novo Coronavírus (2019-nCoV). **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 4 fev. 2020.

MIRANDA, G. M. D.; MENDES, A. C. G.; SILVA, A. L. A. O envelhecimento populacional brasileiro: desafios e consequências sociais atuais e futuras. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, n. 3, v. 19, 507-519, 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rbgg/v19n3/pt_1809-9823-rbgg-19-03-00507.pdf. Acesso em: 10 jun. 2019.

MOTTA, A. B. da. A juvenilização atual das idades. **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia, v. 25, n. 2, p. 11-24, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/21802>. Acesso em: 10 jun. 2019.

NEVES, C.E.B.; MARTINS, C.B. Ensino superior no Brasil: uma visão abrangente. In: DWYER, T. et al. **Jovens universitários em um mundo em transformação**: uma pesquisa sino-brasileira. Brasília, DF: IPEA; Pequim: SSAP, 2016. Cap. 3. p. 95-124.

NICODEMO, D.; GODOI, M.P. Juventude dos anos 60-70 e envelhecimento: estudo de casos sobre feminização e direitos de mulheres idosas. **Ciência em Extensão**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 40-53, 2010. Disponível em: https://ojs.unesp.br/index.php/revista_proex/article/view/324. Acesso em: 20 abr. 2020.

OLIVEIRA, L. L. et al. A presença do idoso no ensino superior brasileiro e os rumos dos modelos de ensino-aprendizagem. **Perspectivas do Desenvolvimento**: um enfoque multidimensional, v. 4, n. 5, p. 1-20, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/perspectivasdodesenvolvimento/article/view/18847/17516>. Acesso em: 2 ago. 2019.

OLIVEIRA, R. C. S. Reconstrução histórica da Universidade Aberta para a Terceira Idade na Universidade Estadual de Ponta Grossa. **Revista HISTEDBR**, Campinas, n. especial, p. 142-161, maio 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640114>. Acesso em: 20 maio 2020.

OLIVEIRA, R. C. S.; SCORTEGAGNA, P. A.; SILVA, F. O. A. Análise das produções sobre a educação na terceira idade. **Pensamento Educacional**: Curitiba, v. 11, n. 28, 151-168, maio/ago. 2016. Disponível em: <https://seer.utp.br/index.php/a/article/view/316>. Acesso em: 18 ago. 2019.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. **Terceiro relatório global sobre aprendizagem e educação de adultos**. Brasília: Unesco, 2016.

PAPALÉO NETTO, M. O Estudo da Velhice: histórico e definição do campo. In: FREITAS, E.V.; PY, L. (org.). **Tratado de geriatria e gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2013. p. 3-13.

PETERSON, D. A. Educational gerontology: the state of the art. **Educational Gerontology**, v. 1, n. 1, p. 61-68, jan./mar. 1976. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/03601277.1976.12049517>. Acesso em: 1 maio 2019.

PETERSON, D. A. Who are the educational gerontologists? **Educational Gerontology**, v. 5, n. 1, p. 65-77, 1980. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/0360hyp800050105?journalCode=uedg20>. Acesso em: 9 jun. 2019.

PLACIDELI, N.; RUIZ, T. Educação continuada em gerontologia para agentes comunitários de saúde. **Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 36, p. 1-10, jul./set. 2015. Disponível em: <https://rbmfc.org.br/rbmfc/article/view/948>. Acesso em: 4 maio 2020.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RAYMUNDO, R. S. et al. O idoso no ensino superior: uma análise dos indicadores oficiais da educação na Região Sudeste. ENCONTRO LATINO AMERICANO DE PÓS-GRADUAÇÃO, 12., 2012. **Anais [...]**. São José dos Campos: Universidade do Vale do Paraíba 2012. Disponível em: http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2012/anais/arquivos/0397_1163_01.pdf. Acesso em 21 abr. 2020.

REIS, S. M. A. de O.; MEIRA, A. M. T.; MOITINHO, C. R. História de vida de idosos no ensino superior: percursos inesperados de longevidade escolar. **Exitus**, Santarém, v. 8, n. 3, p. 340-369, set./dez. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.24065/2237-9460.2018v8n3ID649>. Acesso em: 1 ago. 2019.

RICOLDI, A.; ARTES, A. Mulheres no ensino superior brasileiro: espaço garantido e novos desafios. **Ex Aequo**, Lisboa, n. 33, p. 149-161, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aeq/n33/n33a11.pdf>. Acesso em: 20 maio 2020.

SALVIATI, M. E. **Manual do Aplicativo Iramuteq: versão 0.7 Alpha 2 e R Versão 3.2.3**. Planaltina/ DF, 2017. 93 p. Disponível em: <http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/manual-do-aplicativo-iramuteq-par-maria-elisabeth-salviati>. Acesso em: 3 abr. 2020.

SÁNCHEZ, C. S. Educación y envejecimiento: una relación dinámica y em constante transformación. **Educación XXI**, v. 18, n. 2, p. 237-255, 2015. Disponível em: <http://revistas.uned.es/index.php/educacionXX1/article/view/14603>. Acesso em: 8 mar. 2019.

SCORALICK-LEMPKE, N. N.; BARBOSA, A.J.G. Educação e envelhecimento: contribuições da perspectiva Life-Span. **Estudos de Psicologia**, Campinas, 29 (Suppl. 1), 647-655, 2012. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-166X20120005000011>. Acesso em: 5 jun. 2018.

SCORTEGAGNA, P. A.; OLIVEIRA, R. de C. da S. Educação: integração, inserção e reconhecimento social para o idoso. **Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 13, p. 53-72, jun. 2010. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/4858/3440>. Acesso em: 14 out. 2019.

SILVA, A. L. C. **Introdução à análise de dados**. Rio de Janeiro: E-papers, 2009.

SOBRAL, A.; FREITAS, C. M. de. Modelo de organização de indicadores para operacionalização dos determinantes socioambientais da saúde. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 35-47, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/sausoc/v19n1/04.pdf>. Acesso em 20 jun. 2019.

TEIXEIRA, S. M. Envelhecimento do trabalhador na sociedade capitalista. In: TEIXEIRA, S. M. (org.). **Envelhecimento na sociabilidade do capital**. Campinas: Papel Social, 2017. p. 31-52.

VERAS, R.; DUTRA, S. **Perfil do idoso brasileiro: questionário BOAS**. Rio de Janeiro: UERJ/ UnATi, 2008.

YIN, R. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre: Penso, 2016.

ZHU, N. et al. A novel coronavirus from patients with pneumonia in China, 2019. **The New England Journal of Medicine**, v. 8, n. 382, p. 727-733, fev. 2020.

APÊNDICE A – AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL DA PROGRAD



AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

Eu, Profa. Martha Bohrer Adaime, abaixo assinado, responsável pela Pró-Reitoria de Graduação da UFSM, autorizo a realização do estudo “*A população idosa frente ao ensino superior: desafios, possibilidades e expectativas*”, registrado no GAP/ CEFD sob o número 052767, a ser conduzido pelos pesquisadores responsáveis Prof. Dr. Marco Aurelio de Figueiredo Acosta (orientador), Profa. Dra. Miriam Cabrera Corvelo Delboni (coorientadora) e Esp. Clarita Souza Baroni Silveira, estudante no Programa de Pós-Graduação em Gerontologia, matrícula 201870152.

O estudo só poderá ser realizado se aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos.

Santa Maria, ____ de _____ de 2019.

Martha Bohrer Adaime
Pró-Reitora de Graduação

APÊNDICE B – AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL DO DERCA.**AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL**

Eu, Francisco Antônio dos Santos Lovato, abaixo assinado, responsável pelo Departamento de Registro Acadêmico (DERCA) vinculado à Pró-Reitoria de Graduação da UFSM, autorizo a realização do estudo “*A população idosa frente ao ensino superior: desafios, possibilidades e expectativas*”, registrado no GAP/ CEFD sob o número 052767, a ser conduzido pela a ser conduzido pelos pesquisadores responsáveis Prof. Dr. Marco Aurelio de Figueiredo Acosta (orientador), Profa. Dra. Miriam Cabrera Corvelo Delboni (coorientadora) e Esp. Clarita Souza Baroni Silveira, estudante no Programa de Pós-Graduação em Gerontologia, matrícula 201870152.

O estudo só poderá ser realizado se aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos.

Santa Maria, ____ de _____ de 2019.

Francisco Antônio dos Santos Lovato
Diretor do DERCA/ PROGRAD

APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO *BRAZIL OLD AGE SCHEDULE*

QUESTIONÁRIO *B.O.A.S. (BRAZIL OLD AGE SCHEDULE)*

Questionário Multidimensional para Estudos Comunitários na População Idosa

As informações contidas neste questionário permanecerão confidenciais.

Nº do questionário	
Registro	
Área	
Cluster	

Nome do/a entrevistado/a:
Endereço:
Bairro:
Cidade/ UF:
Telefone:
Data da entrevista:
Nome do/a entrevistador/a:

INFORMAÇÕES GERAIS

1. Sexo do Entrevistado:

Entrevistador: Indique o sexo da pessoa entrevistada

Masculino

Feminino

2. Quantos anos você tem? _____ anos

N.S./N.R

3. Em que país você nasceu?

Brasil

Outro país (especifique) _____

N.S./N.R

Entrevistador: Se marcou Brasil, vá para Q. 3a. Se outro país, vá para Q. 4 e marque N.A. na Q. 3a.

3a. Em que estado do Brasil você nasceu?

Nome do estado _____

- Região Norte
- Região Nordeste
- Região Sudeste
- Região Sul
- Região Centro-Oeste
- N.A.
- N.S./N.R.

4. Há quanto tempo (anos) você mora nesta cidade? _____ (número de anos)

- N.S./N.R.

5. Qual é sua escolaridade máxima completa?

- Ensino médio/ 2º grau completo
- Ensino superior (graduação)
- Pós-graduação (especialização)
- Pós-graduação (mestrado)
- Pós-graduação (doutorado)
- N.S./N.R.

6. Atualmente qual é a sua situação conjugal?**Entrevistador:** Marque apenas uma alternativa

- Casado/morando junto
- Viúvo (a) (**Vá para Q. 7 e marque N.A. nas Qs. 6a. e 6b.**)
- Divorciado(a) / separado (a) (**Vá para Q. 7 e marque N.A. nas Qs. 6a. e 6b.**)
- Nunca casou (**Vá para Q. 7 e marque N.A. nas Qs. 6a. e 6b.**)
- N.S./N.R.

6a. Há quanto tempo você está casado(a) / morando junto?**Entrevistador:** A pergunta se refere ao relacionamento atual

_____ (número de anos)

- N.A.
- N.S./N.R.

6b. Qual a idade de seu(sua) esposa(o)/ companheiro(a) ? _____ anos de idade.

N.A.

N.S./N.R.

7. Você teve filhos? (em caso positivo, quantos?)

Entrevistador: Especifique o número de filhos _____ / filhas _____
_____ (número total de filhos/as)

Nenhum

N.S./N.R.

8. Quantas pessoas vivem com você em sua casa? _____ pessoas

Entrevistado(a) mora só. (**Vá para Q. 9 e marque N.A. na Q. 8a.**)

N.S./N.R.

8a. Quem são essas pessoas?

Entrevistador: Para cada categoria de pessoas indicada pelo entrevistado marque a resposta com X.

Esposo(a)/ companheiro(a)

Pais

Filhos/ filhas

Irmãos/ irmãs

Netos/ netas

Outros parentes

Amigos

Empregado(a)

9. Como o(a) Sr.(a) se sente em relação à sua vida em geral ?

Entrevistador: Leia para o entrevistado as alternativas listadas.

Marque apenas uma opção.

Satisfeito(a) (**Vá para a Q. 10 e marque N.A. na Q. 9a.**)

Insatisfeito(a)

N.S./ N.R.

9a. Quais são os principais motivos de sua insatisfação com a vida?**Entrevistador:** Não leia para o entrevistado as alternativas listadas

- Problema econômico
- Problema de saúde
- Problema de moradia
- Problema de transporte
- Conflito nos relacionamentos pessoais
- Falta de atividades
- Outro problema (especifique)

RECURSOS ECONÔMICOS

10. Que tipo de trabalho (ocupação) você teve durante a maior parte de sua vida?**Entrevistador:** Anote o tipo de trabalho

-
- Nunca trabalhou (**Vá para Q. 11 e marque N.A. na Q. 10a.**)
 - Dona de casa (**Vá para Q. 11 e marque N.A. na Q. 10a.**)
 - N.S./N.R.

10a. Por quanto tempo? Número de anos: _____

- N.A.
- N.S./N.R.

11. Atualmente você está trabalhando? Por trabalho quero dizer qualquer atividade produtiva remunerada.

- Sim (**Vá para Q. 12 e marque N.A. na Q. 11a.**)
- Não
- N.S./N.R.

11a. Com que idade você parou de trabalhar? _____ anos

- N.A.
- N.S./N.R.

12. De onde você tira o sustento de sua vida?

- do seu trabalho
- da sua aposentadoria
- da pensão/ajuda do(a) seu (sua) esposo(a)/ companheiro(a)
- da ajuda de parentes ou amigos
- de aluguéis, investimentos
- de outras fontes, _____

13. Em média, qual é a sua renda mensal?

Entrevistador: Caso haja mais de uma fonte, anote a soma destes valores. (Atenção: valor líquido)

Rendimento mensal de R\$ _____ reais.

- N.S./N.R.

13a. Qual é a renda média mensal das pessoas que vivem nesta residência? Não preciso saber o valor exato, basta dizer-me o valor aproximado.

Entrevistador: Se o entrevistado vive sozinho e tem rendimento, repita o valor informado na Q. 13. Se o entrevistado vive sozinho e não tem rendimento, marque N.A. nesta questão e na Q. 13b.

Rendimento mensal de R\$ _____ reais.

- N.A.
- N.S./N.R.

13b. Quantas pessoas, incluindo você, vivem com esse rendimento familiar? _____ pessoas

- N.A.
- N.S./N.R.

14. Por favor, informe se em sua casa/apartamento existem ou estão funcionando em ordem os seguintes itens:

Entrevistador: Leia para o entrevistado as alternativas listadas:

- Água encanada
- Eletricidade
- Ligação com a rede de esgoto
- Rádio
- Televisão
- TV à cabo
- DVD
- Computador

- Telefone
- Internet
- Automóvel/ motocicleta

15. Você é proprietário(a), aluga ou usa de graça o imóvel onde reside?

Entrevistador: Para cada uma das três categorias (propriedade, aluguel ou usa de graça) verifique em qual o entrevistado se enquadra.

Especifique apenas uma alternativa.

- Propriedade da pessoa entrevistada ou do casal
- Propriedade do cônjuge do entrevistado
- Alugado pelo entrevistado
- Morando em residência cedida sem custo para o entrevistado
- Outra categoria (especifique)
- N.S./N.R.

16. Em comparação a quando você tinha 50 anos de idade, a sua atual situação econômica é:

Entrevistador: Leia para o entrevistado as alternativas listadas.

Marque apenas uma opção

- Melhor
- A mesma
- Pior
- N.S./N.R.

17. Para suas necessidades básicas, o que você ganha:

Entrevistador: Leia para o entrevistado as alternativas listadas de 1 a 4.

Marque apenas uma opção.

- Dá e sobra
- Dá na conta certa
- Sempre falta um pouco
- Sempre falta muito
- N.S./N.R.

ENTREVISTADOR: LEIA PARA O(A) ENTREVISTADO(A) O PARÁGRAFO SEGUINTE

Algumas pessoas como o(a) Sr.(a) que foram entrevistadas nesta pesquisa vão ser entrevistadas numa outra ocasião. No caso de você ser uma das pessoas escolhidas eu gostaria de pedir a sua permissão para uma nova entrevista. Esclareço que essa nova entrevista, se ocorrer, será bem pequena e eu estarei

acompanhando(a) por um(a) outro(a) colega de equipe. Para isto eu gostaria de solicitar sua permissão para um novo possível contato. Você poderia me informar seu nome completo (_____) e, caso você tenha o número do seu telefone (_____)?

Entrevistador: assegure para a pessoa entrevistada que seu nome foi solicitado apenas para facilitar uma possível rápida nova entrevista para verificação das informações coletadas por parte do entrevistador. As respostas contidas neste questionário, como também o nome do entrevistado, permanecerão estritamente confidenciais.

Muito obrigado(a) pela sua colaboração.

O(a) Sr.(a) tem alguma pergunta que gostaria de fazer?

O(a) Sr.(a) gostaria de acrescentar alguma coisa a mais sobre o que já mencionou?

Entrevistador: registre a resposta do entrevistado aqui

NOME DO ENTREVISTADOR

____/____/____

DIA MÊS ANO

ASSINATURA DO ENTREVISTADOR

APÊNDICE D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Título do estudo: *A população idosa frente ao ensino superior público: desafios, possibilidades e expectativas.*

Pesquisadores responsáveis: Prof. Dr. Marco Aurelio de Figueiredo Acosta e Profa. Dra Miriam Cabrera Corvelo Delboni

Demais pesquisadores: Clarita Souza Baroni Silveira

Instituição/Departamento: Universidade Federal de Santa Maria/ Programa de Pós-Graduação em Gerontologia/ CEFD.

Telefone e endereço postal completo: (55) 999 569 492. Avenida Roraima, 1000, prédio 51, sala 1035, 97105-970 - Santa Maria - RS.

Local da coleta de dados: a coleta de dados se dará por meio de questionário eletrônico e por entrevista por telefone.

Nós, Marco Aurelio de Figueiredo Acosta e Miriam Cabrera Corvelo Delboni, responsáveis pela pesquisa “*A população idosa frente ao ensino superior público: desafios, possibilidades e expectativas*”, o(a) convidamos a participar como voluntário(a) deste nosso estudo.

Esta pesquisa tem como **objetivo** analisar o perfil sociodemográfico de estudantes idosos matriculados em cursos de ensino superior e compreender os motivos para ingresso no ensino superior, os desafios vivenciados no meio acadêmico e as expectativas em relação ao curso escolhido. Acreditamos que ela seja importante devido ao crescente número de idosos ingressando em cursos de ensino superior. Para a realização dessa pesquisa será realizada a coleta de dados quantitativos a partir da aplicação do questionário *Brazil Old Age Schedule (B.O.A.S.)* – versão reduzida e adaptada. Sua participação consistirá em responder as perguntas ao(à) entrevistador(a) que as registrará diretamente no questionário impresso. Caso seja um dos selecionados para a segunda fase do projeto, sua participação consistirá em participar de uma entrevista em profundidade cujo áudio será gravado em dispositivo digital e, posteriormente, transcrito. Salientamos que os dados da pesquisa somente poderão ser divulgados de maneira anônima.

Quanto aos riscos, essa pesquisa apresenta risco mínimo. No entanto, é possível que aconteçam riscos de ordem psicológica ou emocional como medo, vergonha, cansaço ou desconforto ao responder à alguma pergunta. Com o objetivo de minimizar tais riscos, será garantido local reservado e a liberdade para não responder a questões que julgar constrangedoras. Os benefícios que esperamos com o estudo são melhorias no planejamento das políticas institucionais voltadas ao segmento idoso no contexto acadêmico.

Durante todo o período da pesquisa você terá a possibilidade de esclarecer quaisquer dúvidas ou solicitar qualquer outro esclarecimento. Para isso, entre em contato com o pesquisador responsável ou com o Comitê de Ética em Pesquisa.

Você tem garantida a possibilidade de não aceitar participar ou de retirar sua permissão a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo pela sua decisão.

As informações desta pesquisa serão confidenciais e poderão ser divulgadas apenas em eventos ou publicações, sem a identificação dos(as) voluntários(as), a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação.

Os gastos necessários para a sua participação na pesquisa serão assumidos pelos pesquisadores. Fica, também, garantida indenização em casos de danos comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa.

Autorização

Eu, _____ [nome completo do(a) voluntário(a)], após a leitura ou a escuta da leitura deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, estou suficientemente informado, ficando claro para que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade. Diante do exposto e de espontânea vontade, expresso minha concordância em participar deste estudo e assino este termo em duas vias, uma das quais me foi entregue.

Assinatura do(a) voluntário(a).

Assinatura do responsável pela obtenção do TCLE

Santa Maria, _____ de _____ de _____.

APÊNDICE E – TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

Título do projeto: *A população idosa frente ao ensino superior: desafios, possibilidades e expectativas.*

Pesquisadores responsáveis: Prof. Dr. Marco Aurelio de Figueiredo Acosta e Profa. Dra. Miriam Cabrera Corvelo Delboni

Instituição: Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Telefone para contato: (55) 996.268.993

Local da coleta de dados: Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Os responsáveis pelo presente projeto se comprometem a preservar a confidencialidade dos dados dos participantes envolvidos no trabalho, que serão coletados por meio de questionários e entrevistas abertas, no *campus* sede da Universidade Federal de Santa Maria, no período de dezembro de 2019 a junho de 2020.

Informam, ainda, que estas informações serão utilizadas, única e exclusivamente, no decorrer da execução do presente projeto e que as mesmas somente serão divulgadas de forma anônima, bem como serão mantidas no seguinte local: UFSM, Avenida Roraima, 1000, prédio 51, Departamento de Educação Física e Desportos (CEFD), sala 1035, CEP 97105-970 - Santa Maria – RS, por um período de cinco anos, sob a responsabilidade do Prof. Dr. Marco Aurélio Figueiredo Acosta e da Profa. Dra. Miriam Cabrera Corvelo Delboni. Após este período os dados serão destruídos.

Este projeto de pesquisa foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSM em ___/___/_____ com o número de registro Caae _____.

Santa Maria, ____ de _____ de 20 ____

Prof. Dr. Marco Aurelio de F. Acosta

Profa. Dra. Miriam C. Corvelo Delboni

APÊNDICE F – EMENDA 1

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP-UFSM
FORMULÁRIO PARA APRESENTAÇÃO DE “EMENDA” OU EXTENSÃO DO
CRONOGRAMA

CAAE: 26380519.1.0000.5346

Título do Projeto: “A população idosa frente ao ensino superior público: desafios, possibilidades e expectativas”

Pesquisador(es) Responsável(is): Prof. Dr. Marco Aurelio Acosta e Profa. Dra. Miriam Cabrera Corvelo Delboni

TIPO DE DOCUMENTO: EMENDA

1. Quais fatores influenciaram na emissão deste documento?

Os principais fatores determinantes para a solicitação dessa emenda concentram-se na dificuldade de acessar os estudantes que se encontram com a matrícula em situação de evasão por abandono, bem como a disponibilidade de tempo desses estudantes para agendar um horário para a aplicação do questionário.

2. O que se propõe no documento apresentado?

Como alternativa para contemplar o maior número de participantes na pesquisa apresentada, propõe-se a elaboração de questionário com suporte do Centro de Processamento de Dados (CPD) da instituição que os remeterá diretamente aos estudantes, por meio de e-mail. Desse modo, acredita-se que a estratégia proposta proporcione à pesquisa o aumento da eficácia na resposta dos participantes.

3. Anexar os documentos que compõem a emenda.

DECLARO ESTAR CIENTE E DE ACORDO COM AS INFORMAÇÕES PRESENTES NESTE FORMULÁRIO

Santa Maria, 16 de março de 2020.

Prof. Dra. Miriam Cabrera Corvelo Delboni

APÊNDICE G – EMENDA 2

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP-UFSM
FORMULÁRIO PARA APRESENTAÇÃO DE “EMENDA” OU EXTENSÃO DO
CRONOGRAMA

CAAE: 26380519.1.0000.5346

Título do Projeto: “A população idosa frente ao ensino superior público: desafios, possibilidades e expectativas”

Pesquisador(es) Responsável(is): Prof. Dr. Marco Aurelio Acosta e Profa. Dra. Miriam Cabrera Corvelo Delboni

TIPO DE DOCUMENTO: EMENDA**1. Quais fatores influenciaram na emissão deste documento?**

Considerando o atual cenário de pandemia decretado pela Organização Mundial da Saúde em razão do surgimento de uma pneumonia viral causada por um novo coronavírus (SARS-CoV-2) identificado pela primeira vez em dezembro de 2019 na cidade de Wuhan, capital da Província de Hubei na China e que tem se alastrado nos últimos meses em todos os países que culminaram na suspensão das atividades presenciais na instituição, bem com considerando-se que a população participante da presente pesquisa é constituída por indivíduos que apresentam maiores riscos de apresentar as formas mais graves da doença, propõe-se alterar a estratégia de coleta de dados da entrevista com os estudantes.

2. O que se propõe no documento apresentado?

Como alternativa à entrevista face a face tradicionalmente utilizada nos estudos, propõe-se a utilização de ligação telefônica para a realização dessa etapa da pesquisa, respeitando-se os preceitos éticos para preservar o sigilo das informações coletadas durante esse procedimento. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) será encaminhado por e-mail para que seja de prévio conhecimento do participante que o enviará ao entrevistador em documento digital. O áudio da entrevista será gravado em dispositivo com essa finalidade e, após a transcrição da entrevista, será remetido por meio digital o documento com a íntegra da entrevista para anuência do(a) entrevistado(a). Desse modo,

acredita-se que a estratégia proposta proporcione à pesquisa o aumento da eficácia na resposta dos participantes.

3. Anexar os documentos que compõem a emenda.

**DECLARO ESTAR CIENTE E DE ACORDO COM AS INFORMAÇÕES
PRESENTES NESTE FORMULÁRIO**

Santa Maria, 22 de maio de 2020.

Profa. Dra. Miriam Cabrera Corvelo Delboni

ANEXO A – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.

ENTREVISTA COM ESTUDANTES IDOSOS EM NÍVEL DE GRADUAÇÃO

Código da Entrevista	
Entrevistado(a)	
Centro/ Departamento	
Curso	
Turno	
Entrevistador(a)	
Data da Entrevista	
Transcritor(a)	
Roteiro utilizado	Entrevista Semiestruturada

1. O que o/a motivou a ingressar no ensino superior nessa etapa de sua vida?
2. Você iniciou e/ou finalizou outro curso superior em outro momento de sua vida? Em caso afirmativo, quando isso ocorreu?
3. Qual a maior motivação para a escolha do curso?
4. Quais os desafios que você encarou ou ainda encara por ser um(a) estudante universitário(a) mais velho(a)?
5. Você já teve que interromper este ou outro curso superior? Por qual(uais) razão (razões)?
6. Existe algum suporte ou necessidade que você necessitaria que a universidade prove-se para auxiliar a sua permanência no curso?
7. Quais as suas expectativas em relação ao curso após concluí-lo?